

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS

AMINA MARIA FIGUEROA VERGARA

A United Fruit Company e a Guatemala de Miguel Angel
Asturias

São Paulo
Janeiro de 2010

AMINA MARIA FIGUEROA VERGARA

A United Fruit Company e a Guatemala de Miguel Angel
Asturias

Dissertação apresentada na
Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de
Mestre em História Social

Área de Concentração:
História Social

Orientador: Prof. Dr.
Júlio César Pimentel
Pinto Filho

São Paulo
Janeiro de 2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo

Vergara, Amina Maria Figueroa.

A United Fruit Company e a Guatemala de Miguel Angel Asturias
/ Amina Maria Figueroa Vergara; orientador Prof. Dr. Júlio César Pimentel.
- São Paulo, 2010.
142 f. : il.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade de São Paulo, 2010.

1.História da América 2.História e Literatura 3.História da Guatemala
4.Miguel Angel Asturias 5.Trilogia Bananeira 5.United Fruit Company. I.
Julio César Pimentel Pinto Filho. II. Título. III. Título: A United Fruit
Company e a Guatemala de Miguel Angel Asturias

Nome: VERGARA, Amina Maria Figueroa
Título: A United Fruit Company e a Guatemala de Miguel Angel Asturias

Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São
Paulo para obtenção do
título de Mestre em História
Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

À terra e ao homem centro-americanos.

Agradecimentos

A Malik, deus soberano.

A la vida, que me ha dado tanto.

Ao meu pai Rafael, pelos erros e acertos, pelo apoio incondicional e pelo imenso amor, maior que qualquer desentendimento, desencontro ou mal-entendido.

À minha mãe Ximena, também pelo amor, paciência, apoio, carinho e compreensão.

Aos meus irmãos, que amo muito, Garcia, Fernán, Fátima e Eloy, pela ajuda, conselhos, paciência, alternativas, caminhos, possibilidades, risos e broncas.

Aos sobrinhos, em especial Rafinha, com quem sempre aprendo sobre os mistérios da vida.

Ao amigo Juan José Ratto que encontrou, não sem dificuldades, as principais fontes desta pesquisa.

À amiga Bruna Soalheiro que me apresentou o “caminho das pedras” e me mostrou que também existe vida acadêmica inteligente para além da Baía de Guanabara.

Ao Júlio, meu orientador nesta pesquisa, profissional interessado pelo diferente e pessoa especial entre as vaidades acadêmicas. Por sua paciência, tranquilidade e ajuda constantes e precisas, por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

Aos amigos de USP: Eça, por compartilhar comigo a mesma empolgação por *Nuestra America*. Eduardo e Paulo, por se disporem a ler meu trabalho e apresentarem ricas contribuições.

Aos professores cujas disciplinas cursei, em especial Samuel Titan Jr., por tornar o mundo das letras ainda mais rico e interessante e Horacio Gutierrez, por ter feito a ponte entre São Paulo e Cidade da Guatemala, viagem imprescindível para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

À Cecília Azevedo, por sempre se entusiasmar com o trabalho e sucesso de seus alunos e à Laura Hosiasson, pelos pertinentes apontamentos feitos no exame de qualificação.

A todos aqueles que me ajudaram de diversas formas durante minha estada na Guatemala: Patrícia, Carolina, Luzía, pelo carinho, jantares, vinhos, contatos e celulares. Edgar Gutierrez, pelos livros, disponibilidade e atenção. Wener e Jennifer, pela amizade e pela viagem a Puerto Barrios e Livingston. Todos do CEUR – Centro de Estudios

Urbanos y Regionales da USAC, em especial à Claudia, Edgar e Guillermina. À Universidad de San Carlos de Guatemala – USAC, pelo alojamento e à Editorial Universitaria da USAC, pelos livros cedidos. A Javier Mosquera, Luz Mendez de la Vega e Gladys Tobar pela atenção, disponibilidade e informações preciosas. A Sandino Asturias, por me receber com tanta humildade apesar do nome e sobrenome que carrega. A Juan Diego, pelo carinho, amizade e por partilhar coisas da vida. E é claro, ao amigo querido sem o qual nada disso teria sido possível, Eduardo Velásquez.

Aos amigos que fiz na Costa Rica, Inga Luther e Antonio Vallejo, pela ajuda e entusiasmo com meu trabalho. A Arturo Taracena, pelas valiosas pistas.

À amiga Verónica Gonzalez, pelo carinho e por me ouvir falar deste trabalho desde que nos conhecemos.

Às amigadas paulistanas, que levarei no meu coração para o resto da vida: à Didi, pela amizade, carinho e ajuda no “suspiro derradeiro”. À Dri, pelo carinho, saídas, filmes, lanches e por ter revisado meu primeiro texto. À Carol, por rir e me fazer rir. Ao Beto, Flávia, Carolzinha e Wendel, pelos almoços, passeios e sambinhas. À Renata e Daniel, pelos churrascos e aniversários de tias, primos, sobrinhos. À Juliana e Cynthia, pelas saídas e pelo repertório interminável de histórias. À Iza, pelo carinho, comidas, bolos, cafés e histórias impagáveis. E claro, à Lane e Tati, por fazerem minha vida na *paulicéia desvairada* muito mais feliz: à mãe postiça, pelas sopas de ervilha, almoços de domingo, conversas na cozinha, filmes, risos e broncas, à irmã emprestada, pela amizade, carinho, confiança, companheirismo, paciência, apoio, conversas, risadas e choros. E à querida Thata, por tê-las compartilhado comigo.

Às amigadas cariocas: à amiga da vida, Elisa, pelo apoio e paciência. À Nina e Cadu, por me acolherem quando precisei. Ao Zé e Joana, pela amizade e preocupação. À Luiza, por partilhar alguns momentos de São Paulo. Ao Léo, pela amizade e carinho. À Camila, minha veterana favorita. Ao Pedro, parceiro de angustias “mestradas”. Ao Raphael, pelo carinho. Ao Rafael Dutton, por sempre “desconfiar” de nossa empolgação em demasia pela América Latina. À Ana por alimentar essa mesma empolgação. À Renata, pelo apoio, carinho e confiança. Ao Mário, pela amizade. Ao Luis Cláudio, pela diversão. Às queridas amigas e companheiras de apê, Sara e Mari. Ao mais novo amigo, Bruno. Ao Danielzinho, onde quer que esteja.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pela concessão da bolsa de mestrado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

E a Miguel Angel Asturias, por deixar um testemunho tão rico e visceral sobre a história dos homens.

“Yo escribo para quienes no pueden leerme. Los de abajo, los que esperan desde hace siglos en la cola de la historia, no saben leer o no tienen con qué.”

Eduardo Galeano

RESUMO

VERGARA, A. M. F. **A United Fruit Company na Guatemala de Miguel Angel Asturias**, 2010. 142f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Em fins do século XIX um jovem empresário estadunidense fundou uma empresa exportadora de bananas na República da Costa Rica: a United Fruit Company. Mesmo que o comércio de bananas e outras frutas tropicais tenha representado apenas uma parte dos produtos exportados pelos países da América Central – a exportação de café, por exemplo, sempre foi mais significativa –, as companhias bananeiras foram eternizadas por diversos romancistas em alguns dos países centro-americanos em que atuaram. Este trabalho pretende mostrar a trilogia bananeira: *Viento fuerte* (1949), *El Papa verde* (1954) e *Los ojos de los enterrados* (1960) do escritor guatemalteco Miguel Angel Asturias, como uma possibilidade de representação da história da United Fruit Company na Guatemala. Utilizando romances como fonte histórica e realizando a articulação entre o discurso literário e o discurso histórico, a intenção é mostrar a interpretação de Asturias sobre a ação desta multinacional em seu país. Problematizando o encontro entre ambos os discursos e fazendo dialogar a informação histórica sobre o ocorrido e o tratamento literário que Asturias dá a esses mesmos fatos em sua trilogia bananeira.

Palavras-chave: História da América, História e Literatura, História da Guatemala, Miguel Angel Asturias, Trilogia Bananeira, United Fruit Company.

ABSTRACT

VERGARA, A. M. F. **A United Fruit Company na Guatemala de Miguel Angel Asturias**, 2010. 142f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

In the end of the XIX Century a young American entrepreneur founded in the Republic of Costa Rica a company to export banana: the United Fruit Company. Even though the banana commerce and other tropical fruits had represented only a part of the exported products by the Central America countries – the coffee export for instance has always been more significant – the companies that traded bananas were eternalized by a great variety of novelists in some Central American countries where they acted. This work aims to show, as a possibility to represent the History of the United Fruit Company in Guatemala, the books that composes the Banana Trilogy: *Viento fuerte* (1949), *El Papa Verde* (1954) and *Los ojos de los enterrados* (1960) from the Guatemalteco writer Miguel Angel Asturias. Using novels as a historic source and accomplishing the joint between the literary and historic speech, the intention is to show the interpretation of Asturias concerning the action of this multinational company in his country, to open debate between both speeches and to articulate the historic information and the treatment that Asturias gives to this information in his Banana Trilogy books.

Keywords: America History, History and Literature, Guatemala History, Miguel Angel Asturias, Banana Trilogy, United Fruit Company.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. Entre a Cidade da Guatemala e Paris: o descobrimento da América.....	26
2.1 Elementos que figuram a escrita de Asturias.....	29
2.1.1 Uma infância cheia de estímulos.....	29
2.1.2 Juventude: democracia como um breve suspiro.....	34
2.1.3 Paris: ruptura e transcendência	40
2.1.4 Retorno à Guatemala: “ganarse los porotos” e do inferno vem a criação	46
3. A Literatura como fonte de reconstrução do passado	54
3.1 História e Literatura: uma mesma origem, caminhos distintos	56
3.2 A ficção presente na Literatura: relevante na escrita da história	59
3.3 A trilogia bananeira: fatos recolhidos da realidade	66
3.4 Afinal, por que o romance?.....	70
4. La Frutera	72
4.1 O rei sem coroa da América Central e a criação da United Fruit Company..	73
4.2 Império Informal: a UFCo se estabelece na América Central.....	76
4.3 A consolidação da UFCo na Guatemala: os governos liberais abrem as portas.....	78
4.4 Os governos democráticos compram briga com a United Fruit Company...	87
4.5 La Frutera perde a força	91
5. A trilogia bananeira: compromisso com a Guatemala através da literatura	95
5.1 Tropical Platanera S.A.: uma empresa comercial, uma instituição financeira...	100
5.2 Trabalhadores e a estrutura dos distritos bananeiros	103
5.3 A natureza e o homem.....	110
5.4 O trabalho desumano e a banana como fruta sagrada	113
6. Considerações Finais.....	118
7. Fontes e Bibliografia.....	127
ANEXO A.....	132

1. Introdução

Y esa era la realidad de mi país, no el invento mío, nada imaginativo.
(ASTURIAS, in, LORENZ, 1972, p.262)

Que sabemos sobre os países da América Central? Muito pouco. O que nos chega de notícias sobre eles? Quase nada. Ainda são raros os estudos, pelo menos de historiadores brasileiros, sobre temas concernentes aos seis países do istmo. Mesmo assim, a ajuda recebida em pesquisa de campo na Guatemala mostrou como os guatemaltecos, pelo menos aqueles com quem foi travado algum contato, se empenham ao máximo para que sua história seja amplamente difundida. “É com gosto que ajudo àqueles que queiram saber sobre a história do meu país”¹, afirmou uma professora de literatura da Universidade de San Carlos de Guatemala.

Um país lindo, com um povo atencioso, mas que, como os demais países centro-americanos, sofreu com os desmandos de sucessivos governos ditatoriais e corruptos durante os séculos XIX e XX que, inegavelmente, facilitaram a entrada de empresas estrangeiras que pouco contribuíram para o desenvolvimento econômico e social da Guatemala.²

O que sua história tem de peculiar e relevante? Não é o tipo de pergunta que se faça a historiadores, para quem quase tudo é passível de ser investigado, analisado e

¹ Entrevista, Profa. Dra. Gladys Tobar, 13 de julho de 2008, Cidade da Guatemala, Guatemala.

² Embora não seja esta a conclusão de Diane Stanley em *For the Record: the United Fruit Company's sixty-six years in Guatemala*. Como veremos mais adiante, no capítulo 4, a autora afirma que apesar de várias ações controversas da United Fruit Company, esta empresa contribuiu significativamente no desenvolvimento social e econômico da Guatemala.

debatido, independentemente de interesses utilitaristas de terceiros. Nos recusamos a considerar a Guatemala como apenas mais uma “república das bananas”. Trata-se de um termo pejorativo que supõe de forma preconceituosa que os seis países centro-americanos são todos iguais. Cada um deles tem sua própria história e idiosincrasias apesar de descenderem todos do antigo Império Espanhol. A Guatemala foi conquistada pelos espanhóis, seus índios foram escravizados, por três vezes sua capital foi destruída por terremotos, sofreu com governos ditatoriais desde a sua independência, além (e não apesar disso) de ser o país de origem de uma figura tão representativa, embora pouco conhecida, como o escritor Miguel Angel Asturias.

A Asturias, concederam-lhe o Prêmio Nobel de Literatura, é fato, o que despertou mais inveja que admiração de seus conterrâneos e serviu para distanciá-lo, pelo menos geograficamente, de sua tão amada Guatemala. “Soy yo el que vive en Guatemala. Són ellos los que están afuera”, disse Asturias durante um de seus exílios. A representação da história, cultura e identidade guatemaltecas presentes nas obras de Asturias, como *Leyendas de Guatemala*, *El Señor Presidente*, e a trilogia bananeira é, ao mesmo tempo, singular e universal. Singular pelo amplo uso de regionalismos, expressões tipicamente *chapínes* (*chapín* – tudo que é natural da Guatemala), além da abundância de neologismos; e universal por tratar de temas que representariam outros povos e outras culturas, como as tradições orais, a ditadura, a exploração do homem pelo homem e as revoluções populares.

*

O tema aqui trabalhado dá continuidade à pesquisa desenvolvida em monografia de final de curso³. Após a leitura de *Cien años de soledad* e *Vivir para contarla*, ambas de Gabriel García Márquez, verificamos que tanto o romance quanto a autobiografia do autor remetem-se à ação da United Fruit Company⁴, companhia estadunidense exportadora de frutas tropicais com grande atuação na América Central, Venezuela, Colômbia e Equador, mais intensamente durante a primeira metade do século XX.

Embora a pesquisa tenha sido iniciada a partir do livro de Garcia Márquez, o trabalho de graduação que deu origem a esta dissertação baseou-se em outro romance: *Mamita yunai* (Santiago, Chile: Editora Quimantu, 1972), de Carlos Luís Fallas, autor costarriquenho e trabalhador da United Fruit Company naquele país. A primeira edição de *Mamita yunai* foi publicada em San José, Costa Rica, em 1941, e uma segunda edição em 1949, em Santiago do Chile, pela Editora Nascimento. No prólogo da edição chilena de 1972 o escritor costarriquenho Joaquín Gutierrez nos dá a tônica da relação entre Companhia e trabalhadores: “Mamita Yunai: ‘Yunai’, la manera popular de pronunciar el nombre del consorcio frutero, y ‘Mamita’, como una forma de ironizar la mala madrastra del pueblo costarricense.” A novela popularizou-se no Chile por conta da publicação de um poema de Pablo Neruda, em sua obra *Canto Geral*, dedicado a um dos personagens de *Mamita Yunai*, o peão Calero.

³ Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF), em julho de 2005, para obtenção do Grau de Bacharel em História, orientada pelo Prof. Dr. Norberto Ferreras e tendo como leitora crítica a Profa. Dra. Cecília Azevedo, de Eixo Cronológico Contemporâneo e Eixo Temático Cultura e Mentalidades.

⁴ A United Fruit Company recebeu algumas denominações, como: *Yunai* (corruptela de United) e *La Frutera*. Termos como a Companhia, a empresa, United ou UFCo, usados neste trabalho, fazem referência à United Fruit Company. Outras companhias coexistiram com a United Fruit Company, tais como Standard Fruit, Steamship Corporation, Atlantic Fruit and Sugar Company e Di Giorgio Fruit Corporation, mas a primeira foi a predominante, sempre comprando, fundindo ou conglomerando as companhias concorrentes.

Mesmo que o comércio de bananas e outras frutas tropicais tenha representado apenas uma parte dos produtos exportados pelos países da América Central – a exportação de café, por exemplo, sempre foi mais significativa –, as companhias bananeiras foram eternizadas por diversos romancistas em alguns dos países centro-americanos em que atuaram. Autores como Ramón Amaya Amador, de Honduras, Joaquín Beleño, do Panamá, Rafael Arévalo Martínez, da Guatemala e Joaquín Gutiérrez, são alguns exemplos de escritores comprometidos em denunciar a ação deveras controversa destas companhias fruteiras.

Seguindo a pesquisa sobre a ação da UFCo na América Central, e dando continuidade à utilização de romances como fonte histórica, o presente trabalho trata da trajetória da empresa na Guatemala, o que nos conduziu inevitavelmente à trilogia bananeira de Miguel Angel Asturias, formada por: *Viento fuerte* (1949), *El Papa Verde* (1954) e *Los ojos de los enterrados* (1960).

*

A idéia de que Miguel Angel Asturias era um fervoroso militante do Partido Comunista e de que toda sua obra tinha necessariamente uma conotação política, ou seja, era “de compromisso”, caiu por terra quando foi constatado – em viagem de pesquisa à Guatemala – que o Prêmio Nobel de Literatura de 1967 é um dos personagens mais polêmicos de seu país. Um dos menos lidos e um dos mais criticados. Apoiar-se em sua literatura como engajada e comprometida poderia ter sido um caminho ideal para analisar a ação da United Fruit Company na Guatemala. E é sua faceta política a que desperta as maiores polêmicas.

Contudo, seria muito pedir de Asturias que sua obra fosse invariavelmente política e “de compromisso”. Miguel Angel Asturias Amado nasceu em uma família guatemalteca de classe média, tipicamente *criolla*. Teve formação católica, que levou por toda sua vida, ingressou na faculdade de Medicina, transferindo-se para a de Direito. Pendendo para a Sociologia, escreveu sua polêmica tese *El problema social del indio*. Tal estudo foi retomado sob duras críticas pelos movimentos indígenas (maias) que começavam a ganhar força como representação política na Guatemala na década de 1980, acusando Asturias de racista⁵. Entretanto, é preciso ressaltar que toda sua obra literária desmente este seu primeiro e “apressado” trabalho sociológico.

Sendo assim, como afirmou seu amigo Marc Cheymol, Asturias, em seus anos de juventude até seu primeiro exílio em Paris, não passava de um típico *ladino*, ou seja, aquele que não é indígena, que não se identifica, pelo menos não conscientemente, com as tradições dos povos aborígenes de seu país. Pertenciam todos à Guatemala, ladinos e indígenas, e Asturias, no momento em que elaborou sua tese sociológica, ainda se identificava mais diretamente com sua origem *criolla*.

Já as fontes desta pesquisa, a trilogia bananeira, foram concebidas com Asturias mais velho e com sua perspectiva de uma identidade guatemalteca mais próxima do popular – perspectiva esta que começou a se estruturar em sua primeira temporada em Paris, entre 1923 e 1934 –, tratando-se essencialmente de uma obra anti-imperialista, como afirma Manuel José Arce:

⁵ Em sua tese, sob um viés positivista, Asturias expõe a situação degradante das comunidades indígenas na Guatemala e dá soluções como, por exemplo, um maior investimento em sua educação e o incentivo à imigração européia com o fim de “branquear” essas populações.

Es interesante subrayar la coherencia y alcance de la conciencia antiimperialista asturiana de esos años [entre 1923 e 1934, período que passou em Paris]. En este sentido, contrariamente a lo que la crítica suele escribir, la *trilogía bananera* y demás novelas de los años cincuenta representan la expresión artística de posiciones que encuentran aquí su más acabada formulación conceptual (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.894).

Entretanto, a ideia de que a mesma trilogia se tratava de um manifesto político ou mesmo “comunista”, porque seu autor seria militante do Partido Comunista e estaria denunciando a intervenção voraz de uma empresa “ianque” em um pobre e indefeso país centro-americano, mostrou-se ser uma inverdade. Tal fama foi levantada quando em 1966, Asturias recebeu do governo soviético o “inusitado”, pelo menos de acordo com seu amigo Juan Olivero, Prêmio Lênin da Paz:

Los agentes ocultos del Koninform se encargarían de que la trilogía fuera traducida a todos los idiomas de los países civilizados de Europa. (...) Obviamente, la gran difusión de los libros de la trilogía anti-yaqui, que se iniciara en Itália con gran *élan* por el editor Feltrinelli, un comunista multimillonario y extravagante y ese Premio Lenin de la Paz que se otorgara justamente a un escritor [Asturias] que en su vida no había movido un solo dedo para salvaguardar la paz del mundo, no podían tener otra consecuencia de la que la que se le considerara, por quienes no lo conocían, como un hombre entregado en cuerpo y alma al comunismo soviético, un error que en más de una ocasión traté de desvanecer (OLIVERO, p.124, 1980).

Por isso, é certo afirmar que uma vida e obra coerentes com a denúncia social teriam se adequado com maior facilidade à ideia inicial: mostrar a trilogia bananeira como exemplo máximo de uma obra de compromisso, de engajamento social. Todavia, insistir em tal ideia seria cair no determinismo e simplificação que o próprio Asturias identificou em alguns de seus críticos:

(...) Muchas veces me han criticado, especialmente en los países socialistas, porque he mantenido el aspecto mítico el cual, dicen los comunistas, debilita la acusación social y la imagen de la realidad. Yo contesto que por mi parte no sé qué hacer con la proucción impotente del “realismo socialista”. Ante todo respondo que mis novelas son realistas porque tienen en cuenta este aspecto, porque el mago o el dios Huracán conforman una realidad en la mente de los hombres de nuestro país, están omnipresentes. Si bien el viento que destruye las plantaciones bananeras es muy real, para nuestros indios constituye un suceso mágico, ya que

esta maneira de pensar es muy profundamente propia de la mente de estos hombres.
(LORENZ, 1972, pp.361-2)⁶

É a mesma crítica que faz Juan José Saer quando fala de dois aspectos identificáveis na literatura latino-americana, principalmente nas décadas de 1960 e 1970: o *vitalismo* e o *voluntarismo*. O primeiro se refere a uma “ideologia de colonizados”, que reafirma uma suposta relação privilegiada com a natureza em detrimento de nosso parco desenvolvimento econômico. Já o segundo considera a literatura latino-americana como natural e necessariamente comprometida com mudanças sociais (SAER, 1999, p.270).

*

Em 1999 completou-se cem anos do nascimento de Miguel Angel Asturias e por volta de cento e vinte anos que a Cidade da Guatemala passara de povoado à capital moderna. Asturias nasceu apenas um ano depois que Manuel Estrada Cabrera deu início a um regime ditatorial que durou vinte e dois anos e que perpassou toda a infância e juventude do autor. Miguel Angel vivenciou as conseqüências das Reformas Liberais de 1871 que foram as principais responsáveis pelo acolhimento de empresas e capitais estrangeiros na Guatemala.

Em fins do século XIX, o país passou pelas mesmas Reformas Liberais calcadas no ideal positivista apresentadas em diversos países latino-americanos. Tais reformas pretendiam o desenvolvimento de uma economia de exportação, o fim da Igreja Católica como agente de poder e a submissão das oligarquias ao Estado em formação. Em 1871, o presidente Justo Rufino Barrios coordenou uma reforma agrária liberal, que

⁶ Asturias em entrevista a Günter Lorenz.

expropriou terrenos da Igreja, aboliu os direitos perpétuos sobre a terra e fez do café o principal produto guatemalteco de exportação, além de apresentar uma pequena mudança nas leis trabalhistas.

Durante su mandato [de Jufino Barrios] se inició en Guatemala la construcción de los ferrocarriles interoceánicos: de gran importancia para el comercio exterior; se impulsó la ampliación del alumbrado eléctrico, el teléfono, el telégrafo, los bancos, el comercio, etc. En general, se realizó un notable esfuerzo por desarrollar la infraestructura necesaria para las exportaciones y para la modernización del país (ALVAREZ, 1984, p. 9).

Asturias também nasceu um ano depois da criação da UFCo na cidade de Boston e exatamente no ano em que a empresa – aproveitando-se dos benefícios promulgados pelas reformas de 1871 e do incentivo de governos ditatoriais – se instalou na América Central.

Um profundo sentimento anti-imperialista – passional em sua juventude, mas amplamente estruturado em seus anos maduros – e uma imensa paixão por sua terra e sua gente, foram elementos que acompanharam Asturias desde sua infância no bairro da *Parroquia* até sua morte em Paris, e que, sem dúvida, enriqueceram toda a sua obra.

A partir dos anos de 1920, ainda sob a ditadura de Estrada Cabrera, Asturias sempre esteve presente, direta ou indiretamente, na vida política guatemalteca. Em 1919, pequenos proprietários de terra, comerciantes, profissionais liberais, artesãos, trabalhadores urbanos não podiam acreditar que Estrada Cabrera havia se elegido pela quarta vez consecutiva como presidente constitucional da Guatemala. O país ainda não se recuperara dos trágicos terremotos de 1917 e 1918 e vinha sofrendo por mais de dez anos as consequências da Doutrina Monroe (derivada da derrota da Espanha

frente aos Estados Unidos nos conflitos de 1898). Como resposta a estes fatos, tais setores fundaram o Partido Unionista em 1920.

Como jovem membro do partido, Asturias atuou ativamente no *Club Unionista de Estudiantes Universitários*, assim como no jornal *El Estudiante*, meio de comunicação e propaganda do clube universitário, fazendo parte do que ficou conhecido na Guatemala por *Generación de los 20*, grupo de estudantes e intelectuais que foram peça chave para derrocada de Estrada Cabrera (TARACENA, pp. 88-90, 1999).

Após graduar-se como advogado e notário em 1923, vigente na Guatemala o governo do General José María Orellana – que pôs fim à vacilante influência do Partido Unionista, freou os crescentes movimentos estudantil e operário, assim como o comunista e o anarquista, estreitando laços com empresas estrangeiras, entre elas a United Fruit Company –, Asturias viu-se exilado pela primeira vez, partindo em viagem de estudos à Paris.

Foi justamente na Europa que Asturias conheceu a *Guatemala profunda*. É dessa catarse, dessa “tomada de consciência” através do conhecimento das tradições dos povos autóctones guatemaltecos (nos cursos que frequentou na Sorbonne) e de críticas mordazes a uma sociedade guatemalteca retrógrada (em artigos que escreveu como correspondente para o jornal guatemalteco *El Imparcial*, durante os dez anos em que permaneceu em Paris), que provêm obras como *Leyendas de Guatemala* e *El Señor Presidente*. Este é o tema tratado no segundo capítulo deste trabalho.

*

Já no terceiro capítulo, a proposta é apresentar alguns aspectos da trilogia

bananeira de Asturias, transitando no *tropos* – no sentido mesmo de desvio, mas também de afinidade – entre a história e a ficção, partindo da ideia de que a narrativa histórica não reproduz os acontecimentos que descreve, assim como “não *imagina* as coisas que indica: ela *traz à mente* imagens das coisas que indica, tal como o faz a metáfora” (WHITE, 2001, pp.107-8).

Asturias partiu de um relato oficial (o informe dos jornalistas estadunidenses que deu origem ao livro *El imperio del banano*), desestruturando sua narrativa⁷ para em seguida re-estruturá-la de outra forma em seus romances, fazendo disso uma possibilidade de interpretação da realidade e aproximação da verdade.

De acordo com o autor Luiz Costa Lima, o elemento que as formas discursivas da história e da ficção têm em comum é sua organização narrativa, que ele define como “(...) o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em uma ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita mas coincidente com ela; que é pois *constitutiva* de seu objeto” (LIMA, 1989, p.17).

Viento fuerte foi publicado no mesmo ano, 1949, em que Asturias se interou do relatório dos jornalistas estadunidenses e em que realizou suas andanças pelas duas principais regiões produtoras de banana na Guatemala: *Bananera*, ao norte, no mar do Caribe, fronteira com Honduras e *Tiquisate*, ao sul, na costa pacífica, fronteira com El Salvador. Estava de visita, pois era adido cultural do governo pós-Revolução de 1944 de Juan José Arévalo. Durante o segundo governo pós-revolucionário, o de Jacobo Arbenz, Asturias se encontrava mais presente e ativo na cena política guatemalteca.

⁷ Tomando aqui a definição de narrativa de White: “O *sentido* básico de uma narrativa consistiria, então, na desestruturação de um conjunto de eventos (reais ou imaginários) originariamente codificados num modo tropológico, e na sua re-estruturação progressiva do conjunto num outro modo tropológico”. (WHITE, 2001, p.113)

Mesmo assim, *El Papa Verde* somente foi publicado em 1954, após o golpe de Castillo Armas e a renúncia de Arbenz. Já *Los ojos de los enterrados* foi publicado durante a última estada de Asturias na Guatemala, em 1960:

En 1949, hallándome de visita en Guatemala, me di cuenta de que estaba desconectado de ciertos aspectos de la vida guatemalteca. Había vivido en la montañas, había vivido con los índios, había vivido en la ciudad; pero ahora unos amigos me invitaron a quedarme con ellos en Tiquisate y Bananera para que conociera las plantaciones de banana. Estuve en los dos lugares y los dos me proporcionaron el escenario para *Viento fuerte*. (...) Claro que en *Viento fuerte* hay también una serie de retratos y episodios tomados directamente de la vida guatemalteca. (...) A medida que va pasando el tiempo voy encontrando que en la “trilogía bananera” hay elementos realmente vitales de la vida misma de Guatemala. En *Viento fuerte* hay personajes que están tan vivos que si usted va a Guatemala los va a encontrar. La crítica que hago a la sociedad norteamericana yo lo viví, no está inventado. *El Papa verde* es un personaje que me interesa mucho. Como es norteamericano yo pensé hacerlo un hombre odioso, pero a medida que fue haciendose la novela él se fue haciendo simpático hasta que al final es un hombre que todo el mundo quiere y ayuda. Creo que de las tres, la verdadera novela es *Los ojos de los enterrados* porque ahí los personajes tienen una vigencia. Pero puede ser que los críticos tenga razón y que estos libros tengan algo de reportaje. (...) (LORENZ, 1972, pp.364)

Algo de reportagem investigativa, histórias vistas *in loco*, caminhadas pelas intermináveis plantações de banana, testemunho do trabalho dos peões, assim como de sua relação com a companhia estadunidense. Como o próprio autor afirmou, nada foi inventado. Tudo foi vivido, seja por ele ou por aqueles que se tornariam seus personagens. É a ordenação do diverso, do irregular, do accidental de que nos fala Costa Lima. É o início do processo de desconstrução de uma narrativa – a realidade desses camponeses, peões, funcionários administrativos, etc. – na elaboração de uma nova narrativa (como nos aponta Hayden White), a literatura de Asturias.

*

Mostrar a fundação da United Fruit Company e como ela se estabeleceu na Guatemala é o objetivo do quarto capítulo.

Salí de Puerto Barrios en la mañana a bordo de uno de los barcos de la Flota Blanca, que son pequeños, aseados y bonitos. (...) De tramo en tramo, en la cubierta de primera clase, como aretes [brincos], pendían racimos de bananos verdes, de los cuales tomaban los pasajeros los más maduros. A veces, en la tarde, se confundían los colores verdes del crepúsculo con los racimos de bananos, y qué dulce degustar la emoción de aquel fundirse del cielo y el agua y el sol y la vida, con la fruta de nuestro trópico, y tan lejos de nosotros económicamente, sin embargo. (...) Los racimos seguían el ritmo tembloroso del vapor que a regular velocidad se dirigía hacia el noroeste, buscando a trazar una curva de hoz para alcanzar La Habana. Como los racimos, los viajeros mareados, los viajeros sin ritmo, sombríos, pálidos, flojos de brazos y de piernas, más muertos que vivos (ASTURIAS, *Cartas a una amiga de Guatemala (II)*, 1 de septiembre, 1928, in, SEGALA, 1996, p.287).

Neste extrato de um artigo escrito por Asturias em sua temporada parisiense, o autor nos fala da presença da United Fruit Company na vida cotidiana dos guatemaltecos. A grande *Flota Blanca* era o complexo de navegação da Companhia que em uma mesma viagem levava passageiros e transportava os preciosos cachos de banana para o mercado internacional. A imagem de “tão perto e tão longe” traduz com perspicácia o que representou a UFCo para o povo da Guatemala: uma empresa estrangeira que explorava uma riqueza nativa cujos lucros eram remetidos a um lugar desconhecido dessa população.

A United Fruit Company foi fundada na Guatemala em 1904 (vinda de bem sucedidos negócios e plantações no Panamá e na Costa Rica), primeiramente na costa atlântica ou mar do Caribe. Era do porto da cidade de *Puerto Barrios*, muito próximo à divisão de *Bananera*, que saíam os barcos carregados de banana para os Estados Unidos. Posteriormente a Companhia expandiu-se para a costa pacífica com os portos de *San José* e *Champerico*, na divisão de *Tiquisate*, em 1936. Recebendo, para tal, amplos incentivos do governo do general Jorge Ubico (DOSAL, 1993, p.195).

Esta companhia firmou-se como uma multinacional por conta dos vários benefícios a ela concedidos pelos governos dos países em que atuou. Além da concessão de

terras⁸, a Companhia possuía o monopólio dos meios de comunicação e transporte, estava isenta do pagamento de impostos – inclusive e, principalmente, na exportação – e tinha sua própria frota de vapores frigoríficos (a *Flota Blanca*), além de monopolizar o mercado estadunidense.

*

No quinto e último capítulo, a intenção é mostrar que o compromisso de Asturias com o povo guatemalteco, e o “estar contra” qualquer tipo de intervenção (a estadunidense, no caso) ou repressão (das ditaduras sofridas por seu país), sempre foi através de sua literatura.

Muito se criticou Asturias – e ainda se critica, principalmente na Guatemala – por ele ter sido “indiferente” aos acontecimentos políticos do país e por “não ter feito de sua obra um instrumento ininterrupto de denúncia social”. Críticas estas, vindas especialmente de membros do PGT – *Partido Guatemalteco del Trabajo*, o partido comunista guatemalteco. Asturias, por sua vez, respondeu que não entendia como a “didática marxista”, por exemplo, encaixaria-se em suas novelas.⁹

Mesmo que Asturias não tenha sido um ativista político, por sua vez foi amplamente solidário ao povo guatemalteco e comprometido com sua cultura e identidade dentro de sua literatura. Seu compromisso com os trabalhadores da United Fruit Company se dava dentro e no decorrer das páginas da trilogia bananeira.

⁸ Segundo Philippe Bourgois, “A mediados de la década de 1930, la compañía poseía más de 1,4 millones de hectáreas en América Latina y Caribe. La mayor parte de esas tierras nunca fueron sembradas. En 1934, el 88% de la tierra de propiedad de la empresa, no se cultivaba” (BOURGOIS, 1994, p.46).

⁹ Como afirma a Prof^a. Luz Mendez de la Vega, em entrevista, Cidade da Guatemala, Guatemala, julho de 2008.

Para mi, esta trilogía significa mucho porque en su origen hubo una toma de conciencia existencial que hasta el momento no había observado con el cuidado correspondiente. Mi conciencia despertó cuando enfrenté la realidad de las plantaciones. Y esa era la realidad de mi país, no el invento mío, nada imaginativo. Era, lo repito, la realidad de mi país que me llevó a la desesperación y me obligó a decirme a mi mismo y a los demás cuanto contienen estas novelas. (LORENZ, 1972, p.362)

2. Entre a Cidade da Guatemala e Paris: o descobrimento da América

Soy yo el que vive en Guatemala. Són ellos los que están afuera.
(ASTURIAS, in, LAGUARDIA, 1999, p.131)

Entre viagens de estudo, missões diplomáticas e exílios voluntários e involuntários, Miguel Angel Asturias passou a maior parte de sua vida fora da Guatemala, mas sem nunca deixar de levá-la consigo, como afirmou seu amigo Luis Cardoza y Aragón, importante intelectual guatemalteco: “En el fondo, [Asturias] nunca salió de Guatemala, la llevaba como su carapacho la tortuga” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2002, p.188).

Se escolhêssemos apenas um aspecto para descrever Asturias, este aspecto seria seu imenso e incondicional amor pela Guatemala e seu povo. Muitos autores afirmam que através desse infundável interesse por sua terra e sua gente, Asturias colocou a Guatemala no mapa: “(...) El extranjero no siempre encuentra a Guatemala en el mapa. Asturias le puso una lente encima” (MENTON, 2008, p.155). Fez com que o mundo voltasse seus olhos para um daqueles pequenos países da América Central, a princípio de pouca relevância para o cenário internacional, mas de inegável valor para si próprio. Toda a obra de Asturias esteve cruzada pela realidade dolorosa, mas viva da Guatemala. Realidade que o acompanhou por toda sua existência inclusive e, principalmente, durante seus exílios. É o que expressa o escritor guatemalteco José Luis Cifuentes, em artigo do jornal *El Gráfico*, quando da morte de Asturias, em Madri, no ano de 1974:

Ha muerto la figura más importante de Guatemala, la que más lustre le diera a Guatemala, la que más alto hablaba de Guatemala. Se puede decir que ha muerto el más guatemalteco de los hijos de Guatemala, el que iba por el mundo hablando de Guatemala con acento guatemalteco, con su alma de indio maya y su boca legendaria que decía cosas magníficas y de sueño, los más delirantes sueños (In, ALBIZÚREZ, 2000, p.20).

Manifestações eloquentes à parte, foram inúmeras as expressões de luto por conta de sua morte tanto nos jornais madrilenhos nos quanto guatemaltecos, apesar dos respectivos governos – a ditadura franquista e o governo do general Arana Osório – não serem exatamente partidários ideológicos de Asturias. Os reconhecimentos foram mais de seus pares jornalistas e literatos que de outros segmentos da sociedade. A APG, *Asociación de Periodistas de Guatemala* decretou luto de três dias em homenagem ao autor. Além da APG, a *Universidad de San Carlos de Guatemala*, a *Academia Guatemalteca de la Lengua* e a *Asociación de Estudiantes Universitarios* lhe renderam homenagens (ALBIZÚREZ, 2000). Ainda assim, Francisco Albizúrez acredita que nenhuma homenagem ou menção correspondeu à importância da figura e obra de Asturias como um dos representantes mais significativos da cultura guatemalteca:

Como puede verse, las informaciones periodísticas no dan cuenta de ningún acto gubernamental o eclesiástico de gran envergadura que hubiera servido como homenaje nacional al ilustre desaparecido. Creemos que este hecho se explica por la ubicación ideológica que se asignaba a Asturias, en una etapa de la historia de nuestro país caracterizada por la negación de los valores intelectuales cuyo pensamiento fuera considerado de izquierda. Aun hoy, la obra de Asturias espera el homenaje nacional que merece (ALBIZÚREZ, 2000, p.24).

A requerida homenagem talvez não tenha sido feita talvez porque Asturias ainda hoje é criticado na Guatemala. A maioria dessas críticas é proferida pelas gerações

mais jovens, repetindo o que ouviram de seus pais: “Asturias era comunista”, “foi um vendido”, “desconhecia o mundo indígena”, “foi oportunista”¹⁰. Entretanto, o escritor teve a sensibilidade de transpor uma educação retrógrada e positivista durante a temporada de dez anos que passou em Paris e, por meio dessa sensibilidade, voltou a atenção para sua pátria e suas idiossincrasias.

Por toda sua vida e através de sua obra, dedicou-se a que o mundo e, principalmente os guatemaltecos desvelassem, assim como ele o tinha feito em Paris, a Guatemala. Internacionalmente sua obra e seu intuito foram reconhecidos, mas internamente recebeu desprezo e foi marginalizado por aqueles que, por ignorância, o julgaram oportunista. O Prêmio Nobel recebido, em vez de trazer o reconhecimento por destacar a Guatemala no cenário internacional, lhe trouxe inveja e mais incompreensão (ARCE, in SEGALA, 1996, p.884).

Além disso, Asturias viu-se perdido em meio às incertezas políticas da Guatemala. Seu compromisso com o povo guatemalteco, que poderia muito bem ter sido somente literário, e isso não é pouco, foi confundido até mesmo pelo próprio Asturias como um compromisso político (“na prática”, digamos assim), o que gerou mais polêmica e incompreensão em torno de sua figura. Como afirmou seu neto Sandino Asturias, sua família, movida pelo amor a sua terra, dedicou-se a mudar os rumos da história guatemalteca: seu avô através das letras, seu pai, Rodrigo Asturias, por meio da guerrilha e ele, Sandino, primeiro também como guerrilheiro e atualmente como cientista político.¹¹

¹⁰ Entrevista com o professor Javier Mosquera, em que relata as frases feitas que seus alunos de Literatura proferem quando são introduzidos à obra de Asturias, 09 de julho de 2008, Cidade da Guatemala, Guatemala.

¹¹ Entrevista com Sandino Asturias, 12 de julho de 2008, Cidade da Guatemala, Guatemala.

Asturias foi marginalizado por trabalhar para o governo do ditador Jorge Ubico em 1934; vivenciou uma experiência mal sucedida como embaixador de Jacobo Arbenz em El Salvador quando do golpe de Castillo Armas em 1954; recebeu do Partido Comunista Soviético um controverso Prêmio Lênin da Paz em 1966; e foi criticado, não poucas vezes, por falar sobre a Guatemala estando fora do país.

Podemos pensar em Asturias como produto de sua circunstância, com toda sua humanidade e incoerência, e seus romances como elementos histórica e socialmente construídos a partir dessa mesma humanidade e incoerência, como nos atenta a fazer Luis Cardoza y Aragón: “(...) Hay en las letras de Asturias una coherencia ausente en su vida? Ambas se ven como separadas entre sí. Por qué no? La obra es más obra del hombre que su vida; su vida es – como diría Ortega y Gasset – obra de su circunstancia. (...)” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2002, p. 151).¹²

Por isso, insistimos que o compromisso de Asturias com o povo guatemalteco deu-se através de sua literatura e, se sua trajetória política atravessou por vezes caminhos tortuosos, sua obra é fiel ao mais íntimo de sua alma.

2.1 Elementos que figuram a escrita de Asturias

2.1.1 Uma infância cheia de estímulos

Toda a vida de Asturias esteve ligada, direta ou indiretamente, aos mais diversos acontecimentos políticos e sociais da Guatemala durante a primeira metade do século

¹² Asturias e Cardoza y Aragón foram grandes amigos, apesar de terem opiniões diversas acerca de vários temas. Cardoza captou como nenhum outro os paradoxos de Asturias, como relata no belíssimo livro *Miguel Angel Asturias casi novela*, amplamente consultado para composição deste capítulo.

XX. Nasceu no dia 19 de outubro de 1899 na capital, Cidade da Guatemala: “Nací, pues, en el momento en que nacía el imperialismo yanqui [referindo-se à derrota da Espanha frente aos Estados Unidos em 1898] y se iniciaba en Guatemala una de las dictaduras más largas y feroces [a ditadura de Manuel Estrada Cabrera, que duraria vinte e dois anos]” (LÓPEZ, 1974, p.40).¹³

Logo em seguida sua família mudou-se para a cidade de *Salamá*, localizada no departamento de *Baja Verapaz*, região central da Guatemala, mais exatamente para a fazenda de seu avô materno. Seu pai, o juiz Ernesto Asturias, fez de Estrada Cabrera seu inimigo pessoal ao decidir libertar um grupo de estudantes que havia desrespeitado publicamente o ditador (OLIVERO, 1980, p.11).¹⁴

Em *Salamá*, Asturias passou juntamente com sua mãe, a professora María Rosales, e seu irmão Marco Antonio, além de seu pai e avós, os anos de sua primeira infância e foi ali que estabeleceu seus primeiros contatos com o mundo indígena:

Mi abuelo me dejaba en los ranchos y allá había indiecitos pequeños como yo o un poco más grandes y con ellos empecé a jugar. El juego de ellos principalmente era hacer figuritas de barro, un barro un poco rojo, del color de aquellas tierras. Yo con esto, al mismo tiempo que aprendía las letras, iba también aprendiendo a hacer estas figuras, que eran un poco el trasunto de la mentalidad de ellos, de sus creencias. (...) Este fue mi primer aprendizaje junto a los indígenas. Infelizmente no sabía yo, ni lo aprendí, el idioma que hablaban ellos, el “pocomán” o el “man”, que es un derivado de la lengua maya, pero de ahí creo que mi destino quedó siempre muy pegado a la raza indígena (LÓPEZ, 1974, p.47).

No retorno da família à capital, em 1908, seu pai, por receio de exercer a profissão, instalou uma pequena loja onde se vendia de tudo: objetos para a casa, grãos e outros víveres, sob o comando da mãe de Asturias. Ali Asturias via e ouvia o entrar e sair de

¹³ A conversa/entrevista entre Asturias e o jornalista Luis López Alvarez, que originaram o livro, foi das últimas concedidas pelo escritor pouco antes de falecer, em 1974.

¹⁴ O livro *El Miguel Angel Asturias que yo conocí*, de Juan Olivero, embora apresente uma visão parcial sobre Asturias (eram amigos de infância) mostra algumas incoerências do autor, principalmente no aspecto político, com bastante perspicácia.

homens simples, captando sua fala e gestos, cuja riqueza foi trasladada para sua literatura:

He relatado siempre que en mi casa, en la Avenida Central, había un negocio de mi padre, negocio de granos, de venta de harina, de sal, de azúcar. (...) Y con estas gentes [os vendedores e compradores que por ali passavam] que se reunían y que hacían sus vivacs en este gran pátio [da casa], yo, todavía siendo muchacho, me pasaba largas horas con ellos: cantaban con guitarra, contaban relatos, y yo me acercaba a oírlos hablar. Yo sé hablar como hablan esas gentes, porque los he oído, porque los he oído largas noches conversar de sus problemas, de toda clase de cosas. Creo yo que todo esto ha sido transpuesto a mi novela, a los diálogos y demás (ASTURIAS, in, Coloquio con Miguel Angel Asturias, 1968, pp.20-21).

Notamos que dois dos principais elementos da cultura guatemalteca presentes na obra de Asturias, o elemento indígena e o elemento popular, se configuraram no autor em sua mais tenra idade. Podemos afirmar que foi naquele momento que nasceu seu amor por sua terra, seu povo. Seu compromisso – não necessariamente político – com ambos tomou forma em todos os seus livros.

Além desses dois elementos identificáveis com maior facilidade em sua obra, o elemento religioso, católico no caso, que sempre impressionou muitíssimo o autor, também se formou por essa época.

En el colegio hacíamos, pues, estudios religiosos y entrábamos en contacto con otra serie de objetos: cálices, custodias, copones y todo ese mundo de los objetos de iglesia que también figuran en mis obras. Los he vivido, han estado junto a mi, en mis manos, en mis creencias. Aquí llegaron los traumas que producían la educación de esa época y que me ocurrieron a mi. Llegaba uno hasta la intención de hacerse sacerdote, a estudiar para cura (...) (LORENZ, 1972, p.53).

Após uma educação primária católica, Asturias iniciou os estudos secundários no *Instituto Nacional Central de Varones*, passando, repentina e violentamente, de uma formação religiosa a uma instituição liberal, ou seja, anticatólica e anticlerical, o exemplo mais acabado de uma educação positivista:

(...) los profesores todos ellos liberales, se encargaban de demostrar por todas las formas que podían la no existencia de Dios (...) La creación del hombre se explicaba de forma muy darwiniana, y este chico que antes regresaba a su casa con medallas, empieza a no usar ya las medallas y a no rezar de noche (LORENZ, 1972, p.54).

O elemento urbano, a capital periférica com ares de cidade do interior, como era a Cidade da Guatemala em sua infância, os *portales*¹⁵, as igrejas e as construções coloniais, também tomaram parte da infância de Asturias e perpassaram seus escritos posteriores.

Asturias vivenciou fatos históricos marcantes da capital guatemalteca durante o primeiro decênio do século XX. A ditadura de Estrada Cabrera e os processos derivados dela, sem dúvida, foram os mais significativos e o escritor transpôs de maneira vivaz ao seu mais famoso livro, *El Señor Presidente* (embora somente tenha sido publicado muitos anos mais tarde, quando já retornara à Guatemala, em 1946). Presenciou também, ainda muito menino, em 1908, o atentado de um grupo de jovens cadetes da *Escuela Militar Politécnica* contra o ditador. A investida fracassou, o grupo foi preso e alguns de seus membros, fuzilados. Tal episódio serviu para reafirmar Estrada Cabrera no poder (TARACENA, 1999, p.87).

Outro elemento patente nos romances de Asturias – que tomam forma mítica quando o escritor conhece a fundo as tradições dos povos autóctones da Guatemala – são os fenômenos naturais.

Tendo Honduras e El Salvador ao sul, Belize em direção ao Mar do Caribe e o México ao norte, a Guatemala é dotada de terras altas e grandes vales e sofre, como

¹⁵ Tipo de galerias, abaixo de edifícios, sustentadas por colunas, que rodeiam praças, muito comuns na disposição urbana das cidades espanholas e hispânicas, geralmente abrigando comércios os mais variados. Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños / Universidad de Alcalá de Henares. Departamento de Filología, 2ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

grande parte dos demais países do istmo, com vulcões, terremotos e furacões (PEREZ, 1983, p.27).

Um desses fenômenos que marcou a fundo a sociedade guatemalteca durante a primeira metade do século XX, foi a série de terremotos de 1917:

Los temblores de tierra se iniciaron el 17 de noviembre de 1917, sin afectar a la capital: el primero a las 11:50 y el segundo media hora más tarde. (...) Un mes y días más tarde, la noche del 25 de diciembre a las 9:30 se sintió en la capital guatemalteca el primer temblor, no de gran magnitud, pero sí lo suficiente para alertar a la población. Una hora y cincuenta minutos después sobrevino la catástrofe (...) (PELÁEZ, 2008, p.28).

Luis Cardoza y Aragón también dedica algunas páginas de seu livro *Guatemala: las líneas de su mano* – memórias em forma de ensaio – às impressões que tal catástrofe natural causou em sua vida de adolescente:

La ciudad crujía al cimbrarse en sus entrañas y en sus muros, sus techos y sus muebles. Las puertas, los objetos sacudidos, las ventanas, algo que se cae y se quiebra en la noche se multiplicaba el espanto con sus extraños de temblor. Es un crujido inconfundible, que no se puede olvidar. Los árboles se sacuden, los postes con los hilos eléctricos del alumbrado, las fuentes se vacían y empieza a sentirse mareo porque la tierra ha dejado de ser firme. (...) Cuando fue aclarando, el sol mostró la magnitud de la ruína. La ciudad, golpeada de muerte, tomó su aspecto de gran catástrofe. Lloramos juntos de impotencia y dolor (CARDOZA Y ARAGÓN, 2000, p.61).

Já para Asturias, os abalos sísmicos de 1917 foram um divisor de águas na história da Guatemala. Em certo grau, tais acontecimentos contribuiram para o início da derrocada da ditadura de Estrada Cabrera.¹⁶ O impacto de tal fenômeno natural despertou a sociedade guatemalteca que, após quase duas décadas acanhada pela repressão, começava a sair de uma “atmósfera de pavor, de bestialidad, de pesadilla

¹⁶ O historiador guatemalteco Arturo Taracena también menciona este aspecto: “La elección de Estrada Cabrera como presidente constitucional por cuarta vez consecutiva coincidió con una precipitación de las contradicciones de su largo régimen dictatorial bajo los efectos de la Gran Guerra y de los terremotos que destruyeron la Ciudad de Guatemala entre 1917 y 1918” (TARACENA, 1999, p.89).

larga y lenta” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2000, p.49). Interessante perceber que o que Asturias mostrou como um desastre natural foi capaz de transformar uma situação política e social, não de maneira mágica mas, até mesmo quase que inconscientemente, de forma real e concreta.

En mi vida causa una ruptura el terremoto de mil novecientos diecisiete. (...) donde ha habido tremendos terremotos, se da algo psicológico que hace que la persona que ha sufrido este flagelo quiera quedarse en el mismo sitio en vez de marcharse a outro lugar. (...) Psicologicamente uno se queda pegado a la tierra. (...) En mil novecientos deicisiente la dictadura tenía ya casi veinte años. Todo el sistema del señor presidente, que era un sistema tan bien jerarquizado, allí se requiebra, allí se acaba, porque empiezan unos y otros a tener relaciones, a hablarse, a pasar del lamento a la protesta. Surge una sociedad totalmente distinta (LÓPEZ, 1974, pp. 62-66).

De seus anos de menino e adolescente, Asturias levou para a sua vida todos esses elementos, os quais transpôs com vivacidade aos seus livros. O elemento indígena, o popular, o religioso, o urbano e o natural. Mas e o tão discutido elemento mítico de sua obra? Este estava ainda em formação enquanto ouvia as lendas que as criadas de sua casa não se cansavam de repetir ou quando ainda não era capaz de fazer a conexão entre todos esses elementos que, juntos, formam a cultura guatemalteca. Asturias só fez tal junção quando conheceu a fundo as origens de sua própria cultura, assim como de sua identidade individual, nos cursos que frequentou na Sorbonne.

2.1.2 Juventude: democracia como um breve suspiro

A participação de Asturias nos assuntos de seu país tomou continuidade. Terminado o curso secundário no *Instituto de Varones*, descobriu na educação laica o

poder de transformação das letras – lendo autores como Vitor Hugo, Zola, Béquér, Flaubert e Rubén Darío – e foi impulsionado pelo eterno ideário de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, improvisando com os colegas de classe manifestações pró-Aliados durante a Primeira Guerra Mundial. O escritor ingressou na Faculdade de Direito da *Universidad de San Carlos de Guatemala* em 1918, após breve passagem pela Escola de Medicina (OLIVERO, 1980, p.27).

Dois anos mais tarde, passados os traumas do grande terremoto, setores civis guatemaltecos – profissionais liberais, artesãos e operários, acompanhados por estudantes e professores – protestavam contra o regime moribundo de Estrada Cabrera. Além disso, parte da oligarquia agrária, em oposição ao governo desde as Reformas Liberais de Justo Rufino Barrios de 1871, também apoiou as manifestações contra Estrada Cabrera (MARTIN, in, SEGALA, 1996, p.831).

Como membro do incipiente *Partido Unionista* – que ia tomando força à medida que as controversas ações de Estrada Cabrera já não eram mais toleráveis (o partido foi fundado em janeiro e Estrada Cabrera renunciou em abril de 1920) – mais especificamente do *Club Unionista de Estudiantes*, Asturias participou assiduamente na elaboração do jornal *El Estudiante*, principal órgão de comunicação da agremiação: “Fue el periódico más tremendo contra Estrada Cabrera. El partido [unionista] había adquirido ya proporciones tan enormes que, cuando Estrada Cabrera quiso actuar, no pudo”, nos relata o escritor (LORENZ, 1972, p.106).

Asturias foi o representante da Guatemala no *I Congreso Internacional de Estudiantes Universitarios* promovido por José Vasconcelos na Cidade do México em 1921, onde discutia-se fervorosamente as consequências da *Reforma Universitaria de*

*Córdoba*¹⁷ (Argentina) de 1918 e um sentimento cada vez mais presente de anti-imperialismo entre os intelectuais latino-americanos. De volta à Guatemala, inspirado no sistema educacional mexicano e nas experiências de Mariátegui e Haya de la Torre no Peru, fundou na Guatemala a *Universidad Popular*, tendo como base três princípios: a alfabetização das massas, a divulgação científica e a formação de uma “alma guatemalteca” (TARACENA, in, SEGALA, 1996, p.685).

A “universidade para o povo” fundou-se em 1923 com o intuito de “enseñar a leer a los adultos, enseñándoles también sus deberes cívicos. (...) acordamos que el único camino político que podíamos seguir era el de la enseñanza.”, declara Asturias (LÓPEZ, 1974, p.113). No terceiro aniversário da instituição, Asturias dedicou, de Paris, um artigo à universidade:

De aquí que la Universidad Popular sea el ejemplo de fe y esperanza que a las más jóvenes generaciones de Guatemala llevan al porvenir. (...) La Universidad Popular es un símbolo de vida y esperanza frente a los descreídos, a los abúlicos y a los negativos que tanto acto hacen con sus quejas y murmuraciones de rastacueros (*El más alto deber de los guatemaltecos, El Imparcial, Paris, 23 de março de 1925*, in, SEGALA, 1996, p.18).

Em meio a este turbilhão de novidades, artistas, educadores e intelectuais da geração anterior, a quem o fim da ditadura devolvera os ímpetos criativos, juntaram-se a este novo grupo de jovens estudantes formando o que ficou conhecida como a *Generación de los 20*:

¹⁷ O governo de Hipólito Yrigoyen, que fez com que a classe média argentina emergisse ao poder em 1916, a Revolução Russa de 1917 e a repartição do mundo entre potências imperialistas após a Primeira Guerra Mundial, foram alguns dos condicionantes que levaram os estudantes da Universidade de Córdoba a declararem greve geral em 1918. Suas principais reivindicações eram: uma maior participação estudantil na gestão acadêmica e na elaboração dos currículos, a modernização científica, a gratuidade do ensino e a autonomia universitária. Seu manifesto ecoou por todas as instituições de ensino superior da América Latina, ganhando novos impulsos no Peru, por exemplo, onde seu principal entusiasta foi, o então estudante, Raúl Haya de la Torre (MARTIN, in, SEGALA, 1996, p.802).

La transcendencia del mal es limitada. Estrada Cabrera, a medida que el tiempo transcurre, pierde los colores trágicos que disimulaban en él su facha de monigote. Para las generaciones de 1930, Estrada Cabrera no será sino un fantoche en mangas de camisa. (...) La lucha, pues, continúa. Seguimos de pie; los de ayer somos los de hoy. Como en las pinturas revolucionarias de Diego Rivera, estamos juntos, y en el cielo son una promesa de gloria las estrellas (*La lucha continúa, El Imparcial, Paris, 12 de fevereiro de 1927*, in, SEGALA, 1996 p.162).

Entretanto, este breve suspiro não durou muito tempo. Alguns meses mais tarde, o general José Maria Orellana depôs o governo provisório do produtor de açúcar Carlos Herrera Luna, que tinha o apoio do Partido Unionista.

Orellana reiterou a presença do capital externo ao conceder mais benefícios à empresas estrangeiras, principalmente estadunidenses, tais como a *Electric Bond and Share Company*, a *International Railways of Central America* e a *United Fruit Company* e iniciou o processo de reforma monetária exigido pelos Estados Unidos, no qual este passava a abandonar a *política do dólar*, ou seja, não emprestaria mais dinheiro diretamente aos governos centro-americanos, passando a investir na produção agrícola, como no caso da *United Fruit Company* (DOSAL, 1990, p.236).

Os estudantes apenas tiveram tempo de manifestar seu repúdio às medidas tomadas por Orellana, com a composição da canção *La Chalana*, “hino de guerra dos estudantes”, cuja letra Asturias é um dos autores. Cantaram a canção de protesto a todo pulmão durante a *Huelga de Dolores* de 1923¹⁸. Logo em seguida, Orellana baixou um decreto que autorizava a intervenção na *Universidad de San Carlos de Guatemala* (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.893).

Em meio a estes atribulados acontecimentos e tendo a Universidade ocupada por oficiais do Exército, Asturias terminou o curso de Direito apresentando a tão famosa, e

¹⁸ A *Huelga de Dolores* é uma festa popular, espécie de carnaval, onde os participantes, estudantes universitários em sua maioria, expõem as mazelas do país, denunciando principalmente as incoerências dos dirigentes políticos, de forma jocosa. Comemora-se na sexta-feira anterior à Sexta-feira Santa.

posteriormente criticada, tese em Sociologia intitulada *El problema social del indio*. Asturias escreveu este trabalho movido pelo entusiasmo da *Generación de los 20*, que o levava a questionar uma sociedade antagônica que, desde as Reformas Liberais de 1871, marginalizava as comunidades indígenas¹⁹.

A intenção de Asturias era denunciar a situação degradante em que viviam os índios. Entretanto, tal denúncia vinha acompanhada de conclusões apressadas e juízos baseados na leitura de autores eugenistas, principalmente de Gustave Le bon (PINTO, 2007, p.18). O historiador guatemalteco Julio Pinto Soria identifica na tese de Asturias “confusión, incoherencias y ambigüidades” em relação a conceitos teóricos, porém atribui este fato à parca bibliografia que o escritor dispunha e ao pouco tempo que disciplina de Sociologia tinha sido implementada na Guatemala, mas não a nega como o “embrião de um compromisso social posterior”. Com este trabalho, Asturias respondeu à questões de seu tempo com instrumentos também de seu tempo. A tese marcou de forma importante a vida do autor como uma primeira tentativa de compreender e explicar seu país.

Criticado por muitos de não conhecer a realidade indígena, tal acusação não procede, pois ao longo de um ano Asturias recorreu a comunidades coletando informações sobre o modo de vida indígena, seus costumes, mitos, religião, ou seja, o mundo que tanto o impressionou em sua infância em *Salamá*. O trabalho como auxiliar de advogado durante a faculdade permitiu que Asturias conhecesse os conflitos da questão agrária que apareciam com freqüência nos tribunais.

¹⁹ Uma das ações da Reforma de 1871 foi a dividir e leiloar terras comunais indígenas (ALVAREZ, 1984, p.12).

Durante un año tuve que hacer vários recorridos en los pueblos indígenas para recoger datos. Porque hay que tener en cuenta que no he llegado así por así a la literatura indígena. No es que me lo haya propuesto, no es que haya encontrado un filón como pudiera pensarse, mi destino me llevo a ello. Desde los cuatro años, siendo muy niño, estuve en contacto con los indígenas, y al llegar a la Facultad y preparar mi tesis, de nuevo visité los ranchos de los indígenas para poder escribirla (LÓPEZ, 1974, p.156).

As críticas a este primeiro trabalho de Asturias afloraram quando os movimentos indígenas (maias) começaram a ganhar força como representação política na Guatemala durante a década de 1980, considerando-o como um exemplo de teoria racista e anti-indígena. Assim como as conclusões de Asturias foram apressadas, as posteriores críticas ao seu trabalho – pois à época de sua apresentação a tese foi muito bem recebida no ambiente retrógrado da Universidade – também foram equivocadas.

Seus críticos ressaltam o racismo e o paternalismo da tese, que de fato estão presentes, sem levar em consideração o meio social de Asturias, sua formação intelectual vacilante e o entusiasmo juvenil após uma vida inteira imerso na ditadura. Nem mesmo a mestiçagem – ainda que apresentada de maneira equivocada – como solução para o *problema indígena*, além da evolução posterior de Asturias quando reconsiderou várias questões da tese, são levados em conta.

De acordo com Pinto Soria, o principal grupo de intelectuais guatemaltecos que retomou a tese de Asturias sob este viés, principalmente na década de 1990, foi o que outro intelectual guatemalteco, Mario Roberto Morales, denominou de *esencialistas mayas*. Tal grupo defendia que somente o maia (em detrimento de outras etnias indígenas existentes na Guatemala) seria um elemento “puro” ou “essencial”. (MORALES, 1998, p.11).

Logo em seguida, o Partido Unionista foi posto na ilegalidade e o *Club de Estudiantes* e seu jornal foram fechados. Com a universidade ocupada e impedido de

exercer a profissão de advogado, Asturias não viu outra saída a não ser partir em seu primeiro exílio rumo à Europa. Levou consigo outra gama de elementos que estreitaram ainda mais sua relação com a Guatemala: uma primeira inserção no âmbito político, uma preocupação com o ensino através da formação de uma “alma nacional” ao estilo de Vasconcelos e uma incipiente e, talvez ainda não bem definida, posição anti-imperialista.

Ao partir da Guatemala, Asturias deixou para trás – pelo menos fisicamente, pois eles nunca o deixaram – os índios, idílicos de sua infância e reais de sua juventude, os homens que passavam pela venda de sua mãe, as criadas que relatavam contos e lendas, os bairros de estilo colonial, os terremotos, a efervescência dos anos de estudante e o obscurantismo da ditadura.

Chegou à Europa fugindo da intransigência de uma nova ditadura e o que encontrou por lá mudou radicalmente sua visão do homem e do mundo e o influenciou definitivamente nos temas e estilo de suas obras.

2.1.3 Paris: ruptura e transcendência

Como disse Cardoza y Aragón, Asturias sempre levou a Guatemala consigo, como a tartaruga leva seu casco. Há muitos casos de escritores em que suas vidas individuais pouco influenciaram suas obras. Asturias não é um deles. Como afirma a escritora Luz Mendez de la Vega²⁰, todos os personagens e enredos de Asturias têm uma conexão com o real e a sua realidade sempre foi a Guatemala. É a conclusão de

²⁰ Entrevista com a professora, escritora e poetisa guatemalteca Luz Mendez de la Vega, 12 de julho de 2008, Cidade da Guatemala, Guatemala.

Cardoza y Aragón quando constata que Asturias não poderia viver e criar, embora o tenha feito diversas vezes e por largos períodos, em outro lugar que não fosse a Guatemala: “Creo comprender por sus libros, por su idiosincrasia, su exigencia artística y vital de vivir en Guatemala” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2002, p.99).

Ainda que Asturias sempre demonstrasse interesse pelas questões referentes ao seu país, assim como à América Latina, e que todos os elementos da cultura guatemalteca sempre perpassaram sua vida, como mostramos anteriormente, foi na Europa que conheceu a fundo a sua tão amada Guatemala. É dessa catarse, dessa “tomada de consciência” de Asturias através do conhecimento das tradições dos povos autóctones guatemaltecos, que provêm obras como *El Señor Presidente* e *Leyendas de Guatemala*.

Y no es sino pasada la Primera Guerra, que un puñado de hombres, hombres y artistas, salen a la reconquista de lo propio, van al encuentro de lo indígena, recalcan junto a lo español materno y vuelven con el mensaje que tienen que entregar al futuro (ASTURIAS, *Conferencia Nobel*, 1967, p.19).

Asturias chegou a Paris em julho de 1924. Tendo passado apenas os efeitos da Primeira Guerra, as vanguardas artísticas se encontravam em frenética efervescência e foi o último dos “ismos” franceses, o surrealismo de André Breton e outros, que causou no autor algum impacto.

O trabalho como correspondente do jornal guatemalteco *El Imparcial*, ajudava Asturias a sustentar-se. Logo em seguida inscreveu-se no curso “Mitos y religiones de

la América maya” na Sorbonne, onde o professor Georges Raynaud ficou impressionado com sua cara de “estela de *Quiriguá*”²¹:

El profesor me miraba y me miraba. Nada más de terminar la clase, se levantó y se vino hacia mí y me dijo: ‘vous êtes maya’, y al confirmarle que procedía de Guatemala, el hombre se puso entusiasmadísimo. Me pidió que me fuese con él. (...) Al entrar en su apartamento, abrió la puerta y me tomó del brazo hasta la cocina, en donde estaba su señora cocinando y le dijo: ‘He aquí un maya. Y tu que dices que los mayas no existen!’ (LÓPEZ, 1974, p.75).

O professor Raynaud era especialista em línguas indígenas e dominava o *quiché*, língua da etnia mais numerosa na Guatemala. Havia feito a tradução do *Popol Vuh*²², a “bíblia da América”, para o francês e buscava uma maneira de passar esta tradução ao espanhol. Asturias lhe pareceu perfeito para o trabalho. O escritor rememora que foi uma tarefa árdua, pois, por tratar-se de um livro sagrado, “todas as palavras deveriam ser respeitadas”: “[O professor] Nos explicaba el significado de cada una en quiché, nos decía como había encontrado tal y cual equivalente en francés, y nos pedia que le presentásemos posibles traducciones al español” (CASSOU, in SEGALA, 1996, p.763).

Ao contrário do que pensávamos ao início desta pesquisa, o surrealismo francês pouco influenciou o processo criador e a estrutura narrativa de Asturias. Era a Guatemala que lhe interessava, como sempre. E foi através deste primeiro trabalho de

²¹ O sitio arqueológico de *Quiriguá* está situado no distrito de *Morales*, próximo à cidade de *Puerto Barrios*, na costa norte da Guatemala. Comporta uma série de estelas de origem maia, período clássico. Foi “redescoberto” em inícios do século XX por arqueólogos ingleses.

²² O *Popol Vuh*, “livro sagrado dos maias” ou “bíblia da América”, é um épico em quatro cantos, cuja autoria ainda não foi desvendada e foi escrito na língua maia-quiché por índios que habitaram a Guatemala. O poema fala da criação do mundo e seus habitantes, das guerras tribais e da chegada dos espanhóis ao Novo Mundo. É chamada de “bíblia” por usar sua mesma estrutura narrativa e temas, certamente por influência das primeiras catequeses católicas do século XVI. In, MEDEIROS, Sérgio. A bíblia da América, Revista Cadernos Entre Livros – Panorama da Literatura Latino-americana, Duetto Editorial, São Paulo, n.7, p.27-28, setembro de 2008.

tradução que Asturias a descobriu de fato²³.

Sendo assim, ao afirmarmos que Asturias simplesmente absorveu todo o turbilhão de novidade e liberdade que as vanguardas artísticas lhe apresentavam e que a partir dali escreveu sua obra mais profunda e visceral, *El Señor Presidente*, seria um grande erro. Ele já levava um esboço da obra, que “reescreveu mais de quinze vezes” (LÓPEZ, 1974, p. 125), em forma de conto, intitulado *Los mendigos políticos*.²⁴ E, alguns anos mais tarde, todas as lendas e mitos do *Popol Vuh* se mostraram de alguma maneira presentes em *Leyendas de Guatemala*, de 1930. Ambos os livros, embora apresentem alguns aspectos correspondentes ao manifesto surrealista – tal qual o engajamento político em prol de uma revolução social como meio de libertar o indivíduo e a sociedade de seus condicionamentos, no caso de *El Señor Presidente* e a inserção do popular a uma nova realidade moderna (SCHWARTZ, 1995, p. 388) no caso de *Leyendas de Guatemala* –, provêm de matizes socioculturais muito próprios da Guatemala e de Asturias.

De acordo com Asturias, os cursos que frequentou na Sorbonne fizeram com que ele “passasse da arqueologia à antropologia, da morte à vida, do mito à realidade” com relação à Guatemala (CHEYMOL, in SEGALA, 1996, p.862). E, certamente, ao traduzir o *Popol Vuh* compreendeu a cosmovisão dos indígenas guatemaltecos, superando a visão superficial sobre os índios de sua tese de sociologia. Todos aqueles elementos

²³ Luis Cardoza y Aragón admite que também só conheceu a América na Europa: “(...) Si nosotros, que hemos vivido niñez y adolescencia en Guatemala, no sabemos vernos, por qué extrañarnos de que en pueblos hermanos y vecinos se desconozca popularmente lo fundamental de lo que somos? En París me di cuenta de lo que significaba la cultura maya. (...) Al tomar conciencia de mí, de mi pátria, padecía de que los míos no la tuviesen. Yo descubrí a Guatemala en Europa” (2000, p.170).

²⁴ A novela surgiu a partir de um conto de Asturias originalmente chamado de Tohil (uma das divindades perversas da mitologia maia-quiché), que tomou conhecimento ao traduzir o *Popol Vuh*, e de longas conversas com o escritor venezuelano Arturo Uslar Pietri. Asturias chegou a reescrevê-la até dezenove vezes (MARCO, 1987, p.32).

que trazia consigo desde a Guatemala começaram a aflorar, menos por influência do ambiente externo que o rodeava em Paris e mais como consciência de si como guatemalteco e como latino-americano. Sendo assim,

El indígena, 'peso muerto' que invalidaba el país, se convierte en orgullo a Guatemala, esencia de la nacionalidad. El inmigrante, la panacea de años atrás, pasa a ser, como 'el capital extranjero', un parasito del 'sudor del índio'. El índio vivo y el de la literatura terminaban así reconciliando-se en Asturias. El cambio no era exorcismo de los ambientes políticos y culturales europeos, como se afirma, sino afloración de tendencias, sentimientos y actitudes en evolución desde la pátria, presentes ya en la tesis, que concluye precisamente alertando contra el "trust" estadounidense (PINTO, 2007, p.38).

Asturias manteve estreito contato com diversos outros escritores latino-americanos que também circulavam pelos cafés de Montparnasse, tais como Arturo Uslar Pietri, Augusto Roa Bastos, Alejo Carpentier e César Vallejo. Além de outros que, assim como ele, por conta de regimes autoritários, tiveram que deixar seus países, como seu conterrâneo Luis Cardoza y Aragón. Muitos deles entraram em contato na Europa tanto com a realidade e produção artística de seus países, quanto com a dos demais países latino-americanos.

Este descubrimiento de la literatura latinoamericana por ella misma, esta toma de conciencia se han efectuado paso a paso, peldaño tras peldaño, y en contradicción con las leyendas, los mitos y los símiles que se intercambiaban entre las ensoñaciones de la Plata y los artificios de la publicidad de Montmartre. Los artículos [para o jornal *El Imparcial*] de Asturias, que han provocado esta más amplia reflexión, nos ofrecen un inestimable testimonio de este auto-descubrimiento. Su interes estriba fundamentalmente en el hecho de que nos revelan a la vez las intermitencias de una progreción personal y las etapas de un proceso analógico de un alcance más general. (...) (CASSOU, in, SEGALA, 1996, p.736).

Constatamos então que, a influência da vanguarda artística surrealista francesa na obra de Asturias foi superestimada ao início desta pesquisa. Afirmar que a formulação de *El Señor Presidente* e *Leyendas de Guatemala*, por exemplo, foi uma junção entre o

manifesto surrealista francês e as tradições autóctones da Guatemala mostrou-se ser uma inverdade. A importância do período que passou em Paris para a obra de Asturias foi mais por conta do desvelamento de uma Guatemala até então desconhecida e menos por seu contato com os artistas europeus de referida vanguarda.

Um aspecto que comprova esta tendência em Asturias é que ele se recusou terminantemente a *afrancesar-se* (pouco falava de Paris e da Europa em seus artigos para *El Imparcial*, pelo contrário, sempre fazia algum comentário sobre a realidade guatemalteca e pouco se preocupou em conhecer o idioma francês mais profundamente), sempre procurando rebater qualquer mito de um exotismo e exterminar algum complexo de inferioridade que ainda pairasse sobre sua identidade centro-americana. Mesmo assim, não resistiu em brincar com sua incontestada cara de príncipe maia: “Aunque su madre ya fue mestiza, él no podía escapar a la tentación de presentarse como un descendiente directo de la raza india, ferviente defensor de los suyos – aunque era, en realidad, un buen burgués católico y criollo, un verdadero ladino”(CHEYMOL, in, SEGALA, 1996, p.846).

As palavras do amigo Marc Cheymol definiram bem a transformação de Asturias:

(...) Cambio de piel: en París, MAA reviste una túnica de Nessus, y entra en el mundo mítico de la metamorfosis. El joven burgués, periodista por ocasión y escritor en ciernes, se ha transformado en un Gran Lengua²⁵ fuera del tiempo, porque domina a la vez el presente y la eternidad del pasado (CHEYMOL, in, SEGALA, 1996, p.882).

Foi em Paris também que o escritor começou a refletir sobre si como indivíduo, como guatemalteco e como latino-americano: “(...) Asturias iba mucho mas allá de lo parisino, buscando una respuesta más profunda al significado del siglo XX y a la

²⁵ *Gran Lengua* é como as comunidades indígenas guatemaltecas denominam seu “contador de histórias”.

pregunta de cómo y donde encajaban él y su pobre Guatemala en aquel mundo moderno” (MARTIN, in, SEGALA, 1996, p.804).

A virada ideológica de Asturias em sua primeira temporada em Paris implicou, ao mesmo tempo, no abandono de uma mentalidade *criolla* ou *ladina* e na adesão de uma nova perspectiva no sentido de incluir as culturas subalternas indígenas no projeto de modernidade guatemalteco, ainda que fosse através de sua literatura. Tal aspecto se fez presente em todos os movimentos vanguardistas latino-americanos durante as décadas de 1920 e 1930, ou seja, a incorporação do popular ao projeto moderno de nação (MORALES, 2000, p.570).

Asturias, assim, rompeu e ao mesmo tempo estreitou seus vínculos com a Guatemala. Rompeu com sua criação burguesa e *ladina* e comprometeu-se com o popular, ao manifestar opiniões anti-imperialistas, e com o indígena, ao encontrar um matiz teórico para as lendas que tanto escutou em sua infância. Ao chegar a Paris em 1924, Asturias,

Es el joven de carne y hueso rompiendo el cordón umbilical con Guatemala, con sus sueños, angustias y temores, decidido a triunfar, feliz de haberse atrevido a dar el paso de abandonar el país, pero llevándolo siempre en la mente, en el corazón (PINTO, 2007, p.15).

2.1.4 Retorno à Guatemala: “ganarse los porotos” e do inferno vem a criação

Por conta da crise de 1929, Asturias se viu obrigado a deixar Paris. Entretanto, quando chegou à Guatemala, em setembro de 1932, a atmosfera política e social não era das mais favoráveis: o general Jorge Ubico, que fora eleito democraticamente para

a presidência, levou adiante uma ditadura tão intransigente como a que Asturias deixara quando foi para a Europa.

O cenário econômico não era dos melhores e as únicas opções de Asturias eram trabalhar como advogado, o que nunca o atraiu, ou tirar algum proveito de sua experiência de escritor, escrevendo para jornais. Assim que as dificuldades econômicas começaram a se agravar, Asturias se viu obrigado a aceitar o convite de jovens jornalistas para trabalhar no *El Liberal Progressista*, jornal oficial do governo ubiquista. Não foi um caminho muito distinto de alguns de seus companheiros da *Generación de los 20*, aqueles que não estavam exilados somente tinham a opção de colaborar com o regime ditatorial (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.902). Esta primeira escolha de Asturias lhe rendeu críticas de setores políticos de esquerda na Guatemala, que o acusaram de traidor.

Não foram anos fáceis para Asturias: “Vivir en Guatemala será pronto un cáliz muy amargo” (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.907). Era mais um exílio, sendo que este se dava em seu próprio país. Foi algo profundamente doloroso para o escritor que tanto amava sua Guatemala.

Asturias trabalhou no jornal entre 1935 e 1937 para, em 1938, criar o *Diário del Aire*, programa de rádio onde lia as notícias liberadas pelo governo – sem comentários²⁶, é claro – e vinculava anúncios comerciais. O programa, que alcançou grande sucesso na capital, foi interrompido com a renúncia de Jorge Ubico após a Revolução de 1944 (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.912).

²⁶ “Decíamos que sin comentarios, porque me di cuenta desde el principio de que cualquier comentario podía tocar de cerca o de lejos a la dictadura y meternos en un conflicto” (LÓPEZ, 1974, p.90).

A relação conflituosa entre Asturias e a sociedade guatemalteca já vinha desde quando o escritor vociferava contra tudo e todos em seus artigos para *El Imparcial*, escritos em Paris:

[Asturias escrevia os artigos] con una pasión tremenda, con una honestidad ilimitada. Así, lanza constantes críticas que no le serían perdonadas jamás. Critica al ejército. Critica a la burguesía. Critica a los gobernantes, a la universidad, a la Iglesia (y es profundamente católico!); critica a los jóvenes y a los viejos, a los periodistas y a los maestros. Critica al pueblo. Se vuelve impertinente. Imperdonable. Ha aprendido a hablar con libertad (...) (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.900).

Asturias sofreu, naquele período, de um extremo isolamento e frustração. As duras críticas que fez, de Paris, à sociedade guatemalteca foram devolvidas em forma de rechaço e marginalização. Entretanto, Asturias não parou de produzir, mesmo que não publicasse nada naquele momento. Como afirmou Cardoza y Aragón: "(...) En él [Asturias] se da la paradoja de que vivió integrado al sistema, por su categoría en el periodismo oficial de la dictadura y, pese a ello o por ello, vivió marginación y creó su obra (...)” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2002, p. 85).

Ficou desempregado quando Ubico foi deposto pela Revolução de 1944. Asturias não participou nem de longe dos acontecimentos que culminaram na revolução, estava mais preocupado em ganhar o pão (*ganarse los porotos*), isto é, em sustentar-se e sustentar sua família, pois havia se casado e tinha dois filhos. Por conta disso, mas, principalmente, por ter aceitado o cargo de deputado oferecido por Ubico, também foi criticado e negado pelos companheiros que participaram ativamente da Revolução. Decidiu, então, mudar-se para o México, onde publicou *El Señor Presidente*, em 1946. No entanto, tampouco foi a melhor escolha, pois igualmente não foi bem recebido por seus companheiros de Paris que se encontravam no país vizinho e passou por

momentos de extrema amargura que se aprofundavam conforme sua situação financeira piorava. Foi praticamente “resgatado” por Juan José Arévalo, o primeiro presidente do governo pós-revolucionário, admirador de Asturias e “un humanista de gran clase”, que o convidou para retornar à Guatemala e o nomeou adido cultural em Buenos Aires, em 1947 (LORENZ, 1972, p. 227).

Por conta disso, foi acusado por uma elite conservadora de aliar-se a um governo “comunista”. Foi nesse período que retomou sua pesquisa – iniciada quando ainda trabalhava para Ubico (ARCE, in, SEGALA, 1996, p.936) – sobre a United Fruit Company, a fim de juntar elementos para a trilogia bananeira. Publicou *Viento fuerte* em 1949, sendo amplamente criticado e acusado de desconhecer a realidade da Companhia na Guatemala. Uma crítica sem embasamento, pois como o próprio Asturias alegou, ele andou pelas plantações de banana recolhendo testemunhos dos trabalhadores e funcionários da United Fruit Company. Entretanto, como estas incursões foram esparsas, pois se encontrava em cargo oficial na Argentina, surgiram críticas, principalmente de setores marxistas guatemaltecos, de que era “poco clara su obra”, assim como Asturias “desconocia mucho de la Frutera” (Coloquio con Miguel Angel Asturias, 1968, p.17).

Em um entusiasmo quase ingênuo, engajou-se politicamente, digamos assim, no segundo governo pós-revolucionário. O coronel Jacobo Arbenz, que haveria de ser sempre “seu presidente”, o nomeou embaixador em El Salvador, em 1953, como relatou o próprio Asturias: “(...) me nombró para la Embajada, porque yo tenía muchos

conocidos en San Salvador.”²⁷ Uma malograda experiência que terminou com o golpe de Castillo Armas e a renúncia de Arbenz em 1954.

Fora algumas visitas à Guatemala, Asturias não voltou a residir em seu país outra vez. Após o golpe de 1954, permaneceu exilado por mais de dez anos, visitou vários países em distintos eventos, tendo Buenos Aires, cidade de origem de sua segunda esposa, como base. Não parou de produzir, incluindo os livros seguintes da trilogia bananeira, *El Papa Verde*, 1954 e *Los ojos de los enterrados*, 1960. Continuou como correspondente para diversos jornais latino-americanos (ARCE, in SEGALA, 1996, p. 919).

Voltou a viver em Paris em 1966, quando recebeu o controverso prêmio Lênin da Paz, justamente por conta da trilogia bananeira. Embora tenha aceitado de bom grado tal prêmio, Asturias sempre suspeitou e rejeitou qualquer tipo de doutrinação político. Segundo Juan Olivero, o Koninform desmereceu o valor da trilogia ao tratá-la como simples propaganda “anti-ianque”:

La mira [do Koninform] era que las pobres mentes leyeran la propaganda y que aún creían de buena fe en las buenas intenciones de los norteamericanos, se convencieran de que los gringos eran unos repugnantes negreros sanguinarios que hacían trabajar a latigazos a los cortadores de fruta en las plantaciones bananeras (OLIVERO, 1980, p.124).

Ainda no mesmo ano, em 1966, Asturias aceitou o cargo de embaixador em Paris do governo de Julio César Méndez Montenegro. Foi sua última missão diplomática. Durante o governo de Méndez Montenegro (de 1966 a 1970) – que a princípio estava com as FAR (*Fuerzas Armadas Revolucionarias*), compostas pelo *Partido*

²⁷ Fragmento de entrevista concedida a Luis Harss, in, *Vida, obra y herencia de Miguel Ángel Asturias*, Paris: UNESCO, 1999, p.370.

Guatemalteco del Trabajo (PGT, o partido comunista guatemalteco) e os *Movimientos Revolucionarios 13 de Noviembre* (MR-13) e *12 de Abril* (MR-12) – Asturias foi indicado pelo PGT para assumir a embaixada da Guatemala em Paris. Aceitou o cargo com bastante receio²⁸ e quando Méndez Montenegro não cumpriu sua parte no acordo e passou a perseguir os guerrilheiros (PEREYRA, 2000, p.181), Asturias foi acusado de traição pelos comunistas por não renunciar ao cargo.

Após mais essa incursão equivocada na política, o escritor recebeu a notícia em Paris de que lhe fora outorgado o Prêmio Nobel de Literatura de 1967. Asturias recebeu o prêmio com grande honra e entusiasmo, sempre ressaltando que sua obra estava inserida na produção artística de toda América Latina e ele era apenas um de seus representantes. Quando perguntado por Luis López o que pensou quando recebeu a notícia, respondeu: “En la responsabilidad moral que entraña y el hecho de que a través mio se premiaba a toda la novelística latinoamericana y se honraban los sueños y las luchas de los pueblos de nuestro Continente” (LÓPEZ, 1974, p.150). Seu discurso, proferido no ato da premiação, intitulou-se *La novela Latinoamericana, Testimonio de una época*.

De acordo com o representante da Academia Sueca, responsável por apresentar o prêmio, o trabalho de Asturias era “vasto, valiente, y sobressaliente para generar interes fuera de su propio ciclo literario, más allá de su país y su tiempo, más allá de nosotros” (Apresentação do secretário permanente da Academia Sueca, in, ASTURIAS, Conferencia Nobel, 1967, p.9). Entretanto, o reconhecimento de Asturias como “portavoz para Latinoamérica, su gente, su espíritu y su futuro”, apareceu somente no

²⁸ “Cuando recién nombrado Embajador en París, vino Miguel Ángel, por última vez a Guatemala, me confesó que después de su mala experiencia en El Salvador en 1954, estuvo a punto de excusarse con Julio César de no aceptar el cargo. (...)” (OLIVERO, 1980, p.153).

âmbito internacional. Na sua Guatemala, que o autor amava tanto, tal reconhecimento e respeito não se fizeram presentes:

En efecto, la noticia del Premio Nobel para Miguel Angel fue recibida en América con gran entusiasmo en las nuevas generaciones literarias, no así entre algunos de los escritores más o menos consagrados, quienes, por esa virtud heredada de la Madre Patria ya mencionada, expresaban no estar muy convencidos de que Moyas [apelido de infância de Asturias] mereciera tal alta distinción (OLIVERO, 1980, p.155).

Asturias certamente fez escolhas equivocadas em sua trajetória política. Durante a ditadura de Jorge Ubico essas escolhas foram feitas como forma de sobrevivência; já no governo de Jacobo Arbenz e Méndez Montenegro, por puro entusiasmo e até mesmo ingenuidade. Talvez sua sensibilidade de artista não o permitisse transitar em um mundo prático e controverso como o da política. De fato, Asturias não foi nem de longe politicamente esclarecido ou engajado. Entretanto, voltamos a afirmar – mesmo correndo o risco de sermos repetitivos – que o único compromisso que Asturias assumiu foi com a Guatemala e seu povo e o melhor instrumento que encontrou para cumpri-lo foi através de sua literatura. Fê-lo de maneira apaixonada e, por vezes, parcial, mas isso não significa que tenha sido superficial.

Foi acusado, negado, rechaçado e criticado, tanto por setores políticos de esquerda quanto pelas elites conservadoras. Ainda assim recebeu em 1968, da associação de jornalistas da Guatemala o *Quetzal de Jade*, prêmio máximo da categoria, além do título de *hijo unigénito de Tecún Umán*²⁹ de um grupo de

²⁹ Tecún Umán ou Tekun Umam, foi um príncipe da etnia maia-quiché. Lutou contra o conquistador espanhol Pedro de Alvarado no ano de 1524. Criou-se um mito em torno de sua luta contra Alvarado e sua morte em batalha, dizia-se que as plumas vermelhas do quetzal (pássaro símbolo da Guatemala), vinham do sangue do príncipe indígena. Este mito foi retomado como símbolo dos movimentos de independência no século XIX. Em 1960, Tecún Umán foi declarado herói nacional e o dia de sua morte, 20 de fevereiro, feriado nacional.

representantes de comunidades indígenas. Mas, certamente, não teria sido nem criticado nem reconhecido, se não tivesse algo de relevante para dizer. Colocou o pequeno país centro-americano no mapa, testemunhou e relatou suas mazelas, belezas, lendas e história; descobriu-se e afirmou-se como latino-americano em sua experiência na Europa; retornou para casa onde sofreu o pior dos exílios, viveu um inferno em meio a uma sociedade provinciana e, quando todos achavam que estava acabado, foi quando mais produziu. Tudo isso sem nunca perder de vista a sua Guatemala.

Hombres como Asturias aparecen en países como Guatemala a cada cien años. Pudo haber alargado el tiempo y agregar que no se les comprende, mucho menos se les reconoce, pero si se les denigra para que estén a la altura de nuestras propias misérias (PINTO, 2007, p.40).

3. A Literatura como fonte de reconstrução do passado

“(...) Têm razão os cépticos quando afirmam que a história da humanidade é uma interminável sucessão de ocasiões perdidas. Felizmente, graças à inesgotável generosidade da imaginação, cá vamos suprimindo as faltas, preenchendo as lacunas o melhor que se pode, rompendo passagens em becos sem saída e que sem saída irão continuar, inventando chaves para abrir portas órfãs de fechadura ou que nunca a tiveram (...)” (José Saramago, *A viagem do elefante*, 2008, p.221).

Asturias alegou, em uma das entrevistas que concedeu, que a história da United Fruit Company na Guatemala “era a realidade” de seu país, “nada era inventado ou imaginado”. Entretanto, a forma como o escritor relatou tal fato histórico através de seus romances, ela sim é imaginativa. É imaginativa, mas não é criada a partir “do nada”, nasceu das visitas que Asturias realizou pelas plantações de banana, das conversas que teve com os trabalhadores, das histórias que ouviu tanto dos peões quanto dos funcionários administrativos.

O uso das artes em geral, e da Literatura em particular, como fonte de reconstrução de fatos históricos, nos é muito útil para preencher lacunas e alcançar o mais recôndito das relações sociais, onde fontes mais “tradicionais” não são capazes de chegar, como aponta Saramago. A Literatura faz mais do que ampliar nossas perspectivas: ao mapear a realidade, anunciando territórios inexplorados e desconhecidos, ela nos permite desvelar o que de outro modo talvez não fosse possível. Mesmo que a narrativa literária comporte altos graus de subjetividade e imaginação, isso não fará dela uma fonte mais ou menos confiável, é apenas um outro tipo de fonte. De acordo com Mario Vargas Llosa,

“(...) a irrealidade e as mentiras da literatura são também um veículo precioso para o conhecimento de verdades ocultas da realidade humana. Essas verdades não são sempre atraentes. Por vezes a imagem que se delineia no espelho que os romances e os poemas nos oferecem de nós mesmos é a imagem de um monstro. (...)” (VARGAS, in, MORETTI, 2009, p.30)

Todavia, tomar romances como fontes históricas pode ser algo tão sedutor quanto perigoso, pois, de maior ou menor importância em sua trama, eles sempre irão conter um elemento real e palpável, que, no caso da trilogia bananeira, é a própria Companhia Bananeira. A capacidade de invenção da literatura sobre coisas que existem de verdade pode ser, ao mesmo tempo, uma rica fonte e uma armadilha para o historiador.

Sendo assim,

Termos como ‘ficção’ ou ‘possibilidade’ não devem induzir ao erro. A questão da prova permanece mais que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com ajuda de uma documentação que também é diferente (...) (GINZBURG, 2006, p.334).

O estatuto da prova é modificado de acordo com Ginzburg, mas ela não se torna obsoleta, pois, mesmo que haja uma aproximação muito estreita entre o discurso literário e o histórico e que os resultados de uma investigação histórica possam ser expressos em forma de narrativa, não significa que esse “aspecto de prática literária” faça da história, ficção. E é para o autor Hayden White que Ginzburg dirige sua crítica:

Hoje a insistência na dimensão narrativa da historiografia (de qualquer historiografia, ainda que em diferente medida) se faz acompanhar, como se viu, de atitudes relativistas que tendem a anular *de fato* qualquer distinção entre *ficção* e *história*, entre narrações fantásticas e narrações com pretensões de verdade. Contra essa tendência, ressalte-se, ao contrário, que uma maior consciência da dimensão narrativa não implica uma acentuação das possibilidades cognitivas da historiografia, mas, ao contrário, sua intensificação” (GINZBURG, 2006, p.329).

Por isso insiste-se que a Guatemala e a United Fruit Company que tratamos nesta pesquisa são a interpretação de Asturias acerca da Guatemala e da United Fruit Company. Não é a mesma interpretação do autor Piero Gleijeses em *La esperanza rota: La revolución guatemalteca y los Estados Unidos, 1944-1954* (2005), por exemplo, mas nem por isso é menos verdadeira.

3.1 História e Literatura: uma mesma origem, caminhos distintos

Como um dos objetivos deste trabalho é a articulação entre História e Literatura, é válido atentar que ambas tiveram no mundo Antigo o mito como origem para, no século XIX, separarem-se definitivamente. De acordo com Luiz Costa Lima:

(...) o mito é o corpo unânime de cuja fragmentação surgiram, na Grécia, a história e a tragédia. O interesse deste conhecimento assim recuperado está em nos permitir, ao mesmo tempo, o melhor entendimento tanto da proximidade quanto da diferença entre história e ficção. O fato de que ambas se realizem narrativamente, não impede que cada uma provoque um relacionamento diverso com o mundo. O intento do historiador é designar o mundo que estuda. (...) O intento do ficcionista é criar uma representação desestabilizadora do mundo (LIMA, 1989, pp.101-2).

Uma figurando no campo científico e a outra permanecendo no campo das artes, tal separação apresentou para a primeira uma irreversível objetivação como resultado de uma desmitologização do mundo. Em *Trópicos do Discurso*, Hayden White discorre sobre o modo como a oposição entre história e ficção foi construída:

Antes da Revolução Francesa, a historiografia era considerada convencionalmente uma arte literária. Mais especificamente, era tida como um ramo da retórica, com sua natureza 'fictícia' geralmente reconhecida. (...) Aqui a oposição básica se dava muito mais entre 'verdade' e 'erro', que entre fato e fantasia, depreendendo-se daí que muitos tipos de verdade, mesmo na história, só poderiam ser apresentados ao leitor por meio de técnicas ficcionais de representação . (...) Entretanto, no começo do século XIX tornou-se convencional, pelo

menos entre os historiadores, identificar a verdade com o fato e considerar a ficção o oposto da verdade, portanto um obstáculo ao entendimento da realidade e não um meio de apreendê-la (WHITE, 2001, p.139).

Esta evolução do pensamento histórico no início do século XIX está ligada à ideia de razão como progresso e de mito e superstição como atraso e irracionalismo. Verificava-se a consolidação da história como disciplina apartada da literatura e das demais ciências sociais, além da busca por alcançar seu postulado científico, onde atingir a “verdade” pura seria o cerne do ofício de historiador. No entanto, tal busca em demonstrar os fatos “exatamente como ocorreram” é, ainda hoje, uma das principais metas da ciência histórica, segundo Hayden White, que segue descrevendo as convergências e divergências entre história e ficção: “Os historiadores talvez não gostem de pensar que suas obras são traduções do fato em ficções; mas este é um dos efeitos das suas obras” (WHITE, 2001, p.108).

De acordo com White:

O *modo como* uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica do enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária, vale dizer, criadora de ficção. E chamá-la assim não deprecia de forma alguma o status das narrativas históricas como fornecedoras de um tipo de conhecimento (WHITE, 2001, p.102).

Tanto Costa Lima como White concordam que o imperativo de se consolidar como ciência foi, sem dúvida, o que separou a História da arte literária. A História trabalhou para estabelecer sua total separação da ficção, assim como relutou em considerar as narrativas históricas, de acordo com White, como o que elas realmente são: “(...) ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e

cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com seus correspondentes nas ciências” (WHITE, 2001, p.98).

Entretanto, é difícil concordar com White quando diz que ainda hoje os historiadores procuram recriar os fatos exatamente como ocorreram. Todos sabemos e levamos em conta ao desenvolver uma pesquisa em História que, por nos ocuparmos da reconstrução do passado, tratamos de processos, tendências, estruturas e grupos sociais que em geral já não existem mais ou que deixaram evidências fragmentadas e, por conta disso, não se faz possível reconstruir esses mesmos processos, tendências, estruturas e grupos sociais nos mínimos detalhes.

Mesmo porque, um único fato histórico pode apresentar inúmeras possibilidades de interpretação e quando escolhemos uma em detrimento de outras já não podemos mais ser imparciais. O que não quer dizer que para escrever história não se tenha que seguir um conjunto de procedimentos metodológicos.

Somente porque os resultados de uma pesquisa histórica possam se dar através da forma narrativa e que o discurso histórico se aproxime mais do discurso da Literatura do que do discurso da Economia, por exemplo, isso não significa que seu conteúdo seja inventado, como afirma White. O historiador costarriquenho Hector Perez Brignoli faz a mesma crítica acerca desta questão, anteriormente apresentada por Ginzburg:

Los resultados de la investigación histórica se expresan en un discurso literario, generalmente narrativo. (...) Pero este aspecto de práctica literaria no significa que la historia sea ficción y en este sentido, parecida al cuento o a la novela (PEREZ, 2007, p.2)

Apresentados estes aspectos, é válido lembrar que este é um trabalho de História e não de Literatura, todavia, não teria sido desenvolvido se não acreditássemos que Literatura e História podem recorrer a estratégias narrativas aparentadas e que o desenvolvimento de ambas pode partir de uma mesma fonte. De acordo com Chartier: “(...) a literatura se apodera não só do passado, mas também dos documentos e das técnicas encarregados de manifestar a condição de conhecimento da disciplina histórica. (...)” (CHARTIER, 2009, p.27)

Contudo, ainda que a escrita da História comporte elementos da imaginação – a imaginação aqui é fundamental na escolha do tema, na leitura das fontes, na aplicação das ferramentas de análise, na coleta dos dados e na interconexão dos argumentos, não sendo sinônimo de invenção, mas de criação (LIMA, 2006, p.115) –, História e Literatura não se confundem:

(...) como fato da realidade, o mesmo fenômeno pode dar lugar aos tratamentos diferenciados do historiográfico e do ficcional. A história, chamemo-la crua, não equivale ao encaminhamento da dor de cabeça, porque os tratamentos historiográfico e ficcional não são meras disciplinas distintas de um mesmo tipo de saber. Cada um deles retira a história crua da pura empiricidade para elaborá-la segundo modos bem diversos (LIMA, 2006, p.117).

3.2 A ficção presente na Literatura: relevante na escrita da história

Como afirma White, durante o século XIX, com a separação entre História e Literatura, o fato tornou-se equivalente à verdade e convencionou-se considerar a ficção tanto seu antônimo quanto um empecilho para se chegar à realidade, não sendo possível apreendê-la através deste discurso. Concordamos com o autor que ficção não

se opõe à verdade e por isso mesmo não pode ser um obstáculo no entendimento da realidade. Entretanto, se a ficção pode ser uma estratégia interpretativa da História, ela não se faz presente em sua escrita. Ainda assim, isso não impede que a ficção possa ser uma ferramenta útil de (re) (des) construção do passado.

E mesmo dentro da Literatura, ficção não equivale a erro, engano ou falsidade. Os conteúdos de romances, mais especificamente da trilogia bananeira, mesmo que sejam inventados, não são criados “do nada”, como dizíamos anteriormente, sempre haverá uma conexão com o real. Obras literárias com elementos ficcionais também podem apresentar verdades sobre o passado. Uma trama ficcional não pode ser imaginada por inteiro ou não seria compreendida. Além disso, a verdade na História não é a única verdade sobre o passado (LOWENTHAL, 1995, p.224). Segundo Roger Chartier, “(...) As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabelecem os livros de história. (...)” (CHARTIER, 2009, p.21)

O ficcional literário incorpora, ainda que de maneira velada ou esotérica, parcelas da realidade. Não o define o grau em que o faz. Ao caracterizá-lo por esse grau, confundimos a ficção com a fantasia e, a seguir, ou a desprezamos – atitude do realista – ou a valorizamos – atitude do anti-realista –, seja porque ressaltamos a subjetividade dita criadora, seja, ao contrário, porque julgamos que tal fantasia se apropria do núcleo duro da realidade (LIMA, 2006, pp.282-3).

Asturias, em discurso proferido quando da entrega do Prêmio Nobel, afirmou que sempre procurou fundir sua literatura na realidade, não para objetivá-la, mas sim para penetrar nos fatos a fim de solidarizar-se com os problemas humanos: “Nada de lo que

es humano, nada de lo que es real le será ajeno a esta literatura urgida en el contacto con América. (...)" (ASTURIAS, *Conferencia Nobel*, 1967, p.20)

3.2.1 Realismo Mágico, a ficção na obra de Asturias

Não podemos rechaçar a Literatura como fonte histórica por esta conter elementos de ficção. Assim como não podemos desconsiderar a trilogia bananeira como fonte para a descrição das operações da UFCo na Guatemala por apresentar elementos considerados “fictícios” como lendas, fenômenos naturais inexplicáveis ou rituais e crenças populares.

Sem cair no erro de considerar a perspectiva do realismo mágico como explicação das particularidades da história americana, no caso da identidade cultural guatemalteca expressada por Asturias na trilogia bananeira, os elementos mágicos aparecem simplesmente para corroborar com a idéia de que a magia é própria (mas não única) do pensamento e vida dos guatemaltecos.

O fato de a trilogia bananeira ter partido de acontecimentos reais ajudou a explicitar uma interconexão entre o discurso histórico e o discurso literário. Sua narrativa (da trilogia) não é cronologicamente linear, mas temática (por exemplo, ela fala de ditaduras, exploração da terra, como temas gerais e não datados ou localizados geograficamente, mesmo que fique implícito que esteja se referindo à Guatemala) e sempre apresenta uma conexão com o real. O próprio autor nos relata de onde surgiu a ideia para sua trilogia anti-imperialista:

Después de leer el informe de estos periodistas y el libro *El imperio del banano*, me di cuenta que estos informes y estos libros sólo van a unas pocas manos. Son los especialistas los que leen los informes, y la gente muy especializada, la que busca los libros. (...) Entonces se me ocurrió que yo podía crear unos personajes que, aprovechando este informe, pudieran llevar a las manos de todos una novela, siendo que la novela es un vehículo para ideas y sentimientos y que toca más el corazón de los hombres (LÓPEZ, 1974, p.180).

No entanto, utilizar as concepções do realismo mágico como meio para explicar esses mesmos fatos – pretendido ao início desta pesquisa – demonstrou-se pouco eficaz. Em *El reino de este mundo*, Alejo Carpentier afirma, após uma longa estada na França, que o surrealismo de que falavam os teóricos franceses já estava dado em *nuestra América*. O *fantástico* ou o *maravilhoso* estava na natureza, nas cores, perfumes, nos mitos, nas lendas autóctones. Contudo, para o autor cubano Roberto González Echevarría (GONZÁLEZ, 1978), a formulação de Carpentier também era teórica, também era uma construção:

Tal vez lo que sea característico sea precisamente que escritores como Carpentier, Asturias o Uslar Pietri, hayan declarado que la magia estaba aquí, para evadir la alienación del europeo para quien la magia siempre está allá. Pero en esa tentativa hay una doble o meta-alienación; la magia puede que esté en esta origen, pero tenemos que verla desde la otra para verla como tal (...) (GONZÁLEZ, p. 141, 1978).

De acordo com Roberto González e outros autores, não é válido apoiar-se no realismo mágico para, por exemplo, explicar elites manipuláveis e entreguistas, ditadores sanguinários, fenômenos naturais como terremotos ou furacões, como se estes elementos fossem “mágicos” ou “fantásticos” e, por isso mesmo, “próprios do continente americano”. Como afirmou Cardoza y Aragón: “No supongo que las sociedades precolombinas fuesen paradisiacas, que en ellas sus miembros viviesen

transportados en una suerte de comunión con lo Maravilloso, en una suerte de éxtasis que algunos columbran que les fue propio” (2002, p.94).

E pelo mesmo caminho segue o escritor argentino Juan José Saer:

(...) La abundancia, la exageración, el clisé de la pasión excesiva, el culto de lo insólito, atributos globales de lo que habitualmente se llama el realismo mágico y que, confundiendo, deliberadamente o no, la desmesura geográfica del continente con la multiplicación vertiginosa de la vida primitiva, atribuyen al hombre latinoamericano, en ese vasto paisaje natural químicamente puro, el rol del buen salvaje (1999, p.270).

Contudo, como nos mostra o pesquisador estadunidense Seymour Menton, o próprio Carpentier, em conferência de 1975, assumiu – após larga e entusiástica viagem pelo leste europeu, Moscou e Ásia Central – que o conceito de *real maravilloso* não se limitava somente à América Latina (MENTON, 1998, p. 168).

A constatação de que o uso do realismo mágico como ferramenta para explicar uma “peculiar” história americana é limitado e está até mesmo ultrapassado nos ajuda a entender que essa mesma história é, sim, única, mas que não deve ser descolada da realidade como algo “mágico” ou “fantástico”.

Los problemas latinoamericanos son de orden histórico, político, económico y social y exigen soluciones precisas con instrumentos adecuados. Desplazarlos a la praxis singular de la literatura implica, necesariamente, ingenuidad, oportunismo o mala conciencia. (...) La novela es solo un género literario; la narración, un modo de relación del hombre con el mundo. Ser latinoamericano no nos pone al margen de esta verdad, ni nos exime de las responsabilidades que implica (SAER, 1999, p.271).

A forma de interpretar e de representar essa realidade em novelas, a trilogia bananeira no caso, é que se vale desses elementos mágicos.

Se a escrita de Asturias é prenhe dessas características mágicas para descrever a ação da United Fruit Company é porque o escritor de fato viu tal companhia instalar-se

na Guatemala e explorar a terra e a gente de seu país. E, quando ele nos mostra a zona bananeira sendo arrancada da terra por furacões (o *viento fuerte, huracanado*) ou nos apresenta o monólogo interior de um pequeno roedor – morto e pronto para ser assado – explicando ao leitor o que ocorreu após a passagem desse mesmo vento, por exemplo, os acontecimentos se convertem em relatos ficcionais, sem por isso deixarem de ser verdadeiros.

Ao descrever, o romancista pode até deformar, exagerar e modificar a realidade, mas as situações e personagens refletem seres e ações reais. Ou seja, o autor não faz senão imaginar um número definido de possibilidades, aproximadamente as mesmas que configuram a complexidade da vida humana.

De acordo com o escritor peruano Luis Alberto Sánchez, “El odio en Asturias no inculpa o destruye; al contrario, construye un mundo de ridículo frente al objeto de su diatriba y otro mundo de superación de parte de quienes él ama y exalta” (SÁNCHEZ, 1968, p.492).

Sendo assim, Asturias deforma a realidade até transformá-la em caricatura. Deforma a exploração do homem pelo homem, a miséria, o autoritarismo e a arbitrariedade, os despossuídos e até mesmo os fenômenos da natureza. Ou seja, desconstrói, reconstrói, transforma e mesmo transcende o homem, de forma violenta e por vezes injuriosa.

Para mostrar o quão desumano era o trabalho nas zonas bananeiras, Asturias bestializa empregados e patrões, ridiculariza os baixos funcionários que vivem das “migalhas” dos “gringos” e mostra a fundo a impotência *de la pobre gente de acá* (os trabalhadores da zona bananeira) diante *de la famosa gente de por allá* (os donos da United Fruit Company, em seus escritórios de Chicago). Apesar de narrar toda a

exploração dos trabalhadores pela Companhia, Asturias não vitimiza ou glorifica nada nem ninguém. Tampouco desqualifica seus personagens, apenas os vê como seres humanos despojados de suas terras, de sua força de trabalho e sua identidade. E é no estudo de tais sutilezas e subjetividades que o uso de romances como fonte de interpretação da história se faz tão rico:

Cuando el estudio de las subjetividades adquiere relevancia, la Literatura se convierte en un instrumento analítico central para el historiador. La ficción es clave para comprender los imagináneos sociales que prevalecen a través de la Historia. (...) Más bien la literatura ofrece los límites de lo imaginable en una sociedad determinada, las claves culturales para comprender el sentido común de la sociedad a la que pertenece su autor. (...) La Literatura ofrece una excelente fuente para el estudio de la construcción de las identidades sociales. Los personajes imagináneos están dotados de identidades que permiten al autor suscribir o criticar determinados comportamientos sociales. En la literatura encontramos los límites de lo aceptable en la vida social; también en esta encontramos aquellos valores profundamente internalizados que se reproducen acríticamente (ALVARENGA, in, MALAVASSI, 2007, p.25).

Entretanto, a magia não está no processo em si e como vimos não é possível apoiar-se nessa ideia. Por exemplo, o *viento fuerte* realmente existe, os furacões são fenômenos comuns tanto no Caribe quanto no Pacífico, mas a maneira milenar dos povos indígenas guatemaltecos em interpretar tais fenômenos é que está envolta em magia. Esta é uma subjetividade da cultura guatemalteca e, ao debruçar-se sobre ela, Asturias tem que mencioná-la e inseri-la em sua obra. Entretanto, e novamente, a presença de tais elementos não faz da trilogia bananeira uma fonte menos confiável. Embora a trilogia não trate exatamente do mundo indígena, tais elementos ainda estão muito presentes na configuração da cultura guatemalteca e perpassam os três romances.

A ficção literária é importante para a História, pois, mais do que expressar verdades ao redor e sobre as subjetividades, oferece potencialidades para representar

e explorar como nos distintos processos históricos se constroem os parâmetros sociais, como se elabora o bom e o mal, o belo e o feio, assim como as potencialidades transformadoras que se conferem aos distintos sujeitos sociais (ALVARENGA, 2000, p. 30).

3.3A trilogia bananeira: fatos recolhidos da realidade

As plantações de banana não eram familiares a Asturias, ele as desconhecia. Era algo estranho, externo à cultura guatemalteca e, por isso, à sua própria identidade individual. O escritor andara por toda a Guatemala, conhecia as terras altas, teve considerável contato com as comunidades indígenas durante sua infância e posteriormente em pesquisas de campo para escrever sua tese de advogado. Além disso, vivera e descrevera tão bem a capital de seu país, Cidade da Guatemala.

Todavia, ainda não conhecia as grandes extensões de terra cobertas pela “fruta dos sábios”, que eram as plantações bananeiras da empresa estadunidense United Fruit Company e os personagens, cenários e enredos que nelas se escondiam. Asturias só tomou conta da magnitude da Companhia e de seu impacto nas duas costas da Guatemala quando em visita a seu país – era embaixador do governo de Juan José Arévalo em Buenos Aires – percebeu que “estava desconectado de certos aspectos da vida guatemalteca”. E somente depois de percorrer as plantações e tomar elementos da realidade daquele “microcosmo” é que Asturias, através da imaginação, pôde narrar sobre o que tinha visto e vivenciado:

(...) En literatura, por el contrario, la imaginación tiene sus límites porque esos límites mostrarán cuál es el grado de participación humana en lo imaginario y cual es el grado de evasión de lo real. Tiene, además, un límite, porque todo procedimiento literario parte de la experiencia, y porque al mundo de la imaginación no accedemos más que a través de la experiencia. (...) La literatura entrelaza en una trabazón férrea lo imaginario y lo existente; transforma lo existente en imaginario y el imaginario en existente. Sin esa dialéctica, estamos fuera de la literatura. (...) (SAER, 1997, p.226)

A geografia da região de *Bananera* e *Puerto Barrios* ao norte, assim como de *Tiquisate* ao sul, lhe proporcionou os cenários e os personagens muito típicos e particulares de *Viento fuerte*: “en *Viento fuerte* hay también una serie de retratos y episodios tomados directamente de la vida guatemalteca” ou “En *Viento fuerte* hay personajes que están tan vivos que si usted va a Guatemala los va a encontrar”, declarou o autor.

A floresta tropical, por exemplo, densa e fechada, propícia para a produção de banana, também era uma grande estufa onde se desenvolviam diversas doenças e um dos personagens muito típicos desta zona é o que Asturias condensa na figura do *Nigüeto*, apelido dado a um senhor que possuía os pés cheios de *niguas*. A *nigua* é um pequeno inseto da zona tropical que penetra na pele do homem, principalmente debaixo das unhas dos pés onde deposita seus ovos que produzem diversas feridas³⁰:

(...) En una cruzada de caminos, topó a un hombre de pies hinchados a quien apodaban el Nigüeto. Llevaba los pies envueltos en trapos que más eran crostas, mostrando la punta de los dedos como papas podridas. (...) El Nigüeto siguió arrastrando las almohadas de sus pies, queja y queja, entre las hojas de sombras (*Viento Fuerte*, p.16).

O cidadão estadunidense que a princípio deveria ser detestável de tão inescrupuloso, em *El Papa Verde*, por viver tantos anos nas plantações relacionando-se de maneira mesmo paternalista com os trabalhadores é, ao fim, um pobre homem

³⁰ MORÍNIGO, Marcos. Dicionário del Español de América, Editorial Anaya & Mario Muchnik: Madrid, 1996.

atormentado pela perda de um grande amor que se entregou ao rio Motagua³¹. E, juntamente com esse homem, os demais “gringos” não são detestáveis. Neste caso, a “crítica à sociedade estadunidense” de Asturias, se empenhou em mostrá-los como máquinas, robôs, seres quase irrealis de tão insensíveis. Porém, mais que ódio, por se mostrarem tão débeis, despertam compaixão. Compaixão esta, que não anula os elementos anti-imperialistas presentes no romance.

(...) mientras sus compañeros esperaban en dos filas, con los brazos caídos, frente al cargamento de bananos que de las plataformas debían transportar a brazo y lomo a los vagones del ferrocarril para ser transportados al puerto, donde barcos fruteros los llevarían a tierras en que no hay tierra, sino que todo es de acero [aço], de vidrio, de cemento, y hasta la gente es como producto en conserva. Manos sin misterio, pulidas, desinfectadas, llevarían la fruta tropical a bocas de dentaduras cepilladas [escovadas] con dentríficos espumosos y de la boca, por gargantas sin amígdalas, a estómagos de animales casi vegetales” (*El Papa Verde*, p.296).

Embora afirme que *Los ojos de los enterrados* é dos três romances aquele em que os personagens têm maior vigência (são menos ambíguos que os de *El Papa Verde*, e mais definidos: mocinha, herói e vilões), a descrição da geografia, das montanhas e as lendas também estão presentes e é nesse livro onde encontramos a descrição com maior riqueza de detalhes do trabalho desumano dos bananais:

El inmenso mar de hojas que se besan y se expanden, que se cierran y besan al soplar el aire, techumbre [teto] de la que cae en tenue vaho un resplandor de luz verde limón, líquida por su transparencia y luz porque es luz; el inmenso mar de los banales alimenta por rios de racimos los mercados del mundo. Pero, cómo salen esos ríos de fruta prodigiosa? por donde cruzan sus aguas?... Corren sobre cauces [leito] humanos, jadeantes [ofegantes], desnutridos, con el cabello sin cortar pegoteados a la frente, a la nuca, a las orejas. El tiempo no se completa nunca. Los “time-keepers” impasibles. El que se cansa se desploma [desaba]. Nadie

³¹ O rio Motagua localiza-se na Guatemala e tem aproximadamente 400 km de extensão. Nasce na região central do país, a nordeste da Cidade da Guatemala e corre para nordeste e leste, desaguando no golfo de Honduras. Os seus últimos quilômetros materializam a fronteira entre Guatemala e Honduras. O vale por onde corre o rio Motagua era uma importante zona de produção de jade na Mesoamérica, já no tempo dos olmecas. O importante sítio arqueológico maia de Quiriguá situa-se próximo da margem norte do rio.

habla. Un seco vacío de cueva les aísla de todo. Sólo de la carga, no. La carga los pega a lo que son, bestias de carga. (*Los ojos de los enterrados*, p.245)

Partindo de um relato real, o relatório dos jornalistas estadunidenses, o impacto da descrição de Asturias acerca do dia-a-dia dos trabalhadores nas bananeiras está no movimento, nas cores, nos cheiros e nas sensações que saltam a cada página. Uma oralidade viva a cada frase que nos remete do particular ao universal a todo instante.

O trabalhador que carrega a fruta de sol a sol vestido somente com um trapo que cobre seu sexo, cego e surdo para o mundo ao seu redor; as índias vestidas com seus *huipiles* (traje típico) vendendo as mais variadas iguarias para comer; a transformação da natureza pelo homem e a resposta da natureza a tal intervenção; uma geografia que oprime, uma terra que “devora pessoas”; os movimentos migratórios para as duas costas em busca de trabalho; as ferrovias e trens como personagens; a formação de povoados em torno das plantações; o problema crônico de consumo de bebidas alcoólicas; lendas e crenças populares que perpassam os romances; a relação dos nativos com os “gringos” e a Companhia; o dinheiro como “perdição” são, ao mesmo tempo, tão tipicamente guatemaltecos quanto evidentemente universais. Poderiam, sim, ser a realidade de qualquer outro povo: “(...) Los sentimientos, las emociones, la imaginación, todo lo humano es universal si atesora una forma, una sangre, una luz, un sabor y una pasión que no se alcanzan sino volcándose en ello con toda el alma” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2000, p.241).

La tendencia de la crítica europea a considerar la literatura latinoamericana por lo que tiene de específicamente latinoamericano me parece una confusión y un peligro, porque parte de ideas preconcebidas sobre América Latina y contribuye a confinar a los escritores en el *gueto de la latinoamericanidad* (SAER, 2007, p.268).

3.4 Afinal, por que o romance?

Por que o romance é uma rica fonte histórica? As mudanças internas da sociedade burguesa, a consolidação do capitalismo no século XIX e o advento da expansão imperialista no início do século XX foram alguns dos condicionamentos que contribuíram para modificar as estruturas da narração literária.

De acordo com Georg Lukács, o romance como gênero literário moderno nos relata a dissociação entre herói e mundo (que se apresentavam unidos na épica clássica), assim como a afirmação de valores individuais, que passaram a ser colocados em destaque. Sendo assim, o romance (moderno) deu uma base materialista para o que antes era apresentado de forma idealista. (LUKÁCS, 2000, p.25)

“(…) O romance é o mundo moderno; não apenas não poderia existir sem este, como a onda sem o mar, mas por alguns aspectos identifica-se com este, é a mutável expressão dele, como o olhar e o contorno da boca são a expressão de um rosto. (...) De resto, o fim do mundo antigo parece cada vez mais, um espelho do fim do moderno (também do pós-moderno?) e da elusiva iminência de algum outro, e radicalmente diferente, que percebemos mas não sabemos definir nem imaginar.” (MAGRIS, in, MORETTI, 2009, p.1016)

Ao se decidir por falar do dia-a-dia dos trabalhadores da UFCo, Asturias optou por transferir os temas e conteúdos apresentados no relatório dos jornalistas Kepner e Shoothill em forma de novelas por achar que estas “poderiam atingir um maior número de leitores e tocar mais a fundo o coração dos homens”.

De acordo com Ginzburg, “ (...) a adoção de um código estilístico seleciona certos aspectos da realidade em vez de outros, realça certas conexões em vez de outras, estabelece certas hierarquias em vez de outras” (GINZBURG, 2006, p.320). Sendo assim, como declarou Asturias, seus romances poderiam estar ao alcance de mais

pessoas porque através, da literatura e do seu discurso, ele – o autor – selecionou certos aspectos da realidade em vez de outros, realçou certas conexões em vez de outras e estabeleceu certas hierarquias em vez de outras. Aí está a riqueza da Literatura como fonte: quando a História e seus métodos e fontes tradicionais não dão conta de explicar as nuances do social ela se faz importante.

Foi preciso um século para que os historiadores começassem a aceitar o desafio lançado pelos grandes romancistas do século XIX – de Balzac a Manzoni, de Stendhal a Tolstoi – enfrentando campos de pesquisa anteriormente desdenhados com a ajuda de modelos explicativos mais sutis e complexos que os tradicionais. A crescente predileção dos historiadores por temas (e, em parte, por formas expositivas) antes reservados aos romancistas – fenômeno impropriamente definido como “renascimento da história narrativa” – nada mais é que um capítulo de um longo desafio no terreno do conhecimento da realidade (...) (GINZBURG, 2006, p.326).

A bibliografia acerca da estrutura da United Fruit Company na Guatemala é extensa, contudo, a descrição e interpretação dessa mesma estrutura feitas por Asturias através do uso da imaginação, parece-nos também rica e interessante. Sendo mais uma, entre muitas, possibilidades de interpretação e representação da realidade da empresa na Guatemala.

4. *La Frutera*

El surgimiento y el largo reinado en Centroamérica de la United Fruit Company se ve ahora como una fábula del capitalismo norteamericano. (KINSER e SCHLESINGER, 1983, p.77)

A empresa que tanto impressionou Miguel Angel Asturias por sua magnitude, a ponto do escritor transpor sua história para as páginas de sua trilogia bananeira, foi fundada, basicamente, a partir do ímpeto aventureiro de um jovem que, na segunda metade do século XIX, se lançou em uma empreitada que marcou definitivamente o cenário econômico e social da “cintura de América”, como o escritor designava a América Central em seu programa de rádio *Diário del Aire*. Além do ideal expansionista que o referido rapaz carregava consciente ou inconscientemente, as reformas políticas e econômicas pelas quais os países do istmo haviam passado, além dos governos posteriores, facilitaram que o promissor empresário fundasse e ampliasse, sem maiores dificuldades, a United Fruit Company por toda a América Central.

O período histórico da trilogia bananeira não é cronologicamente linear, assim como não corresponde às datas de publicação dos livros: 1949, 1954 e 1960. Asturias tratou o contexto histórico nos romances de maneira temática. Tampouco a trama da trilogia é linear. Como apontou a professora Luz Méndez de la Vega, existem tramas temporais entre os romances, principalmente entre *Viento fuerte* e *El Papa Verde*. O

personagem Papa Verde aparece como presidente da Companhia Bananeira em *Viento fuerte* e Asturias fez referência ao vento devastador que arrasa as plantações de banana do primeiro, no segundo romance. Além disso, vários dos personagens da primeira novela voltam a aparecer na segunda. *Los ojos de los enterrados* parece estar mais apartado dos dois primeiros livros, pelo menos sob este aspecto.

De certo, os três livros abarcam a ação da United Fruit Company na Guatemala durante a primeira metade do século XX. Sendo assim, procuramos neste capítulo entrelaçar a história da UFCo, alguns dos elementos dessa história que aparecem nos romances, e a trajetória de Asturias (apresentada em detalhes no capítulo 2) até o momento em que o autor concebe a trilogia.

4.1 O rei sem coroa da América Central e a criação da United Fruit Company

Ainda em fins do século XIX, os Estados Unidos assumiram o expansionismo também como política externa, principalmente em relação à América Latina independente. Além da compra e anexação, legal ou ilegal, de territórios durante todo o século XIX em praticamente todas as direções geopolíticas (por exemplo, o Alasca ao norte, Porto Rico ao sul e o Havaí no Pacífico), os Estados Unidos, “nação de homens livres” também contaram com os mais variados tipos de “aventureiros” que se embrenhavam em regiões ermas do continente e travavam relações políticas e econômicas, no mínimo obscuras, com os dirigentes e elites das ainda vacilantes democracias latino-americanas.

No caso da América Central, o mais célebre desses “flibusteiros”, ou piratas do século XIX, foi William Walker que chegou a ser, por um breve período, durante a década de 1840, Primeiro Ministro da Nicarágua. Esses homens que haviam “nascido um pouco tarde para tomarem parte da expansão do oeste”, voltaram-se para a América Central e, realizando incursões em uma série de países da área, interferiram principalmente na negociação e construção de ferrovias (SHOULTZ, 2000, p.145).

A construção massiva de estradas de ferro como “baluarte da modernidade”, por toda a América Central durante a segunda metade do século XIX (DOSAL, 1993, p.32), atraía mão-de-obra e capitais estrangeiros. Minor Cooper Keith era o jovem empreiteiro que mais tarde se tornou um dos fundadores da United Fruit Company e seu *imperio del banano* teve início na Costa Rica. Embora tenha nascido quase uma década depois das ações inescrupulosas de William Walker, Keith era movido pelo mesmo sentimento de aventura de seu conterrâneo. Fora atraído para a América Central para trabalhar na construção de mais uma estrada de ferro que seu tio Henry Meiggs iniciava na Costa Rica, em 1871 (DE LEÓN, 1950, p.73).

No mesmo ano, após se embrenhar na floresta tropical e perder seu tio, irmãos e uma centena de trabalhadores por conta de doenças tropicais, Keith assumiu a construção da ferrovia que deveria ligar a capital *San José* até o porto de *Limón* na costa atlântica. Mais de dez anos depois, em 1882, Keith se viu sem o financiamento do governo costarricense e tendo que aceitar o investimento de empresários ingleses, o que lhe permitiu terminar a obra quase vinte anos após seu início, em 1890 (MAY e PLAZA, 1958, p.12).

Entretanto, a alta dívida que tivera de assumir ainda não estava quitada. Nesse momento, Keith decidiu investir nas pequenas plantações de banana que havia

começado a cultivar às margens da famigerada ferrovia.³² O empreendimento foi tão bem sucedido que, em 1883, Keith possuía três companhias de exportação de bananas e, em 1890, a ferrovia que havia construído sob condições tão adversas, somente realizava o transporte das frutas, tendo como principal comprador os Estados Unidos (DOSAL, 1993, p.57).

Ainda na década de 1890, Keith se tornou muito influente entre a elite costarrriquenha – a ponto de casar-se com Cristina Castro, filha do presidente José Maria Castro (KEPNER e SOOTHILL, 1957, p. 52), – assumindo a dívida do governo com os bancos ingleses e tornando-se o principal mediador entre ambos.

Através da *Colombian Land Company*, expandiu seus negócios para a região de Madalena, na Colômbia. Em 1898, Keith possuía um pequeno império e havia se associado ao capitão Lorenzo Baker e a um empresário de Boston, Andrew Preston, donos da *Boston Fruit Company*.³³

Em 1899, a *Boston Fruit Company* e a empresa de Keith se fundiram, formando a *United Fruit Company*. A América Central presenciava o nascimento de um novo império, tendo Preston como presidente e Keith como vice. Keith possuía a maioria das ações da rede ferroviária da Costa Rica, assim como um sem número de fincas produtoras de banana espalhadas pelo país, Panamá e Honduras, fornecendo o

³² No século XIX, existiam, em toda a América Central e algumas ilhas do Caribe, diversas fincas de bananas que exportavam sua produção em pequenas escalas, algumas de proprietários locais, mas a maioria pertencia a empresários estrangeiros imigrantes, entre eles italianos e franceses (ELLIS, 1983, p.71).

³³ Em 1870 o italiano Lorenzo Dow Baker, comandante do navio *Telegraph*, levou como carga extra para Jersey City, em Boston, um carregamento de bananas providas da Jamaica que vendeu a muito bom preço. Também em Boston, o dono de uma pequena firma, Andrew Preston, observou o grande consumo de frutas tropicais nos Estados Unidos e propôs sociedade a Baker que já era um bem sucedido membro da *Standard Steam Navigation Company*. Baker, por sua vez, convenceu Preston a organizar uma agência independente. Em 1885, a *Boston Fruit Company* foi fundada (MAY e PLAZA, 1958, p.5).

produto para o mercado do sul dos Estados Unidos. Preston, por sua vez, dominava as plantações nas Antilhas, possuía vapores frigoríficos e controlava o mercado do norte dos Estados Unidos (MAY e PLAZA, 1958, p.17).

A ascensão meteórica de Minor Keith lhe rendeu o título de “rei sem coroa da América Central” e, até sua morte, em 1929, exerceu considerável influência sobre os governos centro-americanos.

Certamente, Asturias inspirou-se em Keith para compor o personagem principal de *El Papa Verde*, o inescrupuloso Geo Maker Thompson. *El Papa Verde: rubio sacerdote del comercio*, ao início do livro, tem como único amigo um homem simples que lhe serviu fielmente enquanto Geo Maker navegou pelas ilhas caribenhas atrás de diamantes. Decidira abandonar o negócio para ingressar no mercado de exportação de bananas. Era esse mesmo tipo de relação que Minor Keith travava com seus empregados nas ferrovias e, posteriormente, nas plantações de banana. Enquanto Andrew Preston era o típico empresário de gabinete, Keith percorria as construções das ferrovias e as plantações, ganhando o respeito de seus empregados.

Keith was not a Wall Street tycoon who exploited the tropics from a Manhattan office. He spent most of his life in Central America where he learned to fight, swear, and drink with the ruffians employed on his railroads, some of them veterans of the William Walker filibustering expeditions. Keith earned the respect of his men by sweating it out the front lines;(…) (DOSAL, 1993, p.55).

4.2 *Império Informal: a UFCo se estabelece na América Central*

O “expansionismo” da United Fruit Company dentro da América Central, realizado através do sentido aguçado de Keith para os negócios, apresentou um caráter

muito mais econômico que um sentido missionário ou civilizatório. Enquanto a ideia de Destino Manifesto que moveu os Estados Unidos em direção ao Oeste e que se verificou em sua expansão territorial em direção à América Latina ainda encobrisse interesses econômicos, no caso da instalação da UFCo na América Central a exploração econômica era explícita. É o que nos diz Asturias sobre seu personagem Geo Maker:

(...) El [Geo Maker] no engaña a nadie. Desde el principio dice: “Aquí vamos a hacer expulsar a los peones, a meterlos en la cárcel, a hacer que los saquen, les quemén los ranchos.” Es decir, que él cumple su programa de destrucción de la pequeña plantación y creación de las grandes plantaciones bananeras en el Atlántico (LÓPEZ, 1974, pp. 186-7).

Era o primeiro registro, em países centro-americanos, de uma empresa que possuía cem por cento de sua produção voltada para o mercado externo, tendo como consequência o subdesenvolvimento de uma indústria interna nos países em que esteve presente. A United Fruit Company pode ser considerada como uma das primeiras empresas multinacionais instaladas em um país periférico.

Sendo assim, seu propósito, como o de qualquer empresa do início do século XX, era total e explicitamente econômico. Não há sentido de *mission civilizatrice* francesa, nem de *visão departamental* britânica (SAID, 1999, p.200-1) na fundação da empresa. Não havia qualquer tipo de interesse da United Fruit Company em “salvar” os povos centro-americanos. É o que Ricardo Salvatore denomina como *império informal*: “al proyecto de dominación económica y cultural ejercida por una potencia central sobre una región periférica sin la necesidad de anexión de territorios ni intervención gubernamental directa” (SALVATORE, 2006, p.24).

Somos una empresa comercial, diz o homem mais importante na hierarquia da Tropical Platanera S.A.³⁴, em seu escritório de Chicago, para Lester Mead (personagem de *Viento fuerte*), quando este vai ao seu encontro interceder por pequenos proprietários particulares que perderiam sua produção de bananas se a Companhia não a comprasse – *una agrupación financiera!*, reitera o empresário. Lester Mead, o “bom cidadão estadunidense”, que funda uma cooperativa com proprietários locais, se convence após este encontro de que *Ésta no es una lucha a machetazos; tampoco es una lucha que se va a ganar con discursos tratando de convencerlos; no, es una lucha económica.*

Minor Cooper Keith, portanto, se embrenhou na selva, contornou as adversidades e vivenciou a cultura local. Era um “pirata dos negócios” que encontrou nas frágeis democracias centro-americanas a oportunidade de fazer fortuna. Foi como Asturias o retratou em seu personagem: prático e coerente com seus objetivos, mesmo que sem escrúpulos.

4.3A consolidação da UFCo na Guatemala: os governos liberais abrem as portas

As reformas liberais de fins do século XX, comandadas pelo presidente Justo Rufino Barrios e apoiadas nos altos lucros que a exportação de café proporcionava à Guatemala, tinham por objetivo inserir o país definitivamente na Era da Modernidade. Entretanto, apesar de criar um Estado laico e promover o desenvolvimento de infraestruturas, como a construção de ferrovias, equivocou-se no cálculo do orçamento

³⁴ Nome que Asturias dá à Companhia Bananeira de seus romances.

para a realização de tais reformas e acabou por fazer o jogo do capital estrangeiro representado, entre outros, pela United Fruit Company, além de leiloar as terras comunais indígenas e reimplantar o trabalho servil.

The Liberals believed that the expansion of the coffee economy would provide them the capital they needed to create a modern diversified economy. To this ambitious end, they seized communal lands, reimposed forced labor systems, confiscated church properties, and promoted infrastructural development (DOSAL, 1993, p.12).

O sentimento anti-imperialista que a ação da United Fruit Company na Guatemala despertou em Asturias – que se manifestava desde os artigos que escrevia para *El Imparcial* nas décadas de 1920 e 1930 –, assim como em outros autores, principalmente após a Revolução de 1944, não pode ser considerado como simples reação “anti-ianque” de setores de esquerda da sociedade guatemalteca. Dos três romances, *Los ojos de los enterrados* é onde Asturias trata com maior ênfase o aspecto imperialista da empresa. Se, em *Viento fuerte*, o escritor mostra que “nem todos os cidadãos estadunidenses são maus” e, em *El Papa Verde*, mesmo o inescrupuloso Geo Maker “se humaniza” ao final de sua vida, no terceiro romance Asturias nos mostra a face mais corrupta da UFCo e sua relação com os governos ditatoriais guatemaltecos. Paul Dosal nos fala dos “tentáculos” da Companhia para demonstrar o alcance que ela chegou a ter na Guatemala:

By doing business with dictators, United grew into *el pulpo* (the octopus), a vast enterprise with tentacles extending far beyond the coastal plantations from which it extracted bananas. (...) For forty years, UFCo monopolized the country's railroad network, controlled the wharves at Puerto Barrios and San José, dominated shipping, and operated the telegraph systems (DOSAL, 1993, p.2).

De certo, um dos episódios que marcou a presença da *Frutera* na sociedade guatemalteca foi sua colaboração para o golpe militar de 1954 que levou à renúncia de Jacobo Arbenz e pôs fim aos “diez años de primavera en el país de la eterna tiranía” (CARDOZA Y ARAGÓN, 2002, p.186)³⁵. Sendo assim, as reações de certos setores da sociedade guatemalteca contra a Companhia são proporcionais aos impactos de sua ação na Guatemala.

O primeiro livro a apresentar um estudo detalhado da estrutura interna da United Fruit Company na América Central, suas plantações, relações comerciais, infraestrutura habitacional, as relações laborais, todo o trajeto da fruta desde sua plantação até seu embarque nos navios frigoríficos, foi o já amplamente citado neste trabalho, *El imperio del banano*, escrito a partir do relatório de Charles Kepner e Jay Soothill, de 1935.

O livro, que foi traduzido ao espanhol em 1947, é citado invariavelmente por todos os autores que escreveram sobre a United Fruit Company, como os consultados para este capítulo. Inspiração para vários escritores, inclusive para Asturias, o livro, apesar de ter excelentes informações acerca do funcionamento da empresa, parece sempre “se desculpar” pela política econômica imposta pela Companhia, apresentando soluções para a UFCo se relacionar melhor com seus empregados e com os governos centro-americanos. O principal viés do livro – a urgente necessidade da Companhia de mudar as relações com seus empregados e os governos locais – é personificado por Lester Mead, *el gringo buena gente de Viento fuerte*. Nos diz Asturias:

Este informe fue publicado con el título de *El imperio del banano*. En él hay largas elucubraciones sobre el hecho siguiente: se podría explotar en la misma forma las plantaciones

³⁵ Aqui, Cardoza realiza uma paródia a partir de uma frase de “propaganda” acerca da Guatemala: *Guatemala, país de la eterna primavera*.

bananeras, pero habría que humanizar la explotación. Es decir, que estos periodistas, que encontraban terrible la forma de explotación en los campos bananeros centroamericanos por parte de la Bananera, no suprimían la explotación del hombre, pero sí pedían que se hicieran menos crueles, que se hicieran más dignos de la misma compañía explotadora (LÓPEZ, 1974, p.180).

Com exceção dos livros *The United Fruit Company in Latin America* (MAY e PLAZA, 1958) e *For the Record: The United Fruit Company's Sixty-Six Years in Guatemala* (STANLEY, 1994), toda a bibliografia consultada para compormos este capítulo, concorda que a United Fruit Company poderia ter revisto a forma como se realcionava com seus trabalhadores e com os governos dos países em que atuou.

O primeiro, nada mais é do que propaganda do governo estadunidense em prol da Companhia. Financiado pelo *United States Business Performance Abroad*, o livro, escrito no pós-II Guerra, enfatiza a “grande virada” das políticas sociais e trabalhistas da United Fruit Company e a implementação de programas de bem estar social para seus empregados. A obra apresenta uma série de fotos mostrando novas habitações, áreas de lazer, hospitais e escolas para os trabalhadores da empresa. A partir da década de 1950, e após o enfrentamento de inúmeras greves em todos os países em que estava presente, a UFCo adotou uma nova atitude em relação aos seus empregados. O livro aporta boas informações sobre o funcionamento da Companhia, sempre que considerado seu explícito caráter utilitário.

Já o segundo livro, de Diane Stanley, que como afirma a autora,

(...) does not pretend to be an academic treatise, puts on the record essentially all of the criticisms that have been published about the United Fruit's Company tenure in Guatemala. While some of the allegations are certainly valid, it is also apperent that many others are completely erroneous – as only a few authors have thus fair poited out. Not, surprisingly, U.S. scholars have largely dismissed these writers as “apologists” (STANLEY, 1994, p.vi).

Stanley, filha de cidadãos estadunidenses, nasceu e passou a maior parte de sua vida nos condomínios para médios e altos funcionários que existiam nas divisões bananeiras. Seu principal apontamento no livro é direcionado aos autores centro-americanos que insistiram em repetir críticas e fatos infundados sobre a atuação da Companhia, que recolhiam principalmente de estudiosos estrangeiros. Seu estudo é válido ao mostrar o discurso maniqueísta fundado em um anti-imperialismo panfletário de alguns autores e como estes criaram a “Lenda Negra” da United Fruit Company, tal como o escritor que declarou que a UFCo detinha 550 milhões de hectares de terra da Guatemala, o que seria impossível, pois este número corresponde a vinte vezes o território total do país (STANLEY, 1994, p.152).

Como aponta Asturias, a partir de Kepner e Soothill, não se tratava de expulsar a Companhia da Guatemala, pois esta era parte importante da economia do país, mas sim que a empresa reformulasse sua relação com os dirigentes políticos e com os trabalhadores.

A autora, além de apontar discrepâncias como a citada acima, discorre sobre os benefícios econômicos e sociais que a empresa proporcionou à Guatemala. Tais como escolas, hospitais, habitação, a construção de pontes, ferrovias, estradas, drenagens de pântanos, incentivo ao comércio. E ressalta em mais de uma ocasião que a United Fruit Company chegou a pagar os melhores salários rurais da Guatemala. O hospital de *Quiriguá* “que atendia mesmo aqueles que não eram empregados da Companhia”, comandado por um médico escocês, chegou a ser referência na América Central e Caribe ainda na década de 1920. Assim como, ao fundar o Parque Nacional de *Quiriguá* (que comporta um dos sítios arqueológicos mais antigos da Guatemala), a UFCo estava ajudando a “preservar a cultura maia”.

Alguns dos ex-empregados (mesmos os mais baixos na hierarquia da empresa) que a autora entrevistou lembram do tempo em que trabalhavam para a “Yunait” com saudosismo. Entretanto, a impressão que temos ao ler o livro é de que, frente aos governos guatemaltecos corruptos e negligentes, a estrutura trazida pela United Fruit Company foi superestimada por uma população carente e marginalizada desde sempre. Pois, toda essa “maravilhosa” infraestrutura, toda essa preocupação com o bem-estar dos empregados, tinha por objetivo que estes produzissem mais e melhor. O motivo era econômico. Como alertava Keith, era preciso investir no combate às doenças tropicais, por exemplo, para que não se perdesse mão-de-obra (DE LEÓN, 1983, p.143).

O relato de Diane Stanley é inevitavelmente parcial e, por vezes, ingênuo quando diz que sua infância nas divisões bananeiras foram “os melhores dias de sua vida” (STANLEY, 1994, p. 102). A autora provavelmente não conheceu o dia-a-dia dos peões cortadores de banana – “Sí, los compañeros se abrazan a su esperanza, al levantar los racimos y echárselos a la espalda, inclinada la cabeza, para que el golpe crudo fuera en los omóplatos, sobre los que llevaban mantillones de bestias, costales con los que algunos hacíanse cucuruchos para taparse la cabeza.” (*Los ojos de los enterrados*, p.245) – pois em momento algum os cita, chegando somente até a rotina dos *time-keepers*³⁶ – “Pero si lo mismo son todos los ‘time-keepers’, lo de que fuera o no yanqui, nada tenía que ver con el trabajo de ellos, de aquellos para quienes la carga no era ni esperanza ni castigo, ni porvenir ni pasado, sino simplemente carga, carga, carga, carga...” (*Los ojos de los enterrados*, p.245).

³⁶ Empregados que tinham como função tomar conta dos trabalhadores para que a fruta fosse cortada e transportada até os navios dentro do tempo previsto.

Entretanto, discursos apologistas ou panfletários à parte, as ações da UFCo de fato foram mais de caráter controverso que o contrário. O golpe de 1954, por exemplo, foi a culminação de vários outros episódios contraditórios relacionados à United Fruit Company.

Ainda na primeira metade do século XX, a Companhia permaneceu quase trinta anos sem firmar contratos legais com o governo, obtendo por meios escusos a *Ferrocarriles Internacionales de Centro América - IRCA* (malha ferroviária do país), a *Companhia Agrícola de Guatemala* (companhia que respondia aos assuntos concernentes à terra), além do comando dos dois portos do país, *Puerto Barrios* ao norte e *San José* ao sul. Além, é claro, da concessão de grandes extensões de terra e a isenção no pagamento de impostos, principalmente na exportação.

Foi entre 1926 e 1934 que a Companhia obteve os maiores ganhos durante o período que permaneceu na Guatemala, por volta dos vinte milhões de dólares anuais, que caíram até um mínimo de cinco milhões em 1932, para voltarem a subir em 1933, permanecendo até 1944 e atingindo a marca dos quinze milhões de dólares anuais (ELLIS, 193, p.138).

Apesar de somente ter assinado, sob bases legais, um contrato com o governo guatemalteco em 1924 (o primeiro convênio entre governo e Companhia, firmado em 1901, somente permitia que os vapores da empresa transportassem a correspondência da Guatemala para Nova Orleans), a UFCo já operava clandestinamente em terras às margens do rio Motágua, na costa atlântica do país. A empresa intensificou a aquisição de terras na Guatemala, mesmo que ilegalmente, porque havia perdido grande parte de sua produção na divisão de Bocas del Toro, no Panamá, por conta de pragas que infestaram as plantações (DE LEÓN, 1950, p.45).

Em 1904, a United Fruit Company recebeu a concessão do Estado para finalizar o trecho ferroviário que ligava a capital, Cidade da Guatemala, a *Puerto Barrios*, o que uniu definitivamente as duas companhias, a UFCo e a IRCA, estruturando-se mais um conglomerado monopolista. Essa era a estratégia da Companhia em todos os países em que atuou, pois a detenção pelo menos de parte, das linhas férreas, era fundamental para o funcionamento da empresa. (KEPNER E SOOTHILL, p.154). Em 1912, a UFCo era a principal acionista da IRCA.

The modernization projects, particularly railroad construction, required vast amounts of capital and technology, both of which Guatemalans were either unable or unwilling to provide. As a result, the Liberals financed railroad construction using a combination of state, local, and foreign capital. (...) The failure of the state to complete the Northern Railway created the conditions in which Minor Keith acquired it, the Central, and the Occidental [ferrovias], and placed them at the service of the United Fruit Company" (DOSAL, 1993, p.17).

Esta primeira fase das operações da United Fruit Company na Guatemala se desenvolveu durante a infância e juventude de Asturias que, como vimos no capítulo 2, foi particularmente marcada pela ditadura de Estrada Cabrera, que concedeu amplos benefícios à Companhia. Pois, como afirma Paul Dosal, sem tais concessões e privilégios, esta teria encontrado dificuldades em instalar-se na Guatemala:

While Guatemalan dictators had conditioned the development of United Fruit, American diplomats and capitalists had deluded themselves into thinking that they shaped Guatemala's destiny. The country's most brutal dictator [Estrada Cabrera] sanctioned the concession that allowed [Minor] Keith to monopolize railways, and the limited democratic opening of the 1920s blocked his efforts to extend his influence to Guatemalan financing. Without timely assistance from Guatemala's corrupt and authoritarian rulers, Keith and United would have found it much more difficult to extract liberal concessions from the government, eliminate competitors, and suppress challenges to its authority" (DOSAL, 1993, pp. 112-13).

Já o contrato de 1924, firmado entre a Companhia e o governo de José Maria Orellana, regularizava a situação da UFCo em território guatemalteco com a compra

das terras às margens do Motágua, no norte do país, a um preço baixíssimo (KEPNER e SOOTHILL, 1947, p.235). Como visto no capítulo 2, após alguns meses de esperança, os setores que haviam conseguido a renúncia de Estrada Cabrera constataram que o governo de Orellana não se diferenciava muito da administração de seu antecessor, que continuou fazendo concessões ao capital estrangeiro. Tal desilusão e nova repressão aos movimentos reivindicatórios da década de 1920 foram os fatores que levaram Asturias ao seu primeiro exílio em Paris.

Em 1929, a United Fruit Company passou a operar também na costa sul da Guatemala, tendo a região de *Tiquisate* como sua principal divisão bananeira. Para tal, regularizou a situação das terras que vinha adquirindo nessa região desde 1921. Em contrapartida à aquisição da *Companhia Agrícola da Guatemala*, a UFCo criou o porto de *San José* (principal item do contrato de 1930) na costa pacífica (ELLIS, 1983, p.77). Em meados da década de 1930, a Companhia possuía mais de um milhão de hectares de terra na América Latina e Caribe, sendo que a maior parte dessa terra nunca foi cultivada (BOURGOIS, 1994, p.46).

Em 1936, a ditadura de Jorge Ubico ratificou o contrato de 1930. Foi nesse mesmo período que Asturias retornou à Guatemala onde, mesmo que “recolhido” em seu trabalho para o governo de Ubico, deu início às pesquisas sobre a United Fruit Company, que se tornaram a base da trilogia bananeira.

Até seu retorno à Guatemala em meados da década de 1930, Asturias pouco conhecia sobre a United Fruit Company que já estava no país há mais de trinta anos. O impulso anti-imperialista que havia demonstrado com tanta veemência durante sua estada em Paris parecia ter renascido ao tomar consciência de como a empresa estadunidense operava na Guatemala. Apesar dos anos amargos que passou durante a

ditadura de Ubico, os “dez anos de primavera na terra da eterna tirania”, representados pelos governos democráticos de Arévalo e Arbenz, deram ao autor as condições propícias para escrever e publicar a trilogia. Embora as duas últimas novelas só tenham sido publicadas após o golpe de 1954, em Buenos Aires, os anos anteriores permitiram que Asturias juntasse material para escrevê-las.

4.4 Os governos democráticos compram briga com a United Fruit Company

Com a derrocada de Ubico por conta do triunfo da Revolução Guatemalteca de 1944, Juan José Arévalo ascendeu ao poder. Investiu em segurança social, criou o Instituto Indigenista e estabeleceu um novo Código Trabalhista em 1947, entre outras reformas. Jacobo Arbenz – segundo presidente da era democrática – eleito em 1951, tinha como meta primordial o estabelecimento de um Programa de Reforma Agrária que se concretizou através do Decreto nº 900, de 1952. Seus principais objetivos eram eliminar as condições feudais e todas as formas de servidão do trabalho, prover terra aos trabalhadores e distribuir crédito, além de dar assistência técnica aos pequenos proprietários. A reforma foi realizada por meio da expropriação de terras ociosas, entre elas algumas da United Fruit Company, e da redistribuição de terras estatais não cultivadas. Arbenz quebrou monopólios, investiu profundamente em mudanças sociais e possibilitou o surgimento de movimentos operários (BAUER, 1974, p.90).

É neste momento que a UFCo ajudou a promover uma forte campanha institucionalizada contra o governo de Arbenz. Aqui, temos que levar em consideração alguns fatores. Durante a década de 1950, os Estados Unidos, através do macartismo, apresentavam a cruzada anticomunista em sua fase mais paranóica. Sendo assim, os o

governo estadunidense representado pelos irmãos Dulles, – John Foster Dulles, Secretário de Estado e Allen Foster Dulles, presidente da CIA – realizaria a intervenção na Guatemala muito mais por conta das medidas progressistas do governo Arbenz do que em defesa dos interesses da United Fruit Company. A bibliografia consultada é unânime ao apontar que o governo dos Estados Unidos não colaborou com o golpe de Castillo Armas única e exclusivamente à favor da United Fruit Company: “(...) En la actitud de Estados Unidos no había nada que indicara compromiso, ni ninguna vacilación por parte del gobierno norteamericano para actuar como agente de la corporación privada” (KINSER e SCHLESINGER, 1987, pp.117-18). Mas é fato também que a campanha anti-Arbenz travada pela Companhia foi fundamental para que se realizasse a *Operación Éxito*, que levou ao golpe de 1954.

O governo de Arbenz, longe de ser comunista – foram poucos os dirigentes comunistas que assumiram cargos governamentais durante sua gestão – de fato quebrou o esquema confortável que vinha beneficiando a United Fruit Company há mais de cinquenta anos. Mesmo antes do decreto de 1952, Arbenz anunciou que quebraria o monopólio de energia elétrica e das ferrovias, ambas ligadas à UFCo. Aprimorando o Código Trabalhista de 1947, anunciou que a Companhia teria que se adequar à nova legislação e aceitar o governo guatemalteco como último árbitro acerca de impasses laborais. Além disso, trabalhou para que a United Fruit Company reformasse o porto de *Puerto Barrios*, reduzisse o preço das passagens de trem e começasse a pagar tarifas de exportação, assim como indenizações por conta do empobrecimento e abandono de terras (GLEJEISES, 1991, p.325).

A United Fruit Company contratou o publicitário Edward Bernays para comandar a campanha contra o governo de Arbenz. Antes de partir da Guatemala, o embaixador

dos Estados Unidos, Richard Patterson, aconselhou Bernays que divulgasse nos Estados Unidos, principalmente no Congresso, como o “capital estadunidense era tratado na Guatemala”. A maneira que Bernays encontrou para realizar a tarefa foi convencendo jornalistas estadunidenses que escrevessem acerca do “comunismo guatemalteco” nos jornais do país. Bernays começou a organizar visitas desses jornalistas pelas plantações da UFCo entre 1952 e 1954, afim de que o interesse da população média estadunidense pela América Central aumentasse (KINSER e SCHLESINGER, 1987, p.95).

En efecto, la Fruit Company estaba en ese momento actuando callada pero efectivamente para convencer al gobierno norteamericano de que Arbenz era una amenaza para la libertad y que debía ser depuesto. La compañía alquiló un grupo de calbideros influyentes y de talentosos publicistas para crear en Estados Unidos un clima público y privado favorable al derrocamiento de Arbenz. Actuando trás de bastidores a partir de 1950, estos hombres influyeron y dieron nueva forma a las actitudes del público norteamericano hacia Guatemala. En sus manos estaba determinándose el destino de Arbenz y de sus ambiciosas reformas sociales.”(KINSER e SCHLESINGER, 1987,p.89)

Enquanto isso, o embaixador guatemalteco nos Estados Unidos, Guillermo Toriello, tentava reverter os efeitos da propaganda divulgada pela Companhia contra o governo de Arbenz. Toriello, comprou briga com John F. Dulles durante a *X Conferencia Panamericana de Caracas*, em 1954, quando a Guatemala foi a única delegação a votar contra a resolução que permitia a intervenção dos Estados Unidos em territórios “sob influência comunista”.

Se a expropriação de terras da United Fruit Company, ainda em 1952, foi o fator que voltou a atenção dos Estados Unidos, inclusive do Congresso, para o governo reformista de Arbenz, o episódio da compra de armas da antiga Tchecoslováquia foi a “prova” que o governo estadunidense precisava para articular uma operação mais

concreta. Sentindo-se ameaçado, Arbenz comprou uma carga de armas da ex-república soviética quando os países europeus se recusaram a realizar negócios com ele em um boicote deliberado pelos Estados Unidos (KINSER e SCHLESINGER, 1987, p.92).

Hubo dos hechos que hoy día, veinticinco años después [este artigo é de 1979], no justificarían por sí mismos ninguna intervención extranjera, pero el clima de la guerra fría y la historia antisoviética calificaron como provocación: la expropiación de la tierras de la United Fruit Company primero y la compra de pistolas y fusiles checos en Suiza, después. Ambos ejercicios de soberanía nacional. (TORRES, 1979, p.116)

Em 1954, o Coronel Castillo Armas, articulado com o Serviço Secreto Estadunidense, intermediado pelo embaixador John E. Peurifoy e com a colaboração do ditador Anastacio Somoza da Nicarágua e do governo hondurenho, comandou uma invasão à Guatemala a partir de Honduras e o golpe de Estado que destituiu Jacobo Arbenz do poder. Asturias, que se encontrava como embaixador em El Salvador, saiu fugido para Buenos Aires. Ainda em 1954, escreveu *Week-end en Guatemala*, publicado em 1955, conjunto de contos onde o autor relata de forma literária os acontecimentos que levaram à renúncia de Arbenz.

Se a intervenção militar não foi uma ação direta do governo estadunidense – este somente deu apoio logístico à Castillo Armas – muitos dos envolvidos na articulação do golpe tinham relações estreitas com a Casa Branca e a UFCo. Não eram poucos os congressistas que possuíam ações da United Fruit Company (KINSER e SCHLESINGER, 1983, p.120).

4.5 La Frutera perde a força

Logo após o ocorrido em 1954, a ditadura de Castillo Armas outorgou todos os benefícios retirados pelo governo de Arbenz à UFCo, como a devolução de terras e a diminuição dos impostos sobre a importação. Entretanto, se por um lado, mais um governo ditatorial fazia todas as concessões à United Fruit Company, por outro, o próprio governo dos Estados Unidos tratava de desvincular seus interesses (e sua imagem) aos da Companhia. O Departamento de Justiça estadunidense, que já vinha examinando as operações da United Fruit Company há alguns anos, concluiu que o monopólio exercido pela empresa na exportação de bananas em países como a Guatemala era uma violação às próprias leis anti-truste do país.

Por conta da forte reação internacional contra os acontecimentos de 1954, o governo estadunidense tratou rapidamente de distanciar-se da Companhia apontando suas irregularidades fiscais, enquanto que a United Fruit Company teve que rever sua relação com os governos dos países onde operava, assim como a relação com seus empregados. A principal medida foi a permissão para a constituição de sindicatos: “A pesar de la oposición en los primeros años de la postguerra a cualquier tipo de sindicato, la compañía cambió la táctica en los cincuenta, concentrándose en la cooptación de los sindicatos y sus líderes, en vez de obstruir la formación de aquéllos” (BOURGOIS, 1994, p.36).

Na década de 1960, a UFCo começou a desativar a divisão de *Tiquisate* por conta da alta incidência de furacões e por problemas nas ferrovias. Em fins da mesma década, a United Fruit Company foi obrigada a dissolver-se como quebra de truste, cumprindo a condenação do Departamento de Justiça estadunidense. A empresa trocou seu nome

para *United Brands* e enfrentou dificuldades financeiras durante o ano de 1970. Logo em seguida, teve suas terras compradas pela *Corporation Del Monte*.³⁷ Não houve muita mudança na divisão de *Bananera*, que passava a pertencer à *BADEGUA – Banana Development Company of Guatemala*, subsidiária da Del Monte (STANLEY, 1994, pp.226-27).

A Del Monte passou a operar nos países da América Central durante a década de 1970 e 1980 por meio de empresas subsidiárias, produzindo pouco nas terras adquiridas da UFCo, pois muitas se encontravam inférteis pelo empobrecimento do solo, e comprando a produção de pequenos proprietários. Com isso, alguns finqueiros (proprietários de pequenas e médias plantações) se uniram fundando a *COBIGUA – Compañía Bananera Guatemalteca Independiente*, em 1988. Até fins da década de 1990, a COBIGUA vendia 80% de sua produção para a Del Monte e para a Chiquita Brands, outra empresa estrangeira de médio porte que também passou a atuar na Guatemala após a dissolução da United Fruit Company.

Em fins de 2005 e durante todo o ano de 2006, o tema da exportação de frutas tropicais fez-se presente em notícias de jornais. A Organização Mundial do Comércio interveio a favor de Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e Venezuela e contra o aumento na taxaço da banana nos mercados da União Européia. Os países latino-americanos reclamavam do tratamento preferencial concedido pela Comunidade Européia às exportações do Grupo de Países da África, do Caribe e do Pacífico (ACP), que compreendem um contingente anual de 775 mil toneladas isentas de tarifas alfandegárias. Para pôr fim ao impasse, a Comissão

³⁷ “La Del Monte Corporation, por su parte, entró a la industria bananera cuando la UFCo perdió el caso, a finales de 1970, contra el monopolio ante la Corte Suprema de EUA, y fue obligada a vender su división de Guatemala a la Del Monte Corporation” (BOURGOIS, 1994, p.46).

Européia propôs a redução paulatina das alíquotas de importação de banana e das preferências alfandegárias concedidas aos países do ACP.³⁸

Para a maioria desses países, a exportação de bananas ainda é parte importante do total de produtos agrícolas que vão para fora. O caso mais significativo atualmente é o do Equador. Com uma média de 4,3 milhões de toneladas de bananas vendidas por ano, durante os últimos cinco anos, este país se classifica no primeiro posto dos países exportadores da fruta, provendo, só ele, 25% do mercado mundial.³⁹

A United Fruit Company, que por décadas atuou na Guatemala, deixou relevantes marcas no país. Embora tenha chegado a pagar os melhores salários rurais, como afirma Diane Stanley, monopolizou os principais elementos de uma economia de exportação: a terra, as ferrovias e os portos. Não satisfeita em atuar no campo econômico, interveio de forma significativa na política da Guatemala ao ajudar os Estados Unidos a articular uma ação militar no país.

Uma empresa que se iniciou através de uma transação de negócios, a partir do ímpeto aventureiro de um jovem empresário, não foi em toda a sua existência mais do que isso, uma instituição econômica. Apesar de toda a infra-estrutura oferecida aos seus empregados, não possuía uma intenção social ou de desenvolvimento da economia local, por exemplo, tendo como fim a manutenção e aumento dos dividendos.

Alegar que a United Fruit Company não trouxe nenhum benefício aos países em que atuou pode ser uma afirmação radical, pois até hoje a exportação de bananas representa parte significativa da economia desses mesmos países. A UFCo foi “apenas”

³⁸ RUIZ, Marco Vinício. “Comunidades Europeas ofrecen acuerdo a América Latina para evitar conflicto en el caso de las bananas”. Disponível em: Puentes Quincenal, v. III, n. 15, www.cinpe.una.ac.cr, site do Centro de Política Económica para el Desarrollo Sostenible. Acesso em: dez 2007.

³⁹ Jornal *O Valor Económico*, 14 de dezembro de 2005. Disponível em: www.valoronline.com.br. Acesso: dez 2007.

a 10ª empresa estadunidense que mais deu lucro em 1955, segundo Diane Stanley, alegando que a Companhia “não faturava quantias absurdas” como muitos de seus críticos afirmavam. Contudo, mesmo que os ganhos da empresa nunca tenham sido astronômicos, ela de fato estava “encravada” em países centro-americanos e esteve fortemente presente no dia-a-dia de seus trabalhadores.

5. A trilogia bananeira: compromisso com a Guatemala através da literatura

Como lo voy a contar? No ve las cosas que pasan? Mejor llamarlas novela! (ASTURIAS, *Week-end en Guatemala*, 1954)

A trilogia bananeira de Asturias é um bom exemplo dentro de uma gama de romances que relataram a ação da United Fruit Company na América Central⁴⁰, sendo uma possibilidade de representação da história da empresa e de seus trabalhadores na Guatemala.

Não pretendemos reconstruir a United Fruit Company através de seus romances, mesmo porque é extensa a bibliografia que dá conta disso, como visto no capítulo anterior. Queremos, pelo menos tentar, mostrar como Asturias viu e recebeu aquela imensa empresa que explorou a terra e o homem de seu país.

Como referido anteriormente, vale também lembrar que o contexto histórico da trilogia não corresponde às datas de publicação dos livros; ele compreende a história da United Fruit na Guatemala durante a primeira metade do século XX. Asturias tampouco especifica datas, nomes, lugares ou acontecimentos em seus romances.

⁴⁰ São de nosso conhecimento outros quatro romances de autores centro-americanos que fazem referência à United Fruit Company: *Mamita Yunai*, Carlos Luis Fallas, 1949, Costa Rica; *Prisión Verde*, Ramón Amaya Amador, 1950, Honduras; *Puerto Limón*, Joaquín Gutiérrez, 1950, Costa Rica; *Flor de Banana*, Joaquín Beleño, 1965, Panamá. Além do colombiano Gabriel Garcia Márquez que trata da UFCo com mais ou menos detalhes nas novelas *La Hojarasca*, 1955 e *Cien Años de Soledad*, 1967. Contudo, todas estas novelas foram precedidas por duas outras também de cunho anti-imperialista, porém que denunciam o imperialismo estadunidense em geral: *El Problema* de Maximo Soto-Hall, de 1899 e *La oficina de paz de Orolandia, una novela del imperialismo yanqui* de Rafael Arévalo Martínez, de 1925. Ambos autores guatemaltecos.

Entretanto, quando nomeia a divisão bananeira de Tiquisate e fala da importância do rio Motágua nos três romances, está situando sua narração na Guatemala; quando descreve o “gringo boa-gente” de *Viento fuerte* está transpondo as ideias do livro *El imperio del banano* para seu personagem; quando caracteriza o “pirata dos negócios” Geo Maker Thompson em *El Papa Verde*, está se referindo a Minor Keith e Samuel Zemurray (posterior dono da United Fruit Company); quando fala da ditadura e de *el fiero* como seu representante em *Los ojos de los enterrados*, nos mostra aspectos tanto dos regimes de Estrada Cabrera quanto de Jorge Ubico e quando faz descrições impressionantes do dia-a-dia dos cortadores de fruta, está sendo solidário com todos os trabalhadores da Companhia.

Para narrar a ação da UFCo, Asturias faz a junção de agentes e tempos históricos. Identificados tematicamente, os feitos e personagens, mesmo que partindo da realidade, tomam proporções maiores que as reais, mostrando a riqueza da escrita de Asturias. Sendo assim, é justamente este tratamento da História “por temas” que faz da sua literatura, universal.

Como dito no capítulo 2, Asturias tomou conhecimento da dimensão da United Fruit Company durante uma visita que fazia à Guatemala quando era embaixador do governo de Arévalo em 1949. Contudo, como afirma Manuel Arce, o escritor já vinha pesquisando sobre a Companhia desde quando trabalhava para o governo de Jorge Ubico. “Hice vida retirada, escribí mucha poesia, y me dediqué mucho a viajar por el país para conocer unos lugares y reconocer otros, al contacto con los indígenas, y a revivir recuerdos” (LÓPEZ, 1974, p.90), nos diz Asturias. Mas foi somente em 1949 que ele conheceu de fato as plantações bananeiras e as operações da United Fruit Company.

Conocí su organización, los sitios habitados por los norteamericanos, los lugares en que vivían los trabajadores, las plantaciones de bananos, y me dí cuenta, conversando con unos y con otros, de la situación impuesta por la United Fruit. Esto me incitó a ir a Ciudad de Guatemala y buscar a muchos de los que habían sido empleados en la compañía para recoger sus testimonios. (LÓPEZ, 1974, p.123)

De acordo com Gerald Martin, a trilogia bananeira de Asturias somente se destaca de tantas outras “novelas del banano”, porque o escritor superou um anti-imperialismo raso ao se dar conta de que o verdadeiro “inimigo”, se é que havia algum, não eram os Estados Unidos ou um abstrato “imperialismo”, mas sim as exigências econômicas e os custos sociais apresentados pela dinâmica capitalista em que a United Fruit Company estava inserida. (MARTIN, in, SEGALA, 1996, p.816) Acreditamos que por ter ultrapassado a idéia dicotômica e limitada de “bons e maus”, Asturias humanizou seus personagens “gringos” em *Viento fuerte* e *El Papa Verde*, pois eles eram apenas “pequenas peças de um mecanismo muito mais amplo”:

Fue así como llegué a crear en *Viento fuerte* el personaje de Lester Mead, el buen americano que trata, no de que no se explote, sino de mejorar las condiciones de la explotación. (...) Efectivamente, en la novela yo traté – **huyendo de este sistema de que el del país es bueno y el extranjero es malo**⁴¹ – de hacer un ente humano con el personaje de Lester Mead.

(...)

Geo Maker, el *Papa Verde*, se humaniza bastante en sus relaciones con Mayarí [uma jovem guatemalteca]. Mayarí va a representar, en efecto, a la tierra guatemalteca. Mayarí va a representar la tierra virgen, va a representar el elemento mágico.” (LÓPEZ, 1974, p.189)

Já em *Los ojos de los enterrados*, Asturias vocifera contra a United Fruit Company e os governos locais corruptos que davam benefícios a ela. Como os acontecimentos do golpe de 1954 ainda estavam latentes, Asturias os descreve no calor do momento em *Week-end en Guatemala*, que publica no mesmo ano. Dando continuidade à trilogia,

⁴¹ Grifos nossos.

escreveu e publicou *El Papa Verde* também em 1954 e o final do terceiro livro, *Los ojos de los enterrados* de 1960, celebra o triunfo da revolução de 1944, mas antes discorre sobre a relação entre a Companhia e os governos ditatoriais⁴².

En esta novela [*Los ojos de los enterrados*], desde el punto de vista político central, he tratado de probar que la dictadura y la Compañía formaban partes de la misma balanza. Cuando la dictadura era fuerte, la Compañía se mantenía fuerte, y la Compañía apoyaba a la dictadura y la dictadura apoyaba la Compañía. Por ello, cuando se produce la huelga general, no sólo contra la dictadura, sino contra la Compañía, caen ambas; cae el dictador, y la compañía se aviene a cumplir todas las leyes. (LÓPEZ, 1974, pp.191-2)

Um anti-imperialismo mais “passional”, se apresentou nos artigos de Asturias quando era correspondente do *El Imparcial* em Paris. Nessas crônicas o autor ainda se refere aos Estados Unidos de forma parcial e emotiva, mesmo romântica:

Aunque parezca **quijotería** creerlo, del rencor de toda la raza latina, rencor si, y grande, muy grande, por lo que pasa en Centroamérica donde hay pueblos que sufren, **que lloran, que no saben ya qué hacer**, todo por la política de esta clase de hombres, mitad judíos y mitad cristianos y que **no se sabe bien hasta qué punto** en ellos **haya concluído el piel roja** que **come gente**, por **la cara de perros** que tienen y la facilidad con que muerden. (*París desde el diván de Madame, El Imparcial*, 2 de outubro, 1928, in SEGALA, 1996)⁴³

Certamente a leitura do livro *El imperio del banano* contribuiu muito para que Asturias ultrapassasse uma postura maniqueísta com relação aos Estados Unidos e principalmente com relação aos cidadãos estadunidenses que trabalhavam para a United Fruit Company. Verificamos, assim, que o principal “alvo” de Asturias era a própria UFCo. Novamente, os jornalistas Kepner e Soothil não propunham o

⁴² Acreditamos que apresentar com detalhes cada uma das novelas poderia ser enfadonho para o leitor que não teve acesso a elas. Por isso, para saber um pouco mais sobre a trama de cada um dos romances, vide anexo.

⁴³ Grifos nossos, para atentar como Asturias tratava de forma mesmo dramática a relação entre Estados Unidos e América Central.

encerramento das operações da empresa, mas que ela deixasse de ser apenas uma instituição financeira e se voltasse também para um desenvolvimento social de longo prazo e permanente nos países em que atuou.

As idéias que Asturias retirou de *El imperio del banano* e seu entusiasmo, por vezes ingênuo, pelos governos democráticos de Arévalo e Arbenz, fizeram com que o autor assumisse uma posição anti-imperialista de base nacionalista – que levou por toda a vida – ao afirmar que sua literatura não era militante ou panfletária e não representava uma determinada ideologia. Como afirma o autor, sua literatura e a trilogia bananeira mais especificamente, não têm o tom militante de um manifesto, mas “ha tenido la posibilidad de despertar en ciertas clases cierto entusiasmo por la transformación de nuestros países y es la única militancia que tiene.” (LAGUARDIA, 1974, p.131) Nesta entrevista de 1974, feita um pouco antes de sua morte, quando perguntado qual seria sua postura política, Asturias afirma que era um “anti-imperialista consciente não-radical, antes de tudo um nacionalista, desvinculado de qualquer tipo de ideologia ou partido”:

En el caso mio, yo contribuí a desacreditar la conducta de los Estados Unidos en Guatemala. Creo que politicamente en mis tres novelas bananeras expongo perfectamente bien, cual debe ser la postura de estos países en defensa de nuestras riquezas naturales y de los productos de que disponemos para poder satisfacer la necesidad de nuestros pueblos. Es decir, yo en este sentido, no creo que sea a base de ideologías, que sea la ideología la base de nuestro comportamiento [sic]. Yo creo que dejando un poco de lado las ideologías, nuestro comportamiento ahora tiene que ser: luchar por nuestras naciones, por la nacionalización, la posibilidad de capitales que lleguen no a robarnos sino a ayudarnos, a salir adelante. (LAGUARDIA, 1974, p.135)

Dessa forma Asturias assume definitivamente que sua obra nunca esteve vinculada a uma ideologia, como quis o Koninform (uma ideologia anti-Estados Unidos, no caso) quando lhe outorgou o Premio Lênin da Paz em 1966 e com isso responde às

críticas de que a trilogia bananeira, por tratar de uma questão tão profunda como a exploração da terra e do homem centro-americanos, teria que ser necessariamente “de compromisso” ou engajada politicamente. Declarando-se como nacionalista, Asturias mais uma vez assumia seu compromisso com o povo da Guatemala.

Compromisso que já demonstrara quando recebeu o Premio Nobel de Literatura em 1967:

La auténtica novela americana es el reclamo de todas estas cosas, es el grito que viene del fondo de los siglos y que se reparte en miles de páginas. Novela auténticamente nuestra que está de pie en sus páginas leales al espíritu, a los puños de nuestros obreros, al sudor de nuestros campesinos, al dolor por nuestros niños mal nutridos reclamando porque la sangre y la savia [seiva] de nuestras vastas tierras corran otra vez hacia los mares para enriquecer nuevas metrópolis.” (ASTURIAS, *Discurso de recepción del Premio Nobel Literatura*, 1967, p.20)

Politicamente engajado ou não, Asturias cumpriu o seu intuito de colocar a Guatemala no mapa e voltar os olhos do resto do mundo para ela. Sua literatura, porque universal, conserva ainda hoje fresca a mensagem que o autor quis transmitir através dela. A UFCo de Asturias era um inimigo invisível, um poder paralelo, um parceiro da ditadura, mas principalmente, uma “empresa comercial”, uma “instituição financeira” que obedecia os ditames de um “capitalismo selvagem”.

5.1 *Tropical Platanera S.A.*: uma empresa comercial, uma instituição financeira

Dois trabalhadores da *Tropical Platanera S.A.* (a Companhia fictícia de Asturias) conversam sobre como a empresa, ainda que os explorasse de maneira desumana, dava aos trabalhadores alguns benefícios:

– Lo malo es que no se puede decir que “La Tropicaltanera”, sea lo peor, hay que acordarse de lo mucho bueno que hace, sin que nadie se lo esté exigiendo. – Si, viejito, pero acordate que lo hace porque le conviene teparle el ojo al macho. **No es por bondad. Es por cálculo.**⁴⁴ No ves que apenas hace una mierdita así, publican las grandes páginas en los diários y ya no acaban de alabancearse. [alabanza – elogio]” (*Viento fuerte*, p.149)

A *Tropical Platanera S. A.* ou *Tropicaltanera* encontrava-se inserida na lógica do capitalismo de inícios do século XX, quando o hoje clichê “time is money” era a idéia que comandava a ação da empresa. Como vimos no capítulo anterior, a pouca estrutura que as companhias construían não era feita a partir de uma preocupação social, mas com objetivos claros de manter e aumentar os lucros.⁴⁵ E no caso mais específico das plantações de banana, o rigor na produção e principalmente na colheita e embarque da fruta nos navios, exigiam um rígido controle do tempo.

Tempo este que é algo precioso e também imensurável nas plantações da *Tropicaltanera*. Nas grandes extensões de banana organizadas em quadriláteros medidos milimetricamente, tempo significa lucro e para se ter lucro é preciso apresentar ao mercado externo um produto de qualidade.

Uma vez cortados os cachos, estes devem ser transportados imediatamente, pois a banana é uma fruta muito frágil e que amadurece com muita rapidez. Os cachos são levados de trem até as plataformas portuárias, lá colocados sobre uma esteira onde recebem um primeiro jato de água a fim de retirar resíduos de agrotóxico. Faz-se uma seleção das melhores frutas pelo tamanho e aparência. Em seguida, cada cacho é mergulhado de sete a oito vezes em uma solução de ácido muriático com o objetivo de matar qualquer tipo de inseto que possa ter resistido. Recebido um segundo jato de

⁴⁴ Grifos nossos.

⁴⁵ Mesmo as atividades de lazer, como o esporte, eram incentivadas para que os trabalhadores “não pensassem em outras coisas”, como se mobilizarem em sindicatos, por exemplo. (BOURGOIS, 1994, p.30)

água, são secos e empacotados um a um em sacos com pequenos furos, que facilita a ventilação e evita que a fruta apodreça. Todo o processo para exportação da fruta desde seu corte até seu empacotamento e carregamento em navios frigoríficos dura entre 24 e 36 horas e na parte de lavagem e seleção demanda mão-de-obra com certo grau de qualificação. (MAY e PLAZA, 1958, p. 95-97)⁴⁶

Mas se o tempo para que a banana seja cortada e embarcada é precioso para a Companhia, o tempo dos trabalhadores é outro, é o tempo imensurável – “El tiempo no se completa nunca. El que se cansa se desploma. Nadie habla. Un seco vacío de cueva les aísla de todo.” (*Los ojos de los enterrados*, p.245)

O funcionário responsável para que esse tempo não se esfumasse no trabalho mecânico de *agacharse y levantarse* dos peões, é o *time-keeper*, que Asturias nos apresenta em *Los ojos de los enterrados*⁴⁷:

El ‘time-keeper’, sí que parecía el tigre, bajo su casco de corcho, los ojos de gato, y el embrocado felino que agarraba, cuando se cansaba de estar sentado y se ponía en pie, subía una pata en el asiento, y sobre la rodilla, apoyándose en el codo, inclinaba el cuerpo. (*Los ojos de los enterrados*, p.245)

Tal figura com características animais é quase uma besta que serve como “guardião do tempo” (literalmente), ou ainda um guardião da força e até mesmo da vida desses trabalhadores também bestializados.

⁴⁶ Embora o livro de May e Palza seja da década de 1950, a descrição do mesmo processo apresentada por Diane Stanley (1994) não difere muito.

⁴⁷ A hierarquia dentro de uma divisão bananeira é: *Manager, superintendent of agriculture, overseer e timekeeper* (STANLEY, 1994, p.79), abaixo do *time-keeper*, que quase sempre é estrangeiro, está o capataz, que em sua maioria é de centro-americanos. Na verdade as duas funções não estão bem delineadas e se confundem.

No era gringo o era gringo. Debía ser o no debía ser. Pero si lo mismo son todos los 'time-keepers', lo de que fuera o no yanqui, nada tenía que ver con el trabajo de ellos, de aquellos para quienes la carga no era ni esperanza ni castigo, ni porvenir ni pasado, sino simplemente carga, carga, carga, carga...

(...)

El 'time-keeper' se ha vuelto a sentar, a parar, a sentar. No le halla postura al cuerpo. Ni a su sombrero de corcho [cortiça]. Se quita y se pone el casco. Se abanica con su bostezo hediondo a pelo y a sudor. Da unos pasos, pero el suelo quema. (*Los ojos de los enterrados*, p.245-47)

Cálculo, lucro, tempo restrito, essas eram as idéias que comandavam aquele *mecanismo sin corazón*, que era a *Tropical Platanera S.A.*

Peones, caporales, mandaderos, administradores, hasta los administradores llegaba la organización humana, se puede decir, porque a partir de allí con otros hombres empezaba la maquinaria ciega, implacable, que todo lo convertía en cifras en sus libros, inalterable, cronométrica, precisa. (*Viento fuerte*, p.28)

A partir de seus escritórios de Nova York e Chicago os grandes empresários, *la famosa gente de allá*, comandavam *la pobre gente de acá*, os peões das plantações. Por estar imersa nessa lógica capitalista, os *jaladores de fruta* eram os últimos que compunham a hierarquia da empresa e aqueles que mais sentiam todo o processo de produção das bananas, desde a sua plantação até seu embarque nos navios. Sem defendermos um anti-imperialismo raso, como o que Asturias ultrapassou, não podemos deixar de atentar para a situação desses trabalhadores, que de fato não tinham muita consciência do destino daquilo que produziam.

5.2 Trabalhadores e a estrutura dos distritos bananeiros

Como aponta Diane Stanley, o número de empregados nos distritos bananeiros é extenso. Mas é ao trabalhador cortador e carregador de fruta que Asturias dá mais atenção. Aqueles que mais parecem “dobradiças” em movimentos repetitivos, com o corpo em formato de “enes” de tanto carregar os cachos de banana ou com a forma das

redes de dormir onde desabavam nas noites de calor intenso e nos dias de folga.

Aquele trabalhador que o mar desespera e a luz da costa cega.

(...) Qué distinta la luz la de la costa, donde, desde el espacio celeste hasta la habitación más pequeña se llenaba cuando alumbraba el sol, y los objetos y uno mismo sentíase prisionero del centello radiante de cada partícula luminosa, debiendo vencer su densidad para moverse. (*El Papa Verde*, p.254-55)

Sus manos callosas, sudadas, endurecidas por el trabajo, siguieron la faena con garbo de hombre de arreo [rijo]. Agacharse, levantarse, agacharse, levantarse... todas las vértebras de la espalda afuera, igual que espinazo de culebra cobriza... agacharse, levantarse, cerrando y abriendo la bisagra [dobradiça] de la cintura para llenar de piedras y piedrones plataformas de ferrocarril que una locomotora con mil años de uso llevaría, desde aquel apartado desvío de la línea, a la trituradora, maquinón que toda la piedra que embuchaba la vomitaba en aguaceros de pedrín." (*Viento fuerte*, p.10)

De las plantaciones habían llegado otras gentes; trabajadores de la compañía en su mayor parte, con la forma de la hamaca en el cuerpo que balanceaban, brazos y caderas, al andar igual que si estuvieran colgados del cielo y la tierra. La mayor parte de la vida la pasaban en la hamaca. (...) El mar, por eso, los desesperaba. La verde luminosidad del mar los envolvía en una atmósfera de bananal licuado que a su verdor de agua profunda unía la vellosidad de oro de la luz del sol espolvoreada [polvilhado]; y por eso se aproximaban poco a poco al embate de las olas azules para lavarse aquel resplandor de bananal marino y sentirse empapados en el agua añil, intensamente viva para ser sólo agua." (*Viento fuerte*, p.111-13)

No se preocupó de su fruta. Fué al muelle para ver el agua. Estúpidamente. Ver el agua. Las bodegas no tenían fondo. Centenares, miles de racimos. Los cargadores, curvados como 'enes', con el tilde del racimo en el hombro, se le antojaban una procesión de 'eñes' a don Cosme, que vino a preguntar a doña Flora por la respuesta de sus telegramas." (*El Papa Verde*, p.73)

Os locais de plantaço ou *distritos bananeiros* da UFCo eram como "mini-cidades", com comércio, assistência médica, habitações e alojamentos para os trabalhadores. Além de sistemas de transporte e comunicação próprios. Com estradas para carros e carroças, que não só transportavam bananas, como outros alimentos, diversos tipos de produtos manufaturados e passageiros. Comportavam quilômetros de linhas férreas, postos telegráficos e de correios e estações de rádio (KEPNER e SHOOTIL, 1957, p. 34-35)⁴⁸:

⁴⁸ De acordo com MAY e PLAZA, "The United Fruit Company was interested in building railroads for the service of its banana operations; the lines would logically follow the shortest good route from the port or connecting line to the banana plantation." (p. 11) e "As early as 1903, Preston and Keith became

Los trenes carroceaban montones de hombres que iban a los trabajos agrícolas, desteñidas las caras bajo los sombreros amarillos de sol, silenciosos. Fumando algunos, otros estáticos, sin ojos ante el pasar interminable de los millares de troncos de bananales, que alzaban las hojas de sus machetes verdes, como ejércitos armados de guarisamas para cerrarle el paso al mar.

(...)

Con ellos, detrás de ellos, al compás de ellos, avanzaron el aguardiente, cerveza, la prostituída, el fonógrafo de trompeta, la victrola de lujo, las bebidas gaseosas, los chinos vendedores de ropa, las farmacias, la guarnición de soldados tristes, el telegrafista enamorado, hasta formar el pueblo en un terreno que cedió la 'Tropical Platanera S.A', donde troncos de árboles acabados de cortar, para abrir campo a las edificaciones, alternaban con zanjas [cerca] y zarzales." [zarza – sarça: planta espinhoza]

(...)

Y todos aquellos hombres despiertos por el calor después del día y cegados por la oscuridad de la noche quemante, se movían en la población rudimentaria sin ver bien donde tropezaban, ayudándose de las manos por andar vagando. Todos aquellos hombres caían más noche en el sopor, maltrechos de cansancio, malolientes de fatiga, porque la fatiga hiede cuando es mucha, hiede a eso, a fatiga, a carne molida, a sufrimiento, a espalda adolorida de estar pegada al suelo, sin tuja [poncho] abajo, con el sombrero en la cara, y la chaqueta abierta sobre el pecho, a la altura del hombro, como si alguien boca abajo, sobre ellos, los abrazara sin brazos con solo las mangas, mientras dormían." (*Viento fuerte*, p.24)

La pequeña población de casas pajizas [de palha] ocultas entre los árboles bajaba como a lavarse en el río los pies de trapos tendidos en las riberas. En la calle principal, empredada y empinada, llamada del Calvario, se encontraba el comercio grande, más ventas de aguardiente que de otra clase, en descascaradas casas que parecían cáscaras de huevos de calicantos [obra de *mampostería*: pedra sem polir que coloca-se em obra com a mão]. (*Viento fuerte*, p.69)

Os trabalhadores da UFCo compravam os produtos de primeira necessidade através do sistema de "vales": cupons trocados por mercadorias nos *comisariatos*, tipo de armazém de propriedade das companhias. Quase nenhuma transação comercial dentro dos distritos era feita com o pagamento em dinheiro, quando isso ocorria, a moeda usada era o dólar. O empregado recebia juntamente com o salário cupons que somente poderiam ser trocados nestas vendas da Companhia (CARDOSO e BRIGNOLI, 1977, p.189).

interested in radio. Pioneering in wireless communication was expensive and not always successful. Static and tropical storms were a constant problem. In 1904, United was first to put commercial radio on shipboard. At last in 1910, uninterrupted radio communication between the United States and Central America was formally established. In 1913, Tropical Radio Telegraph Company was incorporated as a subsidiary of United Fruit." (p. 18)

Além disso, os salários eram pagos em dólar, o que ocasionava perdas ao trabalhador na hora de realizar o câmbio para a moeda nacional e os atrasos de pagamento eram freqüentes. Enquanto os trabalhadores reivindicavam o recebimento semanal, a Companhia pagava a cada trinta ou até quarenta dias e se necessitassem de assistência médica, os serviços eram descontados de seu salário.

Quanto à habitação, sua qualidade estava diretamente ligada ao cargo ocupado dentro da United Fruit Company. Diretores, administradores e intendentess possuíam as melhores casas (do tipo bangalô), bem equipadas e amplas. Os empregados medianos como os *contratistas* (capatazes) também possuíam boas habitações, porém mal localizadas como à beira das ferrovias. Havia também espaços reservados para construção de igrejas e escolas. (BOURGOIS, 1994, p. 36) Já os peões viviam em alojamentos pequenos e mal ventilados, todos pintados como “*viruelas amarillas, color que, menos cuando se halla junto a las palmeras o al océano, es monótono y deslumbrador.*” (KEPNER e SHOOTIL, 1957, p. 38) Em sua maioria, as habitações dos peões não apresentavam boa infra-estrutura, nem sistema de esgoto ou água. Eram grandes barracões, alguns com pequenas varandas, que comportavam até três famílias diferentes.

Asturias pouco descreve os *comisariatos* e praticamente não fala acerca da habitação dos empregados, altos ou baixos. Talvez não mencione estes aspectos porque fossem difíceis de ser acessados ou porque de fato não fosse de seu interesse. Preferiu descrever os bananais e o trabalho extenuante daqueles homens que passavam ali grande parte do dia e ali mesmo comiam em raros momentos de pausa do cortar e carregar a fruta. Quando fala dos pequenos armazéns é para descrever o alto consumo de bebidas alcoólicas.

Las mujeres eran unas crueles embusteras, risa y risa, mientras les vendían tortillas, queso oreado [orear – arejar], chorizos, morongas [morcilla, salcicha], güisquiles [tipo de fruta] cocidos, yuca [tipo de mandioca], rellenos de plátano, frijoles parados. Ellos, después de beber agua en un grifo [torneira], sin acercarse mucho la boca porque el sol lo ponía como punta de asador, se medio lavaban la cara, se pasaban agua fresca por la cabeza y, tras secarse con las hojas que se le quedaban cerca, cuidando no fuera a ser chichicaste [urtiga], volvían la cara ambiciosa a la comida traída por las almuerceras.

(...)

De las tortillas de maíz chorreaban salsas de chile verde, frijoles, carnes gordas, papas de amarillo, trozos de aguacates, queso y tortas con bañaduras picantes y mantecosas. En trastos [apetrechos] de peltre que fueron tazas se vaciaba de las tinajas de leche con café, agua de leche con millares de puntitos negros, como pecas del mismo café molido, y en las tazas llenas hasta los bordes paseaban con todo y dedos, con todo y uñas, los pedazos de tortilla o trozos de pan, para luego llevarlos, ya casi hechos sopas, a la boca, entre mosqueos [desconfianza] y bigotes.” (*Viento fuerte*, p.11)

(...) Las personas que como él, se respetan en lo que valen y han estado en la costa muchos años, no se acuestan sin un cuarto de botella, por lo menos, entre pecho y espalda. (...) (*Viento fuerte*, p.48)

– Ay, Comandante, pero usted no se imagina cómo beben! Beben en cantidades que sólo uno que está en el negocio este, aguila! Es la desesperada. La pura desesperación. Sin una chispa de alegría, sin gusto... (*Los ojos de los enterrados*, p.264)

Não é só o “nativo” que consome grandes quantidades de *guaro* (nome genérico para a aguardente), os “gringos” que vivem e trabalham nas plantações também vêm na bebida alcoólica uma maneira de apartar a sensação de não pertencer àquela terra *color de esmeralda* e ao mesmo tempo não se identificar mais com o *coctail que la gente se lo toma de pie, en Nueva York después del trabajo*. Estavam condenados, ou haviam se condenado, a viver naquele mundo de *mentalidade paralelogramática* (“porque las paralelas no sólo no se juntan, sino que van siempre equidistantes, y esa equidistancia hace que todos nosotros vivamos separados de nosotros mismos, en dos personas iguales, semejantes, paralelas...”). Alguns deles diziam ser conscientes de *su rol de piecicilla de un mecanismo sin corazón*:

– Hubo, porque la hubo, la hora de la epopeya; pero ahora, qué quieren ustedes, es una vulgar explotación, una torpe explotación de recursos naturales, de tierras inestimables que nosotros despreciamos!

(...)

Mister Pyle estaba de acuerdo con Carl Rose, en cuanto a que hubo la hora de la aventura, cuando se formaron las plantaciones, cuando la maquinaria penetró en la selva; pero no aceptaba que fuese una torpe explotación. (ASTURIAS, 1976, p.30)

Estes funcionários pareciam estar em um constante conflito entre *la famosa gente de allá e la pobre gente de acá*. Sabiam que como simples burocratas, eram apenas uma pequena peça de uma gigantesca maquinaria.

Mesmo assim, a “dolorosa consciência” de que trabalhavam para um *mecanismo sin corazón*, não ia muito adiante. Talvez, esse rompante de culpa os invadissem porque viviam no calor insuportável e temiam os perigos da floresta e das doenças iminentes e os próprios peões (“Los mozos mostraban los dientes en esa risa helada con que se acostumbraron a recibirlo todo, hasta los golpes; pero que ahora era una disimulada gana de dar el mordisco para quitar el pedazo”). No entanto, depois de terminados os relatórios e carimbados os recibos, logo retornavam para o *whisky* (“Aquí los hombres sólo parecen vivos cuando están borrachos”), para as intermináveis insônias (“yo tuve un tiempo de no dormir, de no pegar los ojos”) ou para os filhos bastardos que tinham com as mulheres dos peões (“La esposa del mandador más antiguo, ésa con quien se casó por tercera vez, una jovencita, vino a meterse el otro día aquí a mi casa y...”).

Uma relação carregada de tensão, em que nenhum dos dois lados pode se descuidar, mas que visivelmente os “gringos” encontram-se em ampla desvantagem, por não conhecerem a terra e seus mistérios.

(...) Los mozos de las fincas en que estaban de mandadores, capitanes o caporales, les veían como siempre les habían visto; pero ellos [os funcionários estrangeiros] sentían que les miraban de otra manera, no habrían sabido explicar como, pero algo así como tanteándoles donde sería mejor darles el golpe mortal, cuando llegara la hora de arreglar cuentas.

(...)

Era peligroso salir, andar fuera. (...) Una masa silenciosa, un mar de bultos con sombrero, unas manos gigantes de tuberosos dedos oscuros con uñas de granito, unas hojas largas de metal cortando el aire que respiraban ellos, los mandadores, los capitanes, los caporales. (*Viento fuerte*, p.133)

Já os peões viam aqueles “seres que pereciam ter saído de outro mundo”, com certa desconfiança, mas principalmente com indiferença. Como um grupo de missionárias estrangeiras que tentava difundir o evangelho entre as famílias dos trabalhadores em seu dia de folga.

Unos de los ‘hualateros’ se sentó a escuchar el mensaje de la ‘Buena Nueva’ que una de ellas leía en mal español de colégio de castellano. Caras de porcelana, ojos de porcelana, manos de porcelana, y el Evangelio con figuras de porcelana.

El respirar de los hombres, indiferentes a todo, quedaba trás ellas, narices de bestias que husmeaban, al final del domingo, lo que les esperaba el lunes. (...) Las propagandistas de la ‘Buena Nueva’, se encaminaron hacia las casas de los trabajadores.

(...)

Los peones tendidos en hamacas, sin hamacas no hay domingo, en la parte bajo las casas, junto a las pilas y las cocinas, las saboreaban con los ojos codiciosos, sonrientes, mientras ellas explicaban en rueda de mujeres y niños desnudos, palomitas los varoncitos, rendijas de alcancía las hembritas, el Evangelio del día. Luego regalaban las revistas.” (*Los ojos de los enterrados*, p.290)

Las oficinas de la gerencia de la compañía, la gerencia misma... (...) ya no estaba como antes tan seguro de su acceso a esos lugares en que se trabaja con aire acondicionado que lo único que faltaba era que lo perfumaran, la luz tamizada [tamizar – filtrar] por ventanas especiales, tragaluces que parecían no tragar luz, sino tragar sueño, y transportar aquellos ambientes, del furor del trópico, de la brasa tórrida, a paraísos de primavera. (*Los ojos de los enterrados*, p.258)

A relação entre Companhia e trabalhadores fica explícita na fala do personagem principal de *Viento fuerte*, que na realidade não é apenas um “gringo boa-praça” e excêntrico que resolve viver no mundo *geométricamente cuadrículado* das bananeiras, mas sim um dos acionistas da *Tropical Platanera S.A.* que decide ver de perto a dinâmica de produção da banana.

Ahora ya saben ustedes – (...) – cuáles son los métodos que emplea la “Tropical Platanera S. A.”, a la que tengo honor de pertenecer, si honor se puede llamar a la condición de traficantes, negreros y esclavistas que tenemos debido a la política adoptada. Corresponde a ustedes rectificar el mal camino. No se puede seguir así en los trópicos americanos, si no queremos

perder definitivamente nuestro prestigio y nuestros negocios. La práctica demuestra que si vamos allí con las manos limpias de sobornos, cooperando al bienestar de esos pueblos, sin sacrificio de un sólo centavo en nuestras actuales ganancias y tal vez aumentándolas, se nos verá como amigos y no como enemigos. No somos honestos ni respetamos las leyes de los países en que operamos. No se nos quiere mal porque seamos norteamericanos, sino porque somos malos norteamericanos. Es siniestro aplastar todos los días la esperanza de los hombres que han sembrado sus tierras para vivir en paz. Esos hombres nos hacen la guerra. No hemos sabido tratar con ellos en el plano de la legalidad y la decencia, que implican la industria y el comercio honestos. Todo lo creemos legítimo porque tenemos la fuerza del dólar. Pero yo creo, sostengo, definiendo, que si la situación mundial alguna vez nos fuera adversa, el odio de esos pueblos nos acompañará multiplicado por los racimos que hoy rechazan nuestros inspectores todos los días.

(...)

La gente empieza a estar cansada de nosotros y nosotros cansados de ellos. La amenaza de que si se nos molesta abandonamos las plantaciones y nos vamos con lo nuestro a otra parte no los conmueve. Con nosotros, sus cosas van tan mal, que sin nosotros no podrían ser peor.

(...) La prensa que nos defiende está desacreditadísima y nuestros abogados son más policía a nuestro servicio que togados al servicio de la ley. Esclavizamos a unos con nuestros sistemas de ventas, corrompemos a otros con nuestras dádivas; arruinamos las economías locales con nuestra voracidad monopolista y todo lo pretendemos encubrir con los beneficios de la civilización que hemos llevado en equipos que quitan al hombre la dignidad de morir de paludismo, por ejemplo, para buscarse la muerte lenta con whisky y soda, unos, otros con ron y aguardiente; y a nosotros la dignidad de defender como hombres lo que defendemos con la llamadita telefónica a nuestra representación diplomática.

(...)

La espina dorsal del asunto es sustituir a los que hoy gobiernan la compañía, de acuerdo con la política que todo lo sacrifica la ganancia, por autoridades que hagan uso de nuestro inmenso poder financiero para permitirnos un dominio estable de lo que día a día se nos está escapando de las manos. Reclamo una política adecuada para salvaguardar el futuro, sin reducir los beneficios. Ustedes jamás habían reflexionado en este cambio de política. Los otros accionistas tampoco, porque no están en condiciones de saber lo que allá pasa. Reclutemos, entonces, y que sea pronto, entre los que desconocen la verdad de los hechos, nuevos adeptos, y cuando seamos mayoría..." (*Viento fuerte*, p.184-86)

5.3 A natureza e o homem

La belleza de los panoramas que alterran lagos, volcanes, valles de verdura sin igual, el aire fragante a mieles, el vuelo de aves de plumajes de colores joyosos, las formas de los árboles, en esta altura con trazo firme en troncos y ramas, y con hojas metálicas, gruesas, las precisas, para vestir la rama, sin cargazonas; todo este palpitante panorama nos distrae de la vida y de la auténtica realidad. (ASTURIAS, 1981, p.117)

Durante as primeiras décadas do século XX a estrutura de cultivo da banana deu-se de forma muito primitiva. Embora a Companhia dispusesse de capital suficiente para investir em todas as etapas de cultivo da banana, o pouco conhecimento da terra, do

clima e da fauna centro-americanos dificultou um cultivo mais economicamente produtivo da fruta.

Com a cultura da banana a terra pode esgotar-se em um período de 15 anos, o que fazia com que a Companhia empregasse uma política contínua de abandono de terras. Por conta disso era necessário obter o maior número de hectares nos países em que a Companhia se instalava, para que quando uma determinada área se tornasse infértil, outra fosse ocupada.

O sistema agrícola desenvolvido pela Companhia em suas terras pode ser denominado como *agricultura de coivara* (BRIGNOLI, 1983, p. 13-14). Este sistema consiste em abrir com machado uma clareira na floresta e em seguida incendiar as árvores caídas e a vegetação menor para que o terreno fique limpo e para que as cinzas fertilizem a terra. Entretanto, em uma zona tropical, eliminada a vegetação natural, as chuvas em poucos anos carregam a camada superficial de solo fértil. Isso levava a UFCo a abandonar a clareira cultivada para que nela se reconstituísse o bosque, onde se formaria novamente uma camada fértil sobre a terra. Somente depois de muitos anos, o terreno plantado anteriormente poderia voltar a ser cultivado.

Já a partir da década de 1950 a UFCo passou a investir em maquinários para a limpeza de terrenos, o cultivo da banana, assim como nas fases de limpeza e seleção e no transporte da fruta dos distritos até os navios frigoríficos. Além de incentivar pesquisas que visassem descobrir espécimes de banana mais resistentes aos fungos e agrotóxicos. (BOURGOIS, 1994, p.32) A limpeza das terras foi totalmente mecanizada e amplos estudos topográficos foram realizados, assim como a drenagem de pântanos e mesmo o desvio de rios. (STANLEY, 1994, pp.70-8)

Se impuso la voluntad del hombre. Manos y equipos mecánicos modificaron el terreno. Cambios en el desplazarse natural de los ríos, elevación de estructuras para el paso de caminos de hierro, entre cerros cortados o puentes o rellenos, por donde máquinas voraces consumidoras de árboles reducidos a troncos verdiones, transportaban hombres y cosechas, hambre y alimentos. Caían los árboles, mientras otros amanecían plantados defendiendo del azote del viento sementeras preparadas para ciertos cultivos, y, en los barrancos, como en los intestinos de la pobre bestia fabulosa, domeñada, destrozada y siempre viva, se trabajaba removiendo las rocas, trasladando toneladas de la escasa piedra que por allí se encontraba o bien aprovechando desequilibrios topográficos, para soltar el paso alborozado de corrientes de agua turbia, sucia, menestrosa que más abajo se limpiaba y fluía por valles de encendido color verde." (*Viento fuerte*, p.9)

A mesma natureza extraída, queimada, drenada, aterrada e desviada não suportando essa ação violenta, rebela-se de maneira descomunal com a ajuda de um xamã e um peão exausto de cortar fruta sem propósito aparente. O *viento fuerte*, *viento huracanado* chega como no dia do juízo final, para condenar todos aqueles que tiraram da terra tudo o que ela tinha a oferecer, assim como o último fio de esperança do cortador de fruta que oferece a própria vida para que um impiedoso furacão arranque e mande pelos ares tudo e todos os que o haviam feito sofrer.

Las líneas del ferrocarril se moverán como serpientes. Nada quedará en su sitio. La pobre resistencia vegetal a los elementos desenfundados dentro de lo natural, será abatida por un solo elemento desencadenado dentro de lo sobrenatural y mágico con la voluntad destructiva del hombre, las fuerzas de las bestias marinas y el golpeteo incesante en las raíces, los cimientos, las patas de los animales, los pies de los horrorizados habitantes.

(...)

Los rehiletes, de sacar agua se veían pasar como estrellas sin luz, despedazadas las torres de hierro, arrancados de cuajo los postes del telégrafo y de las plantaciones de banano nada iba quedando en pie, todo por el suelo machacado, convertido en miseria vegetal inmóvil.

(...)

El primer impulso de los bananales, de no dejarse arrancar, fue sólo impulso, porque el mar entero hecho remolinos de aire se les vino encima, y entonces a soltarse las raíces, a quebrarse de los troncos, a caer más pronto, a no hacer resistencia, a que el viento pasara más rápido para barrer con todo lo que barria, casas, animales, trenes, como barrer basura.

(...)

Todos ellos, todos los representantes de la famosa gente de allá, esa gente que no tiene cara ni cuerpo pero sí una voluntad implacable... Todos ellos se revolían como ratas rubias, vestidos de blanco, con anteojos de infelices, miopes en sus casas tambaleantes y próximas a ser arrancadas y barridas. Todos ellos trataban de buscarle la cara a ese otro alguien que se les oponía a sus designios, que se les enfrentaba con superiores elementos, que los anulaba a pesar de sus sistemas de previsión para contrarrestar posibles causas de pérdidas.

(...)

Las cruces habían saltado en pedazos al pasar el huracán sobre la tumbas. Del pueblo que alimentaba al camposanto con sus muertos apenas quedaba el bulto, pero con muchos

destrozos, el bultón solemne, triste, el montón de casas arrumbadas y sin techo algunas, otras sin las paredes de frente, como si las hubieran despanzurrado, dejándoles las vísceras de los muebles a la intempérie, sobre las vacías callejuelas en que se miraban estanterías de almacenes, tiendas y cantinas, cadáveres de gatos, perros, gallinas y algún niño.

(...)

El miedo se apoderó de las cosas inanimadas en medio del viento que soplaba empujándolo todo, todo, todo, para donde fuera, con tal que no quedara nada donde estaba, y lo que resistía era a costa de tremendos destrozos y sufrimiento de las materias vivas, a tal punto que la naturaleza misma parecía darse por vencida y hacerle también el juego al huracán, por salvar los grandes árboles que se enderezaban elásticos, y con todos sus ramajes convertidos en pedazos de ventarrón." (*Viento fuerte*, pp. 192-96)

5.4 O trabalho desumano e a banana como fruta sagrada

Existem referências à banana nas literaturas chinesa, grega, romana e indiana (nesta última, inclusive em textos sagrados) desde a Antiguidade. Desconhece-se exatamente a região originária da banana, mas sem dúvida ela provém do Oriente, onde arqueólogos identificaram diversos desenhos e representações da fruta em ruínas de templos budistas javaneses datados de 200 A.C.

Há mais de uma espécie da fruta. O tipo predominante nas Américas é o *Gros Michel*, trazido pelo botânico francês François Pouat, por volta de 1836. Outra colaboração teria sido feita por Friar Tomas, Bispo do Panamá, que plantou as primeiras mudas da planta trazidas das Ilhas Canárias, em Santo Domingo, ainda em 1516. (MAY e PLAZA, 1958, p.2-4)

Os bananais da UFCo divididos em quadriláteros cuidadosamente medidos impressionavam um primeiro visitante, o verde das folhas era como esmeralda e o amarelo das bananas, ouro.

(...) No los engañó el padrino. Era exacto lo que les pintó con su voz de hombre dañado, cuando les dijo que al llegar al bananal sentirían como que ir entrando a un mar sin peces, sin

agua, pero mar, mar que en los troncos de los banales simulaban columnas en forma de espadas, espadas que después de herir la atmosfera de fuego, soltaban en lo alto rehiletes [dardos] de hojas, suaves como un sueño en los ojos, frescas como la tela de salud que ponen en las heridas. (...)” (*Viento fuerte*, p.65)

Ver bastantes, pero bastantes, bastantes billetes oro como prendidos a una caña de tender ropa así es una sola hoja de bananal. Y los racimos que son como muchas hojas, muchos billetes verdes apelmazados [compactados], hechos barras de oro verde. (*Viento fuerte*, p.62)

Filas y filas de banales. Por todos lados. Por todas partes, hasta perderse en el horizonte. Millares de plantas que parecían multiplicarse en sucesivos espejos. Tan semejantes y simétricamente plantadas que parecían las mismas plantas, a la misma distancia, del mismo alto, del mismo color casi, del mismo florecimiento pasajero y eterno. Los troncos brunidos [polidos], pulimiento metálico, y las ramas formando abanicos en arcos, encerraban la visión en una luz vegetal, células de futuras esmeraldas. (*Viento fuerte*, p.26)

É nesse mundo “paralelo”, de simetria e semelhança que os peões passam os dias, anos, vidas inteiras. Jovens, meninos, velhos, homens sem idade, sem passado e sem devir. Imersos em uma eterna cegueira, surdez e mudez que só é quebrada por grunhidos de bestas quase humanas. Homens quase nus, sem rosto, mãos ou corpos, somente pés. Pés que caminham, caminham, caminham. Sujeitos às mudanças do clima, desde o sol calcinante que cega à chuva torrencial que deixa tudo escorregadio. O mormaço que sufoca e o suor que escorre como cachoeira pelo rosto. E que vivem a dificuldade diária de acordar, abrir os olhos e levantar-se para trabalhar, para começar tudo outra vez.

Se le calcinaban los pies aterronados. Pedazos de tierra que se va. Pies desnudos. Interminables filas. Pies de campesinos arrancados de sus cultivos. Imagen de la tierra que se va, que emigra, que deja escapar pedazos de su gleba buena, caída de los astros, para que no permanezca donde ha sido privada de raíces. No tenían caras. No tenían manos. No tenían cuerpos. Solo pies, pies, pies, pies para buscar rutas, repechos [ladeira], desmontes por donde escapar. Las mismas caras, las mismas manos, los mismos cuerpos sobre pies para escapar, pies, pies, sólo pies, pedazos de tierra con dedos, terrones de barro con dedos, pies, pies, sólo pies, pies, pies, pies... Se les ve donde van, ya no están en sitio alguno, van, marchan sin hacer ruido, sin levantar polvo, marchan, marchan, marchan, brasa y humo las viviendas, y el descuaje [descuajar – arrancar] de los bosques semisumergidos en el agua, humedad jabonosa donde sólo impera el zompopo [tipo de formiga], la abeja negra, nubes de insectos, guacamayas y monos. (*El Papa Verde*, p.81)

El aire olía a miel de flores. El aire caliente. El sol parecía estar en el cenit desde las cinco de la mañana. Aroma embriagador, alucinante. Estrellas en el calor de la madrugada. Sin dormir.

Desvelo de las cosas vivas, adormecidas a fuerza de cansancio, pero sin encontrar el sueño. Por todos los lados el espacio no el sueño. Sudor. Sudor en lagos, en rios. El peso de los miembros y el sudor en rios, mares. Luz de ojos semidespiertos. Modorra de mediodía en la madrugada. (...) Para qué abrir los ojos? Para descubrir las mismas cosas? Ver el mismo panorama? Saber de nuevo que están vivos? Tomar conciencia de lo que durante la modorra del cansancio nocturno olvidaban a medias? Pero, día de trabajo, tenían que abrir los ojos, tenían que abrir los ojos, tenían que abrir los ojos. (...) Amanecer profundo. Superficie fúlgida y hondura de sombra mezclada con harina azul, neblina ya aclarando, ya llovizna de sol sobre los bananales cubiertos de relámpagos de telarañas que se contraían electrizadas al primer brochazo del sol. (...) La costa es mujer que no suelta al que agarra; lo hace como sentir que se puede escapar, pero lo aprieta entre sus muslos. (...) Los que se empeñan en conquistarla al fin caen vencidos, sin más ser que el bagazo, bagazo que se quema, se seca, húmeda costra de tierra que se hunde en el mar. (*El Papa Verde*, p.169-70)

Los cuadrilleros [cuadrilla – conjunto organizado de pessoas que se dedicam a realizar um trabalho determinado], ciegos de alba y sueño, topeteábanse [topetazo – choque ou tropeço de uma coisa com outra] en los bananales. Las nieblas bajas, igual que monaguillos [coroinha] de roquetes tenues y empapados en la humedad latente del suelo, llevaba en procesión de ciriales verdes aquel mundo de pesadilla que empezaba a encontrarse y a perderse al amanecer. Dónde? Dónde empezaba la fatiga? Hay cosas que el hombre encuentra donde su fatiga empieza. Allí mismo, en ese sitio, en ese lugar indeterminado en que el músculo se contrae, se entristece el ojo y se retrae la sangre. Por las sombras llorosas escabullíanse las bestiezuelas de baba, los alacranes [escorpião] dorados, quiebrapalito cimarrón, cadáver de insecto imagen de la muerte que ocasiona al que le clava el dardo, los murciélagos que al volar iban repartiendo misterio, y las sombras de los cargadores de fruta. (*Los ojos de los enterrados*, p.243)

La cadena, el cordón de hombres que sube y baja y que por momento se queda sin alcanzar respiración, con algunos de los engranajes sin poderse enderezar, las palmas de las manos en las rodillas, el sudor bañándolos por cataratas, los labios secos, las pestañas pegadas. Las cejas no bastan a defender sus ojos y mejillas de los rios calientes que les chorrean.

(...)

Terminado el cargamento, una nueva plataforma se deslizaba por las vías rodandito, se les ponía en frente, más repleta de racimos y menos defendida la fruta. En el interior penumbroso de los carros de ferrocarril se luce [se exhibe] el trabajo. Se luce y se aprecia. La luz entra por las rendijas [fresta] y por la parte abierta del vagón, por donde entran y salen los que van cargando, se precipita una cortina de fuego que ciega a los que van para afuera y a veces los hace caer.

(...)

Otros carros llegaban en forma de jaulas. Aquí la visión cambiaba. Sobre el verdoso cobalto de los racimos regábanse las sombras del techo y los costados [lados], en forma de rayas, y los que cargaban, cuando estaban dentro, parecían vestidos con uniformes de presos.

(...)

Y cómo tragaban fruta esos vagones que eran como grandes jaulas. Larguísimos. Para que se viera el jateo [jatear – arrumar, movimentar carga, comprimir] de los racimos tenían que sudar muchos hombres, muchas horas, y casi siempre los mismos, porque la gente estaba escasa. Escasa? No hay tal. Lo que ocurría es que a menos gente, más rendimiento de los que cargaban por el mismo salario." (*Los ojos de los enterrados*, p.247)

Día lluvioso. Este llover ya es del lunes. Lluvia contra las carnes de los que van al trabajo casi desnudos y trotando. Caites [tipo de sandalia], taparrabos [tapa-sexo] y sombreros. Tienen diez y ocho años, tienen veinte años, tienen veintidós años. A menos que al salir el sol escampe, será día de agua. Si sale, porque no amanece. Y jalar [tirar] fruta por entre la lluvia, bajos los aguaceros, no tiene gracia. De ninguna manera tiene gracia. Pero es peor con lluvia. Todo

resbaladizo. Los racimos, el suelo. El suelo como cáscara de plátano. No amanece. El que no entierra bien las uñas se va con todo y carga. (*Los ojos de los enterrados*, p.296)

Mestizos, negros, zambos, mulatos, blancos de brazos tatuados. El peso de la fruta los trituraba. Al final de la jornada bochornosa [bochorno – mormaço, sufocante] quedaban como seres atropellados, sobre los que hubieran pasado trenes y trenes de banano. (*El Papa Verde*, p.94)

Como apontamos anteriormente, a banana é uma fruta frágil e precisa de muitos cuidados, não só no transporte e seleção mas também no cultivo. Em inícios do século XX, quando a UFCo ainda não tinha uma estrutura de preservação da banana muito desenvolvida, fungos como a *Sigatoka* e a *Doença do Panamá* arrasavam com plantações inteiras. Os fungos, que se propagavam através do ar, eram de difícil erradicação. Mesmo depois de eliminadas as árvores doentes, o solo ainda permanecia um bom tempo contaminado, muito por conta do clima tropical (MARQUARDT, 2002, p.6-7). Um dos remédios desenvolvidos foi uma mistura que se denominou *Bordeaux*, por sua coloração avermelhada.

Era fácil desorientarse en un terreno sin puntos de referencia, donde la tierra recubierta por bejuco [planta trepadora com raízes fortes e compridas] de preciosas flores húmedas no cambia, parece siempre igual bajo esa malla de pescar insectos rumurosos. Una cuadrilla de fumigadores asoma a distancia, más paracen soldados de una guerra entre buzos [mergulhador], en el fondo del mar. Para salvarse un poco de la fuerza calcinante del sol, se recubren de acolchados vegetales, hasta paracer, ya más cerca, plantas que se mueven. Unos conectan rapidamente las mangueras a los tubos de fumigación y otros lanzan el líquido a los ostensorios de esmeraldas, cargados algunos, con racimos de más de doscientas libras. El bananal va quedando, bajo la lluvia del 'caldo bordelés', recubierto de un ligero sudor celeste.

(...)

Son tantos los peligros que amenazan a la planta que prouce la 'fruta de los sabios', que en dos largas jornadas diarias se le examina de abajo a arriba, mientras el sol entre hojas desfleadas forma rios de oro, también pulverizado."(*Viento fuerte*, p.33)

Mesmo com tamanha dificuldade em passar a vida cortando e carregando fruta, Asturias descreve o respeito quase religioso com que os peões tratam a banana. Como se a fruta fosse sagrada e sua retirada devesse obedecer uma série de rituais.

(...) Los movimientos de la cuadrilla de corte, al pie del bananal, que semejaba un árbol de la cruz verde, eran como judíos con escaleras y lanzas tratando de apearse a un Cristo verde convertido en racimo, el cual descendía entre brazos y cuerdas y era recibido con todo cuidado como si se tratara de un ser suprasensible, transportando en pequeños carros, para recibir los baños sacramentales y ser enfundado en un bolso que llevaba por dentro acolchamientos especiales. (*Viento fuerte*, p.25-6)

Otro cargamento. No pasa el tiempo. No pasan las horas. Viene bajo un palio [peça de tela luxuosa colocada em uma armação de quatro ou mais barras, sob a qual pode ir o corpo de Cristo, uma imagem religiosa ou uma pessoa importante em uma cerimônia] de sombra formado con un tapexco [tapesco ou angarilla – espécie de maca] de hojas frescas. Hay que defender la fruta de los rayos de sol. La maduran en un dos por tres. Los cargadores que han terminado una plataforma, se ponen en fila, en espera de la que va entrando, rodandito. [rodada – queda amparada] Menos mal que los racimos traídos pajo palio de hojas no queman, refrescan y hasta se antojan besables. (*Los ojos de los enterrados*, p.246)

Não é a toa que depois do milho (*maíz*) e seus derivados, a banana (*plátano*) está presente na base da alimentação guatemalteca e centro-americana. E assim como o milho é sagrado para as populações autóctones da Guatemala, a banana passou a ser um elemento imprescindível na cultura do país, mesmo que tenha sido introduzida de maneira por tão vil.

Por fim, a ação da United Fruit Company na Guatemala durante a primeira metade do século XX foi um episódio real que Asturias relatou “à temperatura de ficção”.

Lo que en mis novelas, que se desarrollan en los escenarios guatemaltecos, hay transcrito, en temperatura de ficción, es tan auténtico que, por momentos, me parece más auténtico que la realidad misma. (ASTURIAS, 1981, p.178)

6. Considerações Finais

Pretendemos com estas últimas linhas retomar alguns pontos desenvolvidos no decorrer deste trabalho e apresentar alguns caminhos para pesquisas futuras.

Miguel Angel Asturias Amado deu à sua obra tanto traços particulares, quanto universais. De sensibilidade e genialidade peculiares, desenvolveu sua obra lado a lado a todo o atraso social, econômico e cultural de um “país periférico” e não apesar dele. Mesmo que provenha de uma família com algumas posses, o contato com o imaginário popular desde sua infância sempre o aproximou dos índios, dos mascates, dos cancioneros, dos contos e lendas. Em sua experiência parisiense, Asturias procurou sempre fugir do complexo de inferioridade que por vezes pudesse atacar intelectuais latino-americanos menos seguros de sua identidade individual e coletiva, sempre rechaçando o que Saer denomina como “ideologia de colonizados”.

Apresentamos Asturias em situações conflitantes, porém nunca com a intenção de desmerecê-lo ao mostrar suas limitações, nem tão pouco de exaltá-lo ou de justificar suas decisões e ações por conta das circunstâncias históricas e sociais em que viveu. O principal objetivo foi apenas o de desvelá-lo, como ele próprio o fez com sua Guatemala. É fato que Asturias transcendeu uma educação retrógrada e ultrapassou um “anti-imperialismo burro”, mesmo que para isso tenha tomando caminhos mais ou menos controversos. Ao longo de sua vida e através de sua escrita, Asturias, recusou-se a ser um “intelectual de gabinete”, sempre travando contato com a realidade, mesmo que de forma imaginativa.

Percebemos então, ao fim deste trabalho, que apresentar a Trilogia Bananeira como manifesto político teria mesmo empobrecido o trabalho de Asturias. Contudo,

tomar os três romances como fonte não foi tarefa fácil. Demandou-se tempo e atenção até pegarmos o ritmo das palavras e figuras que o autor nos apresenta. Mas, uma vez ultrapassada a barreira da língua, dos regionalismos e dos neologismos, entramos de fato no dia-a-dia daqueles personagens tão vivos e melancólicos.

Ao lermos os três livros de Asturias sobre as bananeiras, a sensação é de constante movimento. A repetição de palavras: “pies, pies, pies” que “marchan, marchan, marchan”, a infundável “carga, carga, carga”, o “sudor, sudor, sudor en ríos, en cataratas”, o perpétuo “agacharse, levantarse, agacharse, levatarse”, ou ainda, “Pero, día de trabajo, tenían que abrir los ojos, tenían que abrir los ojos, tenían que abrir los ojos. Por fuerza tenían que abrir los ojos” – dá ao leitor, portador de um mínimo de imaginação, a tônica do trabalho nas plantações de banana.

As fortes imagens de “un Cristo verde convertido en racimo” que vem “bajo un palio de sombra formado con un tapexco de hojas frescas” que, transportados assim, com todo cuidado “no queman, refrescan y hasta se antojan besables”, transpõem a relação ambígua dos peões com a fruta, de sagrada como um Cristo, à mundana como uma moça que se deseja beijar. E quando as ferrovias ganham vida e se movem como serpentes, os poucos sobreviventes testemunharão que o elemento, “desencadenado dentro de lo sobrenatural y mágico con la voluntad destructiva del hombre”, é um dos mais fortes e incontroláveis.

Qual leitor não ficará com água na boca ao ler as passagens onde Asturias descreve as iguarias vendidas pelas índias aos trabalhadores em sua breve pausa para o almoço, mesmo que nunca tenham pisado na Guatemala ou tido qualquer contato com comidas *chapínes*?: “De las tortillas de maíz chorreaban salsas de chile verde,

frijoles, carnes gordas, papas de amarillo, trozos de aguacates, queso y tortas con bañaduras picantes y mantecosas.”

Ou não verá os povoados sendo erguidos ao redor das plantações?: “(...) avanzaron el aguardiente, la prostituída, el fonógrafo de trompeta, la victrola de lujo, los chinos vendedores de ropa, (...) hasta formar el pueblo en un terreno que cedió la ‘Tropical Platanera S.A.’...”

Constatamos, sem tomar posições parciais de um “panfletarismo” raso, que a maior parte da bibliografia consultada concorda que a United Fruit Company trouxe poucos ou nenhum benefício aos países centro-americanos.

Neste aspecto, Asturias cumpriu seu intuito de denunciar, assim como o fez o amigo Pablo Neruda, as condições desumanas, que existiam e existem, dos trabalhadores braçais, principalmente aqueles das grandes corporações estrangeiras. Sua “tomada de consciência existencial” do que ocorria em seu país foi, a princípio, uma constatação individual, mas que o seu ímpeto e sensibilidade de escritor, o levaram a partilhar com seus leitores. Sempre com a esperança de que suas palavras chegassem ao coração dos homens, principalmente daqueles “que por séculos estão na rebarba da História, que não sabem ler ou não tem como”, como bem colocou Eduardo Galeano.

Asturias não se encontra só na tarefa de relatar em forma de denúncia a vida dos trabalhadores da United Fruit Company. Como referido rapidamente em nota no capítulo 5, é de nosso conhecimento outros autores centro-americanos que escreveram novelas acerca das Companhias Bananeiras.

Mamita Yunai do costarriquenho Carlos Luis Fallas, apresentado na Introdução deste trabalho, foi escrito e publicado ainda na década de 1940. Outro exemplo, é *Prisión verde* do hondurenho Ramón Amaya Amador, de 1950:

– ¡Ah, Luncho López! – intervino el abogado Párraga, dándole golpecitos cariñosos en la espalda. – Déjate de sentimentalismos y tonterías; ya no eres un niño. Comprende que se trata de un negocio ventajoso para ti. Vende tus propiedades por lo que la Compañía te ofrece; es un buen precio. Con ese dinero te puedes ir a la ciudad tranquilamente a pasar tus últimos días, o bien, si es que no quieres separarte de los montes, si es que los amas tanto como para languidecer por su separación, entonces, compra otra propiedad agraria en otro lugar del valle y, ¡todo arreglado!
– Además, querido amigo Luncho – intervino el extranjero, queriendo ser convincente – con la venta de La Dolora usted contribuye de manera especial a impulsar el progreso de tu país.⁴⁹

Assim como Fallas, Amaya Amador também foi trabalhador da United Fruit Company e inclusive refugiou-se na Guatemala durante o governo de Arévalo após fugir do regime ditatorial de seu país. Com o golpe de Castillo Armas, migrou para a Argentina onde permaneceu por muitos anos.⁵⁰

Puerto Limón de Joaquín Gutierrez, também foi publicado em 1950. A novela do autor costarriquenho, que assina o prólogo da edição chilena de *Mamita Yunai*, narra o cotidiano de famílias que estão direta ou indiretamente ligadas à United Fruit Company, tendo como pano de fundo uma greve de trabalhadores das bananeiras.⁵¹

Já em *Flor de banana*, de 1965, o panamenho Joaquín Beleño faz uma interligação entre os trabalhadores do Canal do Panamá e aqueles da United Fruit Company. Muitos homens, provindos de todos os países da América Central, após terminada a construção do Canal, transferiam-se para as plantações de banana. O

⁴⁹ Disponível em: <<http://miantiguabuhardilla.blogspot.com/>>. Acesso em: 23 jan. 2010.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/>>, Site da Biblioteca Ayacucho – Ministério da Cultura – República da Venezuela. Acesso em: 23 jan. 2010.

próprio Beleño trabalhou na construção do Canal quando jovem e escreveu uma Trilogia da Zona do Canal: *Luna Verde*, 1951; *Gamboa Road Gang*, 1960; *Curundú*, 1963. Em *Flor de banana*, Beleño narra a história de Ramiro Vagones, de família indígena, que é abandonado ainda bebê em um vagão de trem que transportava bananas. Vagones passa a vida em busca de suas identidades pessoal e nacional. Tenta por vezes partir das plantações de banana e por vezes é impedido, até que abraça a “causa revolucionária” e sua perspectiva do homem e do mundo mudam. (RODRIGUEZ, 2009, pp.67-70)

Com a intenção de seguirmos pesquisando sobre a ação de grandes corporações estrangeiras na América Latina, retomo um trecho de um poema de Neruda que faz parte de sua obra o Canto Geral: “*Cuando sonó la trompeta, estuvo / todo preparado en la tierra / y Jehová repartió el mundo / a Coca-Cola Inc., Anaconda, / Ford Motors, y otras entidades (...)*”.

Tanto a *Coca-cola Company*, como a *Ford Motors* apresentam ações controversas. A primeira é amplamente acusada desde de incluir em seus produtos substâncias nocivas a saúde, passando por incentivar o trabalho escravo, destruição do meio ambiente, práticas monopolistas até a eliminação física de lideranças sindicais.⁵² Já quanto à segunda, seu fundador Henry Ford nunca ocultou suas tendências anti-semitas.

A *Anaconda Copper Mining Company* foi uma das companhias mineradoras a se instalarem no Chile, juntamente com a *Braden Copper Mining Company*, nas duas primeiras décadas do século XX. A primeira, no norte do Chile, na cidade de *Chuquicamata*, próxima ao deserto do Atacama e a segunda, na região central, por

⁵² Disponível em: <www.wikipedia.org>. Acesso em: 23 jan. 2010.

debaixo da Cordilheira dos Andes. Ambas exploraram a maior riqueza mineral do Chile, o cobre.

A mina de Chuquicamata é a maior mina a céu aberto do mundo, com cobre a ser extraído por pelo menos mais noventa anos. Chegou a ser a quarta maior companhia do mundo durante a década de 1950, mas em 1971 foi estatizada pelo governo reformista de Salvador Allende e possui até hoje o sindicato de trabalhadores mais bem organizado e combativo do Chile, a *CODELCO – Corporación Nacional del Cobre – Chile*.

A mina *El Teniente* e a vila de *Sewell* chegaram a comportar 16 mil pessoas na década de 1950. Todas trabalhavam para *Braden Copper Mining*, propriedade de William Braden e Barton Sewell. Em 1967 o governo chileno adquiriu 51% das ações desta companhia no processo conhecido como “chilenización del cobre”, que concluiu-se em 1971 com a total nacionalização da empresa, também passando a ser administrada pela CODELCO.

As duas minas permanecem em atividade até hoje. Entretanto, a vila de Sewell começou a ser abandonada no final da década de 1960, quando o ar e a água ficaram contaminados com os resíduos produzidos pela mina. Poucos anos depois foi inaugurada a estrada que ligava Sewell a Rancagua (cidade mais próxima), o que permitiu que muitos mineiros fossem trabalhar diariamente na mina sem precisar viver em Sewell. A última família a abandonar a vila saiu em 1981 e a cidade começou a ser sistematicamente demolida. A destruição só foi interrompida com o início do processo na UNESCO que, em 2006 tombou a vila de Sewell como Patrimônio da Humanidade.

O cobre é chamado de “pão do Chile”, pois é o principal produto de exportação do país, responsável pela entrada de centenas de milhões de dólares. Existem dezenas

de minas, algumas delas particulares e outras comandadas pelo governo. Somente as minas de cobre da CODELCO, são responsáveis por 40% do PIB chileno.⁵³

Ainda não é de nosso conhecimento literatura que trate da ação das companhias mineradoras no Chile. Há o livro *Nostromo* (1917) do escritor Joseph Conrad que o autor escreveu a partir de um relato que tomou conhecimento em sua estada sob comando da Marinha Inglesa no Golfo do México, por volta de 1876. Todos comentavam sobre o jovem marinheiro que roubara sozinho uma barcaça cheia de prata na Colômbia durante as muitas revoluções daquele país. Sem dar muita atenção ao episódio na época, Conrad depara-se, algumas décadas mais tarde com o mesmo relato em um livro de memórias.

Apesar de ter partido de um evento real, o roubo do carregamento de prata, “*Nostromo* é obra de pura imaginação”. Conrad pouco conheceu a América Latina, apenas passando pela Colômbia e Venezuela. Na província de *Sulaco*, que deseja emancipar-se da *República de Costaguana*, é onde localiza-se a mina de prata de *San Tomé*: “A Febre da Prata é uma epidemia que se dissemina rapidamente em Sulaco, despertando a cobiça entre as diferentes facções políticas que tentam neutralizar-se mutuamente.” De acordo com escritor José Paulo Paes, “Antes de se abalançar a escrevê-lo [*Nostromo*], ele [Conrad] se documentou amplamente acerca da história, da geografia e dos costumes da região.”, entretanto Conrad não retornou à América Latina, afim de ver *in loco* como era a organização política, econômica e social de qualquer de seus países.⁵⁴

⁵³ Disponível em: <www.memoriachilena.cl>. Acesso em: 23 jan. 2010.

⁵⁴ PAES, José Paulo. Conrad ou a crise do herói – Posfácio, in, CONRAD, Joseph. *Nostromo*, São Paulo: Companhia das Letras – Companhia de Bolso, 2007.

Ainda não é claro que caminhos seguiremos em pesquisas futuras, mas todos mostram-se interessantes: dar continuidade ao estudo da United Fruit Company e sua ação na América Central através dos romances de outros autores centro-americanos, permanecer na América Central, porém investigando outras formas de intervenção, principalmente estadunidense, como a construção do Canal do Panamá ou ainda pesquisar sobre a ação das companhias mineradoras presentes no Chile.

Fato é, que continuaremos com a tarefa árdua e não poucas vezes solitária de buscar temas que ainda não foram debatidos, personagens que não foram apresentados e metodologias pouco ortodoxas. Tentando, pelo menos, realizar o mesmo trabalho de denúncia tão lindamente exercido por Miguel Angel Asturias e Pablo Neruda, entre tantos outros.

LOS HOMBRES DEL NITRATO

Yo estaba en el salitre, con los héroes oscuros,
con el que cava nieve fertilizante y fina
en la corteza dura del planeta,
y estreché con orgullo sus manos de tierra.

Ellos me dijeron: "Mira,
hermano, cómo vivimos,
aquí en «Humberstone», aquí en «Mapocho»,
en «Ricaventura», en «Paloma»,
en «Pan de Azúcar», en «Piojillo»".

Y me mostraron sus raciones
de miserables alimentos,
su piso de tierra en las casas,
el sol, el polvo, las vinchucas,
y la soledad inmensa.

Yo vi el trabajo de los derripiadores,
que dejan sumida, en el mango
de la madera de la pala,
toda la huella de sus manos.

Yo escuché una voz que venía
desde el fondo estrecho del pique,
como de un útero infernal,
y después asomar arriba
una criatura sin rostro,
una máscara polvorienta
de sudor, de sangre y de polvo.

Y ése me dijo: "Adonde vayas,
habla tú de estos tormentos,
habla tú, hermano, de tu hermano
que vive abajo, en el infierno".

(Pablo Neruda, Canto General)

7. Fontes e Bibliografia

Fontes

ASTURIAS, Miguel Angel. *Viento fuerte*, Buenos Aires: Editorial Losada, 7ª edição, 1976.

_____. *El Papa Verde*, Buenos Aires: Editorial Losada, 2ª edição, 1957.

_____. *Los ojos de los enterrados*, Buenos Aires: Editorial Losada, 6ª edição, 1976.

Bibliografia

América Central, Guatemala e United Fruit Company

ALVAREZ, Orieta. Antecedentes Históricos del Proceso Revolucionario de 1944-1954 en Guatemala (1984), in, VELASQUEZ, Eduardo Antonio (compilador). La Revolución de Octubre: Diez años de lucha por la democracia en Guatemala, 1944-1954, Tomo I, pp. 5-23, Guatemala: Editorial Universitaria – Universidad de San Carlos de Guatemala, 1994.

BATRES JAUREGUI, Antonio. *La América Central ante la Historia, 1821-1921 – memórias de un siglo*, Ciudad de Guatemala: Tipografía Nacional, 1949.

BAUER, Alfonso. *La Revolución Guatemalteca del 20 de octubre de 1944 y sus proyecciones economico-sociales (1974)*, in, VELASQUEZ, Eduardo Antonio (compilador). La Revolución de Octubre: Diez años de lucha por la democracia en Guatemala, 1944-1954, Tomo I, pp. 88-104, Guatemala: Editorial Universitaria – Universidad de San Carlos de Guatemala, 1994.

BOURGOIS, Philippe. *Banano, etnia y lucha social en Centro America*, San José, Costa Rica: Editorial Departamento Ecuménico de Investigaciones (DEI), Colección Universitaria, 1994.

CARDOSO, Ciro F. S. e PEREZ BRIGNOLI, Hector. *Centro America y la Economia Occidental (1520-1930)*, San José: Editorial Universidad de Costa Rica, 1977.

CARDOZA Y ARAGÓN, Luis. *Guatemala: las líneas de su mano*, Guatemala: Editorial Universitaria – Universidad de San Carlos de Guatemala, 2002.

CONTRERAS R. e DANIEL J. Breve historia de Guatemala, Ciudad de Guatemala: Editorial Piedra Santa. Obras del Historiador Contreras, 2002.

DE LEÓN ARAGÓN, Oscar. Los contratos de la United Fruit Company y la Compañías Muelleras en Guatemala: estudio histórico-jurídico, Guatemala: Editorial del Ministerio de Educación Pública, 1950.

DOSAL, Paul. Doing Business with the Dictators: a Political History of United Fruit in Guatemala, 1899-1944, DE: SR Books, Wilmington, 1993.

ELLIS, Frank. Las transnacionales de banano en Centroamerica. San José, Costa Rica: EDUCA – Editorial Universitaria Centroamericana, 1983.

GLEIJESES, Piero. La esperanza rota: La revolución guatemalteca y los Estados Unidos, 1944-1954, Guatemala: Editorial Universitaria – Universidad de San Carlos de Guatemala, 1991.

GRANDIN, Greg. A Revolução Guatemalteca, coleção Revoluções do Século XX, direção de Emília Viotti da Costa, São Paulo: Editora Unesp, 2004.

KEPNER, C.D. e SOOTHILL, J. H. El Imperio del Banano, Las Compañías Bananeiras contra la soberanía de las naciones del Caribe, Buenos Aires: Editorial Triángulo, 1957.

KINSER, Stephen e SCHLESINGER, Stephen. Fruta Amarga, La CIA en Guatemala, México: Siglo Veintiuno Editores, 4ª edição, 1987.

MARQUARDT, Steve. “*Pesticides, Parakeets, and Unions in the Costa Rican Banana Industry, 1938-1962*”, in, Latin American Research Review, volume 37, number 2, 2002.

MAY, Stacy e PLAZA, Galo. The United Fruit Company in Latin America, Washington: National Planning Association, Library of Congress, 1958.

PELÁEZ ALGAMENOR, Oscar, El pequeno París, Guatemala: Editora do CEUR – Centro de Estudios Urbanos y regionales, USAC, 2008.

PEREYRA, Daniel. Del Moncada a Chiapas: Historia de la lucha armada en América Latina. Buenos Aires: Editorial Canguro, 4ª edição, 2000.

PEREZ BRIGNOLI, Hector. América Central: da colônia à crise atual, São Paulo: Coleção Tudo é História, Editora Brasiliense, 1983.

RODRIGUEZ, Ana Patrícia. Dividing the Isthmus: Central American Transnational Histories, Literatures & Cultures, University of Texas Press, 2009.

STANLEY, Diane. For the record; the United Fruit Company's sixty-six years in Guatemala, Guatemala: Editorial Antigua S.A., 2000.

TORRES, Edelberto. Crisis y coyuntura crítica: la caída de Arbenz y los contratiempos de la Revolución burguesa (1979), in, VELASQUEZ, Eduardo Antonio (compilador). La Revolución de Octubre: Diez años de lucha por la democracia en Guatemala, 1944-1954, Tomo II pp. 113-40, Universidad de San Carlos de Guatemala, 1994.

SHOULTZ, L. Estados Unidos – poder e submissão. Bauru: Edusc, 2000.

Miguel Angel Asturias

ALBIZÚREZ PALMA, Francisco. El deceso de Asturias: ecos periodísticos, in, Letras de Guatemala – Revista Semestral, tomos 20-21. Facultad de Humanidades de la Universidad de San Carlos de Guatemala, Directora: María del Carmen Meléndez de Alonzo, 2000.

ARCE, Manuel José. Guatemala *versus* M.A. Asturias. Breve relato de un conflicto; CASSOU, Jean. Asturias en París: un descubrimiento recíproco; CHEYMOL, Marc. M.A. Asturias entre latinidad e indigenismo: los viajes de Prensa Latina y los seminarios de cultura maya en la Sorbona. MARTIN, Gerald. Asturias y *El Imparcial*: pensamiento y creación literaria; TARACENA ARRIOLA, Arturo. Miguel Ángel Asturias y la búsqueda del “Alma Nacional” Guatemalteca. Itinerario Político, 1920-1933, in, SEGALA, Amos (Organizador). París: 1924-1933. Periodismo y creación literaria / Miguel Ángel Asturias; edición crítica, 2ª edición, Colección Archivos, México: Fondo de Cultura Económico, 1996.

ASTURIAS, Miguel Angel. *Conferencia Nobel*, Premio Nobel de Literatura, 1967, Estocolmo, Suecia. La Novela Latinoamericana, Testimonio de una época.

_____. *Entre la realidad y la ficción*, *El Nacional*, Caracas, 21 de octubre, 1959, in, Viajes, ensayos y fantasías, Buenos Aires: Editoria Losada, 1981.

CARDOZA Y ARAGÓN, Luis. Miguel Ángel Asturias casi novela, Guatemala: Editorial Universitaria – Universidad de San Carlos de Guatemala, 2002.

DARDON, Hugo Cerezo e outros. Coloquio con Miguel Angel Asturias, Universidad de San Carlos de Guatemala, Guatemala: Editorial Universitaria, 1968.

GARCÍA LAGUARDIA, Jorge Mario. Entrevista a Miguel Angel Asturias. México, 1974. Anales de la Academia de Geografía e Historia de Guatemala, Ciudad de Guatemala, tomo LXXIV, año LXXV, pp. 127-136, dec 1999.

LÓPEZ ALVAREZ, Luis. Conversaciones con Miguel Angel Asturias. Madrid: Editorial Magisterio Español, 1974.

LORENZ, Günter. Diálogos con América Latina, Santiago de Chile: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 1972.

MORALES, Mario Roberto. Esencialismo “Maya”, Mestizaje Ladino y Nación Intercultural: los discursos en debate, in, ARENAS, Clara Bianchi, HALE, Charles R. e PALMA, Gustavo Murga (organizadores) Racismo en Guatemala? Abriendo el debate sobre un tema tabú. Guatemala: AVANCSO, 1999.

_____. Matemos a Miguel Ángel Asturias, in, MORALES, Mário Roberto (coordinador). Miguel Ángel Asturias / Cuentos y Leyendas: edición crítica, 1ª edición San José, Colección Archivos: ALLCA XX, 2000.

NAVARRETE CÁCERES, Carlos. Miguel Angel Asturias: Recuento de ediciones guatemaltecas. *Estudios*, publicación de la Escuela de Historia de la Universidad de San Carlos de Guatemala, Ciudad de Guatemala, tercera época, pp. 2-13, 2001.

OLIVERO, Juan. El Miguel Angel Asturias que yo conocí. Guatemala: Talleres Litográficos de Cultural Centroamericana, S.A., 1980.

PINTO SORIA, Julio. Introducción a la tesis de Miguel Angel Asturias – Sociología Guatemalteca, El problema social del índio, tesis de Licenciatura 1923, Guatemala: Editorial Universitaria, 2007.

SEGALA, Amos (Organizador). Vida, obra y herencia de Miguel Ángel Asturias, Catálogo de la Exposición organizada por la UNESCO y la Colección Archivos en el marco de la XXX Conferencia General de la UNESCO y celebración del Centenario del Nacimiento de Miguel Ángel Asturias. Paris: UNESCO, 1999.

TARACENA ARRIOLA, Arturo. El camino político de Miguel Angel Asturias. *Mesoamerica*, Centro de Investigaciones Regionales de Mesoamerica, La Antigua, nº 38, pp.86-102, 1999.

Teórico-Methodológica

ALVARENGA VENTUOLO, Patrícia. História y literatura en el futuro próximo: ¿disolución de la historia en la literatura o profundización de un intercambio fructífero entre ambas?, in, MALAVASSI AGUILAR, Ana Paulina. Historia: ¿ciencia, disciplina social o práctica literaria?, Cuadernos teoría y metodología de la Historia, San José: Editorial UCR, 2006

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade, Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo, Editora Autêntica, Belo Horizonte: 2009.

GINZBURG, Carlo. Nenhuma ilha é uma ilha – Quatro Visões da Literatura Inglesa, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Olhos de Madeira – Nove Reflexões sobre a Distância, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício, São Paulo: Companhia das Letras 2006.

GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. Alejo Carpentier, in, REY, Joaquín (compilação) Narrativa y crítica de Nuestra América. Madrid, 1978.

LIMA, Luiz Costa. A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.

_____. História, Ficção, Literatura, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOWENTHAL, David. The past as a Foreign Country, Cambridge University Press, 1985.

MARCO, Joaquín. Literatura hispanoamericana: del Modernismo a nuestros días, Colección Austral, Madrid: Editora Espasa Calpe, 1987.

MENTON, Seymour. Historia verdadera del realismo mágico. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

_____. História crítica de la novela guatemalteca, Guatemala: Editorial Universitária – USAC, 2008.

LUKÁCS, Georg. Teoria do Romance: em ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PÉREZ BRIGNOLI, Héctor. Historia: ciencia, disciplina social ou práctica literaria?, in, MALAVASSI AGUILAR, Ana Paulina (compiladora). Historia: ciencia, disciplina social ou práctica literaria? San José: Editorial UCR, 2007.

SAER, Juan José. El concepto de ficción. Buenos Aires: Editorial Ariel, 1997.

SÁNCHEZ, Luis Alberto. Proceso y Contenido de la Novela Hispano-Americana, 2ª Edición, Biblioteca Románica Hispánica, Madrid: Editorial Gredos, 1968.

SCHWARTZ, Jorge. Vanguardas Latino-americanas – Polêmicas, Manifestos e Textos Críticos, São Paulo: Edusp, Iluminuras, FAPESP, 1995.

VARGAS LLOSA, Mario. É possível pensar o mundo moderno sem o romance?; MAGRIS, Cláudio. O romance é concebível sem o mundo moderno? in, MORETTI, Franco (org.). O Romance – vol. 1: A Cultura do Romance, São Paulo: Cosac Naify, 2009.

WHITE, Hayden. Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SALVATORE , Imagenes de un imperio. Madrid: Hadoum House, 2006.

A Trilogia Bananeira

Viento fuerte

Cosi ou *Lester Mead*, ou ainda *Mr. Lester Stoner*, é o mais excêntrico e estranhamente simpático dentre todos os “gringos” que habitam as zonas bananeiras de propriedade da *Tropical Platanera S.A.* Sobre ele, dizem ser filho de um cidadão estadunidense (por seus olhos verdes e a maneira como falava um “inglês impecável”) com “uma sereia, uma mulher do mar”, que atacava os homens angustiados em noites de lua-cheia (pela insolente gargalhada que costumava soltar enquanto caminhava, com bizarra familiaridade, pelas plantações organizadas em *quadriláteros*).

Viento fuerte é dos três romances o que mais se aproxima do livro *El imperio del banano*. O personagem principal é constituído de vários elementos identificáveis no discurso do livro *El imperio del banano*. É o “gringo”, excêntrico e boa-gente, que disfarçado de vendedor de aviamentos vai às plantações de banana pesquisar *in loco* as condições em que a fruta é produzida. Forma uma cooperativa com pequenos proprietários e passa por situações descritas pelos dois jornalistas, como o fato da United Fruit Company nunca ter firmado um acordo legal na compra da banana com os donos das fincas, o que fazia com que ela não comprasse safras inteiras se não fosse do seu interesse.

– (...) La culpa en que están. El miedo que tienen. **Acaso no saben que hacen mal en despreciar nuestra fruta sin siquiera mirarla?**⁵⁵ Es que ya ni siquiera la ven. La dejan y nada más. Son unos perros. Y por María Santísima si yo, que soy duro para llorar, el otro día que saqué unos ramcitos al tren frutero sentí que me corría agua de plomo por la cara, cuando vi al capotero que ni siquiera me dió tiempo a mostrarle... Caca se hizo la fruta... (*Viento fuerte*, p.132).

Segundo Kepner e Shoothill:

Aunque algunas veces los bananos que las compañías fruteras no quieren son vendidos y más tarde decartados, más frecuentemente la pérdida es soportada por los cultivadores de banano. Esto se origina por la elasticidad de los contratos de compra de banano y también por la elasticidad del criterio humano. (KEPNER e SOOTHILL, 1947, p.377)

A Companhia, por sua vez, é representada por Asturias como uma entidade, um inimigo invisível. E por isso, inatingível:

Hermenegildo Puac [um peão, cortador de fruta da zona bananeira] no sabia donde quedaba Chicago, pero a pie hubiera llegado, de saber dónde quedaba, para salvarse de la ruina, de la que por fin, no se salvó. Y quién es esa gente, preguntaba. Todos al parecer, sabían quién era pero sin concretar nada. Chicago. La gente de por allá. Los amos. (*Viento fuerte*, pp. 194-5)

Mead, apesar de ser estrangeiro, pressentia que em algum momento a terra (*un viento fuerte, huracanado y devastador, se llevará todo*) e o homem (*Los mozos mostraban los dientes en esa risa helada con que se acostumbraron a recibirlo todo, hasta los golpes; pero que ahora era una disimulada gana de dar el mordisco para quitar el pedazo*) exaustos, levantariam-se contra a empresa e seus “funcionários-máquina” que sentiriam toda a força de uma natureza por décadas explorada.

Após relatar sua experiência como Cosi a um grupo de acionistas da Tropical Platanera S.A., fica claro que Lester Stoner (ele era acionista também) não propunha a extinção da empresa, mas sim melhores condições de trabalho para os peões.

⁵⁵ Grifos nossos.

– Ahora ya saben ustedes – concluyó Stoner – cuáles son los métodos que emplea la “Tropical Platanera S. A.”, a la que tengo honor de pertenecer, si honor se puede llamar a la condición de traficantes, negreros y esclavistas que tenemos debido a la política adoptada. (...) No hemos sabido tratar con ellos en el plano de la legalidad y la decencia, que implican la industria y el comercio honestos. Todo lo creemos legítimo porque tenemos la fuerza del dólar.

(...)

– La espina dorsal del asunto es sustituir a los que hoy gobiernan la compañía, de acuerdo con la política que todo lo sacrifica la ganancia, por autoridades que hagan uso de nuestro inmenso poder financiero para permitirnos un dominio estable de lo que día a día se nos está escapando de las manos. (*Viento fuerte*, p.184-85)

Mas a exploração de sua força de trabalho e de sua terra era tamanha que chegam ao desespero, como chega o peão *Hermenegildo Puac*. Em um pacto com o xamã *Rito Perraj*, dá sua vida em troca da destruição de tudo, de quem quer que fosse que o havia feito sofrer tanto:

El Hermenegildo Puac murió porque, cuando no tuvo con quien pelear, se le paralizó el corazón. Por eso murió! Y no tuvo con quién pelear, porque, cuando iba resuelto a matar al Gerente, alguien le dijo: Matás a ese Gerente y ponen otro Gerente, matás a ese otro Gerente, ponen otro Gerente!

(...)

Una fuerza que nada deje en pie. Lo pedía Hermenegildo Puac. Un viento que soplara por debajo. Constante, fuerte, más fuerte, cada vez más fuerte y más bajo, desenraizando los bananales de la Tropicaltanera, arrancándola para siempre. (*Viento fuerte*, p.194-5)

El Papa Verde

Geo Maker Thompson é visto como uma espécie de missionário do progresso, aquele que traz consigo a civilização para um mundo atrasado e preso em suas superstições que era o mundo milimetricamente dividido em quadrados das plantações de banana. *El Papa Verde: rubio sacerdote del comercio*, humilha, desrespeita, suborna,

é truculento e mesmo manda matar quando preciso, para que as leis próprias da Companhia sejam cumpridas.

Em *El Papa Verde*, verificamos que a *Tropical Platanera S.A.* não é mais a entidade inalcançável que Asturias nos mostra em *Viento fuerte*, mas sim uma espécie de “poder paralelo” ou de Estado dentro do Estado. Ela se faz violentamente presente no dia-a-dia de seus trabalhadores através da figura do inescrupuloso cidadão estadunidense Geo Maker Thompson, desde o desalojamento violento de famílias que não querem vender suas terras, passando pelo desrespeito às leis locais e o suborno de autoridades, até a articulação de um conflito armado entre países vizinhos (por conta de um choque de interesses entre duas empresas bananeiras rivais). São o terrorismo, a manipulação e a corrupção que dão a tônica do enredo deste segundo romance.

No porto, perto da fronteira com Belize (costa norte/atlântica do país, perto da divisão de *Banamera*), Mr. Jinger Kind (representante da Companhia em Nova Orleans) espera por Maker Thompson, que lhe é recomendado de Chicago para gerenciar a divisão bananeira naquela região do país. Não leva muito tempo para Mister Kind perceber que ambos concordam quanto ao objetivo – *Dominar, si*, – mas não quanto ao método – *pero no por la fuerza*, sobre a política da empresa em relação aos seus trabalhadores e em relação aos políticos e dirigentes locais. Mr. Kind se aproxima muito da posição de Lester Mead e, por conseguinte do livro *El imperio del banano*.

– Entreví una posible táctica a seguir. A los dirigentes [políticos] (...) hay que hacerles creer que los contratos que suscriban con nosotros traerán como consecuencia **un inmediato cambio en favor de las condiciones de vida de estos pueblos...** (...) Es que lo traerán, Maker Thompson, lo traerán!

– Eso es lo que no creo y donde usted se engaña, señor Kind, no sé si a sabiendas. Cree usted que nosotros nos proponemos el mejoramiento de estos pobres diablos? **Se le ha pasado por la cabeza siquiera que vamos a tender ferrocarriles para que ellos viajen y transporten sus porquerías?** Muelles para que ellos embarquen sus productos? Vapores

para llevar a los mercados artículos que nos hagan competencia? Cree usted que vamos a sanear estas zonas para que no se mueran? Que se mueran! Lo más que podemos hacer es curarlos para que no se mueran pronto y trabajen para nosotros!

– Lo que no entiendo es porqué no se pueden dar en el mismo árbol la riqueza para nosotros y el bienestar para ellos. (*El Papa Verde*, pp. 21-22)⁵⁶

Por conta de tal divergência, fica evidente de que é Mr. Kind quem conversaria com os dirigentes políticos da capital e Thompson se internaria na selva “negociando” com os camponeses a compra de suas terras. *O jefe supremo de las plantaciones, señor de cheque y cuchillo, gran navegador del sudor humano* segue com sua tática terrorista. Não poupa nada nem ninguém, expulsa famílias inteiras e recusa-se a comprar a fruta daqueles que não aceitam um “acordo”.

Los negros no tienen el esqueleto negro. Al negro chombo que ayudó a quemar casas le tocó su onza de plomo. Escuchó el *Chos, chos, moyón, con!* Y se vino al suelo gimiendo, con gemido de mono corpulento. Del agujero profundo le manaba el borbotón de sangre de remolacha. Cómo habría gozado de verse el esqueleto de marfil, luna y harina, o un poco del colo sucio del humo que **se alzaba de los caseríos quemados por su brazo**, como medida sanitaria, **para arrancar de la tierra al hijo del país, borrar sus ranchos, borrar sus cerros, borrar sus siembras!**⁵⁷ (*El papa verde*, p.83)

Outro método de que se vale Geo Maker é a troca de favores com os governantes locais, sempre reportando tudo aos seus superiores em Chicago e Nova York. Juntamente com o presidente da Tropical Platanera S.A. e políticos estadunidenses, serve-se sem escrúpulos do destino do pequeno país centro-americano, se aproveitando da “boa vontade” dos governantes nacionais. São novos tempos: *Otro dios llegaba: el Dólar, y otra religión, la del big stick:*

A guerra que quase se instaurou entre Guatemala e Honduras por disputas de territórios na fronteira entre os dois países é outro episódio abordado por Asturias. Em

⁵⁶ Grifos nossos.

⁵⁷ Grifos nossos.

1917 a *Cuyamel Fruit Company* com o apoio do governo hondurenho começou a estender seu território para dentro de uma área disputada entre os dois países, enquanto que o governo da Guatemala apoiou a *United Fruit Company* enviando tropas para a área de fronteira. Quando o confronto entre soldados estava a ponto de estourar, uma intervenção militar estadunidense deu fim ao conflito, que só teve um desfecho definitivo em 1930 (DOSAL, 1993, p. 77).

– Mi temor es ese; que tal y como van las cosas sean ustedes los que en el fallo pierdan la partida y al perder ustedes quedamos en la “Tropical Platanera” bajo la dependencia de la “Frutamiel Company”, que en el Caribe es el grupo más terrible y voraz. **Es la “Frutamiel Company” la que está agitando todo ese asunto de límites, no porque le interesen un comino los intereses territoriales del país vecino. Su propósito es otro, dominar a la “Tropical Platanera”⁵⁸**, para ser entonces el arbitrio de los destinos de la Compañía.. (*El Papa Verde*, p.256)

Los ojos de los enterrados

Após a década de 1920, a Companhia ganha novo fôlego⁵⁹ e já não é um Estado dentro do Estado: com toda a ajuda, benevolência, concessões e “vistas grossas” do governo ditatorial, ela torna-se uma espécie de parceira dos governos ditatoriais. Em *Los ojos de los enterrados* Asturias nos mostra como o governo ditatorial – fazendo referência às ditaduras de Estrada Cabrera e Jorge Ubico – e a Tropical Platanera S.A. – isto é, a United Fruit Company – estão ligados.

⁵⁸ Grifos nossos.

⁵⁹ A renúncia de Estrada Cabrera não modificou muito a situação da United Fruit Company na Guatemala, pelo contrário, os governos seguintes e principalmente a ditadura de Jorge Ubico, continuaram beneficiando a Companhia, como visto no capítulo anterior.

A greve geral de trabalhadores que ligou o país de costa a costa foi o resultado de uma grande insatisfação dos setores urbanos traduzida em protestos e manifestações, principalmente na capital, na organização dos trabalhadores das bananeiras. Devido ao seu triunfo, o povo presencia a renúncia do ditador, a retração da Companhia e o triunfo de uma revolução popular.

Octavio Sansur (Tabio San ou Pablo Mondragón) é o personagem de destaque neste romance e principal líder da revolução popular. Mondragón é natural da costa sul onde havia trabalhado na construção de estradas. Depois de uma investida fracassada contra a vida do presidente da república, sai de lá fugido. Viaja muitos quilômetros, se esconde por caminhos subterrâneos, mastigando plantas misteriosas para mudar a fisionomia e trabalha por dois anos nas plantações de banana da costa atlântica “para compreender a vida dos peões”: Exacto y es lo que ahora voy a ser: trabajador de las plantaciones de banano, empezando desde abajo, como **esas semi-bestias que el paludismo se come en amarillo...**⁶⁰ (*Los ojos de los enterrados*, pp.178-9)

Agora retorna clandestinamente para sua cidade de origem a fim de reavivar o movimento contra a ditadura e contra a *Tropical Platanera*, com o objetivo de torná-lo nacional. A principal ameaça aos planos de greve geral *Tropical Platanera* propriamente dita, mas sim os muitos acordos feitos entre empresa e governo ditatorial que já levava catorze anos no poder (alusão ao governo de Jorge Ubico), comandado por *el fiero*. Ele acredita que com a queda do ditador a Companhia perderia parte de sua força.

Hundido en la babazón podrida de los esteros, entre el agua salada, como una de las raíces de ese gran manglar humano que son los trabajadores de la Platanera, te sentías contento, porque habías tocado en el fondo y a través de una red infinita de sufrimientos humanos, en la

⁶⁰ Grifos nossos.

plantación bananera, la raíz más profunda de la dictadura. **Dictadura se te hizo evidente que era inseparable de la Frutera, consubstanciales**⁶¹. Derrocar a la fiera militar de turno dejando la frutera intacta, era engañarse, y atacar a la compañía con el dictadorzuelo encima, era imposible. Había que acabar con las dos al mismo tiempo... (*Los ojos de los enterrados*, p.225)

A articulação entre o movimento dos trabalhadores das bananeiras (contra a Companhia) e o movimento dos profissionais liberais na capital e em outras cidades do país (contra o governo ditatorial) dá impulso para que a greve torne-se nacional.

A formação do Sindicato dos Trabalhadores de *Tiquisate* já era uma realidade e por conta disso, a gerência da Companhia viu-se obrigada a tomar uma atitude. Propunha aumentos e alguns benefícios desde que os trabalhadores se comprometessem a não se organizar. A greve geral, a renúncia do ditador, o baque na Companhia, tudo parecia concretizar-se frente aos olhos de Mondragón.

Debía aceptar que no. Aceptar? Palabra espantosa! Espantosa! **La realidad iba más allá de todo lo imaginado** y más antojaba un cuento aquel gran salón de la Universidad, donde como lanzas desnudas se alzaban los brazos de los estudiantes exigiendo a la *fiera* presidencial (...) **contestar a sus demandas** consignadas en un pliego que era algo así **como el acta de una nueva independencia**.

Era el comienzo de un *tiempo de ficción*.

Hubiera querido no decir aquella frase literaria. Pero, cómo designar de otra manera el paréntesis de luz que se abría en el cotidiano vivir de gentes de pan y sueño, **sino como un tiempo de ficción democrática**⁶², si los trabajadores organizados no le daban un contenido que fuera más allá del arrebató estrujador y embriagante de la libertad altibelisona, haciendo baja la cabeza a la Compañía, obligándola a aceptar sus demandas y dando permanencia de futuro a la marcha de campesinos y obreros hacia el poder... (*Los ojos de los enterrados*, p.399)

A *Tropical Platanera* sai com seqüelas daquela grande greve. Ainda demora um pouco para que “os enterrados fechem seus olhos e descansem em paz” (lenda indígena de que os mortos enterrados permaneciam de olhos abertos e que somente os fechariam no dia em que a verdadeira justiça fosse instaurada), pois mesmo que

⁶¹ Grifos nossos.

⁶² Grifos nossos.

“homens e mulheres estivessem agora cantando”, encontram-se ainda no “*umbral* da esperança”. Trata-se apenas do primeiro, porém principal, passo, o valor mínimo de uma magnitude, ou seja, a porta, a entrada, o início de algo muito maior.

La Dictadura y la Frutera caían al mismo tiempo y ya podían cerrar los ojos los enterrados que esperaban el día de la justicia. No, todavía no, pues sólo estaban en el umbral esperanzado de ese gran día. La esperanza no empieza en las cosas hechas, sino en las cosas dichas y si dicho fue “otras mujeres y otros hombres cantarán en el futuro”, ya estaban cantando, pero no eran otros, eran los mismos, era el pueblo... (...) (*Los ojos de los enterrados*, p. 492)

